

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ANTONIO DOMINGUES LOURO**

**CHÁCARA SANTO ANTONIO:  
dinâmicas num bairro verticalizado pós-desindustrialização**

**Orientador: Professora. Dra. Andrea Claudia Miguel Marques Barbosa**

**GUARULHOS**

**2015**

**Índice.**

<b><u>Introdução.</u></b>	<b>3</b>
<b><u>Capítulo 1. O desenvolvimento urbanístico da cidade de São Paulo e da Chácara Santo Antonio. O processo de industrialização do bairro.</u></b>	<b>17</b>
1.1. O crescimento da capital paulista.	17
1.2. Um lugar distante.	21
1.3. A chegada das indústrias.	31
<b><u>Capítulo 2. As formas de sociabilidade praticadas na Chácara Santo Antonio durante o período industrial.</u></b>	<b>36</b>
2.1. Um breve relato histórico.	36
2.2. A passagem do bucólico bairro estilo “cidade do interior” para o bairro industrial: Memórias e Narrativas.	38
<b><u>Capítulo 3. O pós-industrial e a sociabilidade na Chácara Santo Antonio.</u></b>	<b>71</b>
3.1. A desindustrialização.	71
3.2. O esvaziamento das ruas e os condomínios fechados.	76
3.3. Conflitos e olhares sobre o espaço público.	81
3.4. Os novos vizinhos, a indiferença e o medo.	93
<b><u>Conclusões finais.</u></b>	<b>105</b>
<b><u>Bibliografia utilizada.</u></b>	<b>108</b>

## **Introdução.**

Quando, ainda na graduação, pensei num trabalho sobre o bairro Chácara Santo Antonio o desejo era na verdade o de recordar, por meio de registros escritos e fotográficos, um período em que as pessoas normalmente revisitam em suas memórias depois que atingem uma determinada etapa da vida: o do tempo da infância e juventude em seus locais de origem que, pelo menos para mim, traduz-se em memórias de coisas boas e aventuras. Nesta época a minha única preocupação era o de ir bem nos estudos para os quais eu me dedicava uma parte do dia, sendo o restante do tempo usado para o desfrute e, como se costuma dizer, “jogar conversa fora”. Eu e meus amigos passávamos o tempo em reuniões nas esquinas, campinhos de futebol, calçadas e, claro, nos bailinhos de final de semana com o intuito de mostrar os últimos passos de dança embalados pelos sucessos ditados pelas rádios mais famosas na década de 1960-70 como a Difusora e a Excelsior. Eram nestes bailinhos que tentávamos arrumar “uma mina” com quem pudéssemos namorar e nos exibirmos aos colegas que não tinham tanta sorte no assunto.

No período entre 2008 a 2011 quando então fiz minha graduação em Ciências Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, logo a romântica vontade inicial deu lugar ao senso de oportunidade que se materializou num interesse de pesquisa e num planejamento de cunho mais pragmático: o de considerar as narrativas de memórias, fotos, facilidade de contatos com pessoas conhecidas e meu conhecimento do lugar e transforma-los num trabalho que promovesse reflexões antropológicas.

A ideia inicial para este trabalho era o de, através de entrevistas com conhecidos no bairro, minhas memórias e um considerável acervo fotográfico, produzir reflexões no âmbito da antropologia a respeito de uma determinada época e fazer isso com as pessoas que lá moram ou moravam.

Mas como costuma acontecer quando se parte de uma ideia inicial que envolva um trabalho de campo e a observação de lugares, pessoas e dinâmicas sociais que se estabelecem no local estudado, logo percebi que não seria suficiente entrevistar antigos conhecidos em busca de suas narrativas de memórias. As pessoas com quem primeiro entrei em contato, tanto se recordavam de épocas alegres vividas no bairro como também passavam a fazer reclamações do modo em que estavam vivendo atualmente em função de modificações ocorridas lá. Para elas o bairro se modificou tanto em suas estruturas como em sua dinâmica social: novas pessoas, novas atividades, ruas outrora tranquilas sendo agora ocupadas mais intensamente por veículos, trabalhadores do comércio local que cresceu, casas antes ocupadas

por famílias agora transformadas em escritórios, bares e lavanderias, prédios de universidades instaladas onde antigamente existiam conjunto de sobrados, fábricas... enfim, para os antigos moradores, o bairro se transformou por completo! A reflexão sobre as transformações ocorridas na Chácara Santo Antonio logo me fizeram pensar a respeito de um problema a ser pesquisado em meus trabalhos futuros sobre o bairro e as pessoas que lá estão. Portanto antes de discorrer sobre a própria metodologia que norteia o desenvolvimento desta pesquisa que aqui apresento, penso que, para melhor entendimento sobre as formas de sociabilidade que foram e estão sendo praticadas no local na atualidade, seja necessário dedicar boa parte do trabalho na descrição e análise de tais transformações. Quais foram as práticas urbanísticas exercidas ao longo do século XX na cidade de São Paulo e que acabaram por atingir a região do bairro estudado? E também como ocorreu o processo de industrialização desta mesma região iniciado a partir do início da década de 1950? Um levantamento e descrição destas transformações compõem o primeiro capítulo da monografia. O segundo capítulo trata das formas de sociabilidade praticadas na Chácara Santo Antonio durante este período de urbanização e industrialização do bairro. O terceiro capítulo descreve o processo de desindustrialização do bairro, as modificações ocorridas nos estilos de se residir na cidade que determinaram um dos padrões de segregação sócio espacial entre ricos e pobres descritos por Tereza Caldeira (2000), culminando na intensificação do processo de verticalização de moradias, bem como na chegada dos condomínios fechados e apartados do espaço público que atualmente atinge boa parte da Chácara Santo Antonio. Este capítulo também será dedicado às formas de sociabilidade e dinâmicas sociais no contexto da desindustrialização da Chácara Santo Antonio. Oportuno lembrar que, mesmo não sendo o objeto da pesquisa atual, tais práticas de transformação da paisagem espacial da cidade por forças do interesse de poderes do Estado, elites e grupos econômicos formam um pano de fundo para minhas reflexões. Estas análises macrossociais e econômicas nos remetem a uma reflexão de José Guilherme C. Magnani sobre diferentes perspectivas para se entender as dinâmicas urbanas. A perspectiva macro seria assim, para o autor, um olhar *de longe e de fora* (MAGNANI, 2002) e essa perspectiva se constitui numa antropologia da cidade:

Em primeiro lugar, observa-se a ausência dos atores sociais. Tem-se a cidade como uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de lobbies políticos, variáveis demográficas, interesses imobiliários e outros fatores de ordem macro, parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade [...]. (MAGNANI, 2002: 14).

A mobilização desta perspectiva neste trabalho tem como objetivo criar o recorte e contextualização espaço-temporal onde as formas de sociabilidade serão descritas e analisadas. Nossa pesquisa etnográfica objetiva de uma forma geral compreender as formas sociabilidade praticadas na Chácara Santo Antonio em períodos diferentes demarcados temporalmente por diferentes protagonismos econômicos e modificações na paisagem da região que acabaram por influir diretamente na dinâmica social do bairro. Para esta dissertação desenhei como objetivo o mapeamento das formas de sociabilidade praticadas no bairro durante o período industrial e atualmente como bairro de serviços e comércio e que envolvam moradores atuais e antigos que ainda permanecem no bairro, como também as de pessoas que lá estão em determinadas partes do dia - quer trabalhando ou estudando - nesta nova situação do bairro em seus diferentes espaços e atividades. Meu objetivo nesse processo foi o de produzir reflexões sobre a relação com o espaço público dos que lá ainda moram e de redes de sociabilidade que foram construídas nos últimos trinta anos.

Feito estes esclarecimentos iniciais, passo agora às considerações metodológicas que trazem mais para perto as atividades relacionadas ao trabalho de campo realizado nos espaços do bairro estudado.

Nunca é demais discorrer sobre a principal metodologia utilizada pelo pesquisador da área das ciências sociais: a pesquisa etnográfica.

De maneira geral, esta metodologia lança mão de diversas técnicas específicas como entrevistas, registro de narrativas, impressões, conversas informais a respeito de determinados assuntos, coleta de documentos escritos e fotográficos de tal sorte a ter material necessário para se produzir um conjunto de reflexões sobre o objeto recortado para a pesquisa.

Como bem nos lembra Mariza Peirano (1995) quando da ocasião da escolha do objeto a ser estudado e levando-se em consideração a natureza deste, o contexto histórico-cultural e a dificuldade de acesso, o pesquisador deverá planejar então as técnicas de abordagem para obtenção de dados bem como se apropriar das considerações de autores clássicos como também das dos mais contemporâneos que, com suas pesquisas produzidas e relevância das mesmas, compõem a história da própria antropologia como ciência.

Destas decisões das ações no trabalho de campo e que se constituirão no trabalho etnográfico, decorre também o conjunto das experiências e dificuldades experimentadas pelo pesquisador. Mariza Peirano nos faz lembrar bem das dificuldades inerentes ao trabalho de campo em função da escolha do objeto e de suas características:

A experiência de campo depende, entre outras coisas, da biografia do pesquisador, das opções teóricas dentro da disciplina, do contexto sócio-histórico mais amplo e, não menos, das imprevisíveis situações que se configuram no dia-a-dia, no próprio local da pesquisa, entre pesquisador e os pesquisados. Eis aí, talvez, a razão pela qual os projetos de pesquisa dos estudantes de antropologia sempre esbarram no quesito metodologia, quando estes competem por recursos com colegas de outras áreas de ciências sociais. ( PEIRANO, 1995: 22).

Destas afirmações da autora, registro aqui que, com relação ao meu trabalho de campo, as dificuldades e surpresas deram-se mais com relação ao contato com moradores e usuários dos espaços do bairro, como também no próprio processo de abordagem de pessoas que estivessem dispostas a dar declarações, relatar histórias de vida, convivência com conhecidos e amigos. Partindo de um pressuposto de que seria relativamente fácil a obtenção de informações de pessoas com as quais convivi mais estreitamente na adolescência e juventude e com outras com as quais pelo menos mantive laços de vizinhança, logo percebi no início dos trabalhos a necessidade de mudança no modo de aproximação das pessoas. Questionários com perguntas fechadas do tipo: Há quanto tempo mora no bairro? Quantos anos tem? O que mais gosta no bairro? E assim por diante, num interminável interrogatório sem que as pessoas pudessem interromper e fazer colocações importantes e que marcaram suas vidas como moradores e observadores, logo me fizeram refletir sobre a necessidade de mudança na estratégia das entrevistas estruturadas. Passei então a formular cinco ou seis perguntas que servissem de base para uma narrativa mais descontraída por parte dos entrevistados. As perguntas não eram mostradas para os entrevistados; unicamente serviam de roteiro para a produção das narrativas e formulação de outras perguntas em função do desenrolar destas. Quanto à abordagem das pessoas conhecidas, logo no início experimentei duas decepções: uma tentativa frustrada de contato com a coordenadora de ensino da escola em que concluí o primário e também com uma senhora conhecida e proprietária de um pequeno bazar ainda em funcionamento onde tive de ouvir um “não tenho tempo para entrevistas...estou muito ocupada!”. Tal tipo de reação penso ser devido à surpresa e a uma abordagem muito direta já num primeiro encontro!. Problemas desta natureza foram driblados em outras abordagens de moradores e principalmente em se tratando de donos de comércio no bairro pela introdução de um tempo para que se estabelecesse algum vínculo e diminuísse a surpresa. Entrar num bar para “tomar um café”, na relojoaria pedindo uma colocação de pilha no relógio de pulso, uma compra de livro no sebo local e um bate-papo informal funcionou

como um “abrir de portas” para uma entrevista futura. Com moradores antigos passei antes a fazer um contato pessoal andando pelas ruas do bairro ou mesmo um contato telefônico explicando a natureza e o propósito do trabalho marcando assim uma data para obtenção de dados e relatos. Esta maneira de abordagem de pessoas mesmo que conhecidas por se ter vivido uma boa parte da vida no mesmo bairro, veio da percepção de que em muitas ocasiões estas mesmas pessoas não se sentem totalmente à vontade para fazerem relatos, principalmente quando se referem à própria vida.

Aprendi no processo da pesquisa que, em se tratando de trabalho de campo e com grupos de pessoas, quer familiares ou conhecidos e que são abordadas para darem suas opiniões sobre determinados assuntos e acontecimentos que fazem parte das suas próprias histórias de vida, as dinâmicas e técnicas que produzirão dados a partir deste contexto devem ser adaptadas a cada situação. Em outras palavras: os trabalhos e a dinâmica de cada pesquisa são, por vezes, adaptados e se identificam com a própria natureza de cada pesquisa em particular. Desta conclusão advinda do empirismo em minha pesquisa, podemos lembrar uma outra colocação feita por Peirano em suas conclusões à respeito do *fazer antropológico*:

Não há cânones possíveis na pesquisa de campo, embora haja, certamente, algumas rotinas comuns, além do modelo ideal. E se não há cânones no sentido tradicional, talvez não se possa ensinar a fazer pesquisa de campo como se ensinam, em outras ciências sociais, métodos estatísticos, técnicas de *surveys*, aplicação de questionários. (PEIRANO, 1995: 42).

É justamente deste aspecto das adversidades e surpresas de um processo de pesquisa qualitativa que geram necessidades de adaptações em relação às técnicas, que podemos lembrar de uma certa dimensão “artesanal” (Mills, 2009) das práticas etnográficas e das quais o pesquisador lança mãos em sua pesquisa. Sobre outro aspecto relevante com relação ao processo de pesquisa etnográfica, devemos lembrar aqui de uma característica que, não raro, nela se apresenta: o da familiaridade e conhecimento do local pesquisado, experiências passadas neste, bem como o fato de se conhecer pessoas, rotinas e grupos sociais ali presentes. Tal familiaridade pensada pelo pesquisador pode leva-lo a conclusões que muitas vezes não refletem o cotidiano e a visão dos grupos estudados. Digo isto, pois durante entrevistas com pessoas com as quais convivi na infância, adolescência e juventude, obtive relatos que por muitas vezes me fizeram refletir sobre minhas próprias percepções e experiências a respeito do bairro e da ocupação de seus espaços. Temos aqui novamente uma outra característica inerente, neste caso, à etnografia produzida para este trabalho: o de

entrevistar pessoas tendo eu já convicções pré-concebidas resultantes da minha experiência no bairro como já foi dito. Tais convicções foram sendo postas em cheque já desde os primeiros contatos com pessoas do meu círculo de conhecimento e com as que acabei conhecendo ao longo da pesquisa percorrendo o bairro. Voltamos aqui a um problema conhecido no campo das ciências sociais que diz respeito à necessidade da distância necessária do pesquisador em relação ao objeto pesquisado a fim de não se correr o risco de produzir conclusões precipitadas ou distorcidas. Gilberto Velho em seu texto *Observando o Familiar* procura problematizar a questão, não deixando de refletir sobre o envolvimento inevitável do pesquisador com o seu objeto de pesquisa e como isto é encarado pela comunidade acadêmica:

Uma das mais tradicionais premissas das ciências sociais é a necessidade de uma *distância* mínima que garanta ao investigador condições de *objetividade* em seu trabalho. Afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos *imparciais* a realidade, evitando *envolvimentos* que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões [...]. Sem dúvida essas premissas ou dogmas não são partilhados por toda a comunidade acadêmica. A noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição, já foi clara e precisamente enunciada<sup>1</sup> (VELHO, 2013: 69).

Neste texto, Velho aborda a questão do distanciamento tanto social quanto psicológico que existe quando o pesquisador e o grupo pesquisado pertencem à diferentes culturas e contextos nacionais distantes. Demandam destes fatos tempos de aproximações e contatos mais prolongados com o intuito de se produzir reflexões satisfatórias em relação ao objeto pesquisado e que, segundo Da Matta (1974)<sup>2</sup>, resulta em transformar o exótico em familiar.

Diferentemente, quando o pesquisador pertence ao mesmo grupo cultural ou nacionalidade, pela proximidade de aprendizado e a articulação da mesma língua e valores, Gilberto Velho comenta que Da Matta coloca a perspectiva inversa, ou seja, transformar o familiar em exótico.

Contudo, Gilberto Velho (2013) pelos relatos de estudo em comunidades a que já pertenceu e conhecedor dos costumes e rotinas de indivíduos moradores do mesmo bairro que o seu, no caso o de Copacabana, conclui que não há consenso de opiniões e perspectivas resultantes das várias vivências de pessoas numa mesma espacialidade urbana:

---

1. Ver por exemplo o trabalho de Howard S. Becker, “De que lado Estamos”, in *Uma Teoria da Ação Coletiva*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977. (Nota de rodapé No. 2 Capítulo 6).

2. Em “Ofício do etnólogo ou como ter ‘antropological blues’”, in *Publicações do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional*, 1974. Nota de rodapé no. 3.

Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social, onde a disposição dos atores me é familiar; a hierarquia e a distribuição de poder permitem-me fixar, *grosso modo*, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isto não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam. O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico. (VELHO, 2013: 74).

Estas reflexões são pertinentes e mesmo necessárias nesta pesquisa pois no caso da Chácara Santo Antonio, as pessoas que lá ainda moram e as que vieram morar mais recentemente, têm histórias que começam com a própria chegada ao bairro em épocas, circunstâncias e necessidades diferentes e ainda com acontecimentos vividos e testemunhos de transformações diversos e que levam a narrativas e sentimentos resultantes destas permanências por vezes divergentes. Se para mim o bairro sempre foi um espaço de convivência, amizades e aventuras, para outros pode ter sido o símbolo de uma mudança significativa de local de moradia, esperanças de um bom emprego e assim por diante. Ainda lembrando Gilberto Velho e trazendo antigas lembranças para o presente, é pertinente outra observação do autor:

Da janela de meu apartamento vejo na rua um grupo de nordestinos, trabalhadores de construção civil, enquanto alguns metros adiante conversam alguns surfistas. Na padaria há uma fila de empregadas domésticas, três senhoras de classe média conversam na porta do prédio em frente; dois militares atravessam a rua. Não há dúvida de que todos esses indivíduos e grupos fazem parte da paisagem, do cenário da rua, de modo geral estou habituado com sua presença, há uma familiaridade. Mas, por outro lado, o meu conhecimento a respeito de suas vidas, hábitos, crenças, valores é altamente diferenciado. (VELHO, 2013: 72).

Outro aspecto a ser lembrado é o fato de que maior parte das entrevistas feitas foram com pessoas que residem no bairro desde há muito e com outras que já residiram lá durante boa parte de suas vidas. Disto decorre que muitas narrativas de memórias surgiram como resultado destas entrevistas. Tais narrativas foram produzidas, em algumas situações, de uma forma mais individualizada e que trouxeram à tona memórias resultantes das experiências de cada uma destas pessoas e de suas próprias histórias de vida no local. Em outras ocasiões, tais narrativas foram produzidas a partir conversas mais informais de grupos de amigos que conviveram no bairro em determinada época. Muito nos ajudou as reflexões de Ecléa Bosi em

sua obra *Memória e Sociedade*(2001) que nos traz uma discussão sobre a memória e sua produção sob uma perspectiva social. A autora reflete sobre o tema recorrendo às afirmações de outros dois estudiosos sobre a memória e sua gênese: Henri Bergson e Maurice Halbwachs. A autora nos lembra da sistematização que Bergson utiliza nas explicações das características da memória e que, segundo este, a gênese desta seria unicamente de uma produção subjetiva, do espírito e que tomaria duas formas distintas. Uma delas e que, na verdade, estaria na fronteira do espírito com o mundo material, consistiria numa memória do próprio organismo resultante do histórico psíquico, desdobrando-se em ações quando da interação do espírito/corpo com o meio ambiente. Em outras palavras, seria a memória adquirida da própria interação com o mundo exterior no processo vital do indivíduo. A outra forma e que Bergson denomina de forma mais pura, seria aquela memória que não se destina à mecânica vital, mas sim a de estar num processo contemplativo do histórico de vida e que o autor chama de lembrança. Contudo, Bergson atribui a formação destas memórias à uma atividade unicamente subjetiva e que na opinião de Bosi, não há uma problematização na esfera do social. A autora, então, faz uma crítica a esta formulação lançando mão das reflexões de Halbwachs que segue uma matriz mais durkheiminiana da ação coercitiva do fato social:

Não há no texto de Bergson, uma tematização dos sujeitos-que-lembram, nem das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas; como estão ausentes os nexos interpessoais, falta a rigor, *um tratamento da memória como fenômeno social*. Nada como um sociólogo para se propor a preencher este vazio. Fazendo-o, acaba modificando, quando não rejeitando, os resultados a que chegara a especulação de Bergson. Halbwachs desdobra e em vários momentos refina a definição de seu mestre, Émile Durkheim: "Os fatos sociais consistem em modos de agir, pensar, e sentir, exteriores ao indivíduo e dotados de um poder coercitivo pelo qual se lhe impõem".[...] Halbwachs não vai estudar a memória, como tal, mas os "quadros sociais da memória".[...] (DURKHEIM apud BOSI, 2001: 54).

De fato, considerando situações práticas, colhendo informações em meio à entrevistas com pessoas conhecidas, por muitas vezes as narrativas de memória destas sofriam quase que de maneira automática alguma confirmação de acontecimentos, ou mesmo em conversas informais com o grupo de amigos, certas convicções vinham à tona e eram socializadas e transformadas em narrativas de memórias coletivas: "Você lembra daquele circo que ficava no terreno onde é hoje o colégio?[...]...Lembra que o "alemão" não tinha muita responsabilidade, ele aprontava demais...Vocês não acham?[...]... É verdade, o "sombra" era diferente da gente... Se vestia diferente! [...]... Naquela época a gente podia ficar na rua, era

mais calmo[...]...O bairro tinha um ar bucólico quando chegava a noite...Aí vieram as universidades e ficou tudo diferente![...]”. Bosi problematiza o processo da reconstrução da memória apoiada nas afirmações de Halbwachs:

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver mas refazer, reconstruir, pensar, com ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, tal “como foi” e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual.[...]. A lembrança bergsoniana, enquanto conservação total do passado e sua ressurreição, só seria possível no caso (afinal, impossível) em que o adulto mantivesse intacto o sistema de representações, hábitos e relações sociais de sua infância. (BOSI, 2001: 55).

A autora lembra ainda a característica da memória como uma construção social e sua importância como testemunho de um passado a ser transmitido e como memórias individuais se apoiam num consenso social já apontado: “Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva[...] (BOSI, 2001:43)” :

[...]como transmitiríamos a nossos filhos o que foi a outra cidade, soterrada embaixo da atual, se não existem mais velhas casas, árvores, os muros e os rios de outrora? [...]. Deixamos de ser, por um momento, os univisionários da cidade antiga que só existia em nós e que, de repente, ganha a sanção de uma testemunha: passa a ser uma lembrança coletiva, portanto uma realidade social. O mapa de nossa infância sofre contínuos retoques à medida que nos abrimos para outros depoimentos.[...]. As lembranças grupais se apoiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. (BOSI, 2001: 413, 414).

Importante lembrar ainda que, de acordo com a autora, além do aspecto contributivo das lembranças individuais que se combinam e constroem um consenso para os fatos, temos também que a própria ocorrência de alguns destes acabam por demarcar uma sucessão de etapas nas memórias individuais:

Chama-nos a atenção com igual força a sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamentos, empregos, festas. [...]. (BOSI, 2001: 415).

Resta ainda discorrer sobre outro recurso metodológico que, juntamente com a pesquisa que originou os recortes temporais descritos neste trabalho como também as narrativas e reflexões sobre estas, procuraram dar ênfase às formas de sociabilidade praticadas por moradores e usuários do bairro em temporalidades e protagonismos econômicos distintos: a utilização de documentação fotográfica obtida de arquivos, de álbuns de família e por vezes produzida pelo próprio pesquisador quando necessário.

Quando utilizamos documentação fotográfica e que no caso desta pesquisa servirá como recurso explicativo às afirmações de registros escritos, devemos levar em consideração a problematização que se faz em relação ao nível interpretativo de fotografias históricas.

A leitura de registros fotográficos bem como iconográficos, em especial aqueles produzidos em temporalidades diversas à temporalidade da de suas análises, deixa uma gama de possibilidades interpretativas. Miriam Moreira Leite (2001) em suas pesquisas sobre registros e interpretações fotográficas, nos alerta sobre esta possibilidade e limitação das ações interpretativas, dado o registro fotográfico, diferentemente do escrito, possuir uma polissemia em sua leitura referentes aos elementos, espacialidades, propósitos do fotógrafo e dos próprios fotografados:

Já na fotografia e na iconografia lidamos com a comunicação aparentemente direta da imagem, para procurar em suas características uma significação que não se expressa diretamente [...]. Acrescente-se que as imagens precisam ser traduzidas por palavras, tanto para que sua análise como para sua comunicação, o que acrescenta à polissemia da imagem as ambiguidades provocadas pela alteração do código. [...]. (MOREIRA LEITE, 2001: 15, 16).

O fato de utilizarmos registros fotográficos em trabalhos científicos não nos leva necessariamente a reconhecermos nos elementos e na espacialidade que compõem a fotografia os reais objetivos e propósitos quando da produção da mesma. Fotógrafo e fotografados, no caso de documentos fotográficos históricos, têm como “pano de fundo” na produção de tais registros, conjecturas histórico-culturais, fatos e acontecimentos, costumes que, por assim dizer, moldam o quadro fotografado: técnicas, profundidade, ordem de agrupamento, acontecimentos, costumes podem estar ditando ou não a composição a ser fotografada. Tais

elementos fixados numa determinada temporalidade, podem limitar ou levar a interpretações errôneas em relação aos objetivos de quem produziu o registro fotográfico.

Consciente das limitações inerentes ao uso das fotografias em qualquer pesquisa, e nessa em especial, penso ser importante atentar para o que a autora afirma sobre a leitura que podemos fazer sobre os elementos registrados em documentos fotográficos (espacialidades em determinadas épocas, formas de se vestir, aspectos urbanísticos, etc), uma vez que o propósito da pesquisa não é o de se fazer uma análise profunda de registros fotográficos e sim utilizá-los como elementos de apoio à descrição de determinadas temporalidades e formas de sociabilidade como já dito. Para tanto procurei introduzir legendas nas fotos presentes neste trabalho que levassem o leitor a acompanhar as leituras que fiz delas em relação às circunstâncias em que as dinâmicas sociais transcorriam no bairro estudado em determinadas temporalidades.

Deve-se ter esta preocupação face às limitações interpretativas de registros fotográficos históricos e, com especial atenção, na apropriação de instantâneos de álbuns de família, como no caso os que pertencem à dona Idalina, uma das pessoas entrevistadas durante a pesquisa:

Ao se tornarem públicos, ou seja, quando estes instantâneos são arrancados de redes de relações conhecidas e significativas, como quando estão conservados em álbuns ou coleções de famílias, para enfrentar esquemas interpretativos os mais variados, ao serem inseridas em coleções ou arquivos públicos, sofrem alterações em suas informações/desinformações primitivas. Quando o fotógrafo, os fotografados, os conservadores das fotografias ou seus utilizadores ocasionais não compartilham o mesmo código simbólico, a leitura pode ser bastante diversificada, atestando que o realismo da fotografia tem entraves que precisam ser compreendidos para não compromete-la. (MOREIRA LEITE, 2001:31).

Os registros fotográficos apresentados neste trabalho foram escolhidos com o objetivo de enriquecer a análise das práticas de sociabilidade ocorridas nos espaços do bairro Chácara Santo Antonio em temporalidades e protagonismos econômicos diferentes. Portanto a escolha e as leituras das fotografias aqui presentes, fazem parte do movimento interpretativo que realizo em relação a estas práticas de sociabilidade e não tem a ver com uma busca pela intenção original do autor ao realizar a imagem, mas sim com os sentidos possíveis delas no contexto de pesquisa ao qual elas aqui estão relacionadas. Andrea Barbosa em seu texto “Fotografia: Narrativas e experiências” (2016) procura aprofundar a questão da interpretação no que diz respeito à própria subjetividade como característica que os registros fotográficos carregam em potencial. A autora nos leva a refletir sobre outras possibilidades de

interpretação de um registro fotográfico além daquela que objetivamente motivou a produção deste: a escolha do recorte, os planos do registro, iluminação e outros recursos utilizados darão suporte ao resultado esperado pelo fotógrafo, resultado este guiado segundo suas próprias experiências espaço-temporais e que se transformam no desejo de perenizá-las através do registro fotográfico.

Quando tais registros abrem-se à apreciação coletiva, surgem daí interpretações outras além daquela original do seu criador e que também serão resultado de experiências espaço-temporais individuais ou coletivas:

Quando fotografamos um espaço vivido, a fotografia pode também agir produzindo um lugar. Nesse movimento de criação ela mobiliza experiências e memórias e abre-se na sua potência háptica, não como uma recordação do passado, mas como uma articulação entre o desejo e o vivido, tornado possível pelo exercício da imaginação. O papel que a fotografia pode exercer nesse processo pode variar de acordo com a percepção individual, incluindo não somente lugares que existem como também lugares imaginados ou rememorados. (BARBOSA, 2016: 02).

Neste sentido, Barbosa nos sugere que o registro fotográfico possui além do que ela denomina de uma primeira face que seria aquela mostrada pelos elementos e a espacialidade visível registrada no ato de fotografar, outras faces mais que ganham sentido pelas subjetividades, pela história vivida daqueles que observam tais registros. A este movimento, a autora sugere o termo “espreitar” (BARBOSA, 2016) os registros e que, individual ou coletivamente levam à narrativas que são construídas por esse espreitamento:

Há questões que não podem ser apreendidas das imagens em si, mas sim a partir das falas sobre elas. Nesse caso, olhar não dá conta da experiência que a imagem fotográfica possibilita. Minha proposta é que façamos aqui um exercício cujo primeiro passo é o movimento do espreitamento. Tomo a noção de espreitamento de Michel de Certeau (1994), que na busca da compreensão dos processos e narrativas do cotidiano nos traz uma imagem de Marguerite Duras sobre a leitura como um ato feito no escuro. A leitura é assim, para Certeau, é um ato de espreitamento, uma viagem nômade, sem paradas obrigatórias, pois ler é “constituir uma cena secreta”, lugar onde se entra à vontade.; é criar cantos de sombra e de noite numa existência submetida à transparência tecnocrática. O espreitamento é um movimento não assertivo, exploratório. (BARBOSA, 2016: 05).

Das reflexões de Barbosa sobre as diversas faces interpretativas propiciadas pelas

imagens fotográficas e que se produzem nas narrativas do espaço-tempo vivido, narrativas estas possibilitadas pelo espreitamento e pela capacidade das fotografias de nos fazer falar, devo considerar aqui como se processou minha escolha das fotos que pudessem traduzir determinadas circunstâncias onde formas de sociabilidade foram desenvolvidas na Chácara Santo Antonio ao longo do tempo e das transformações ocorridas lá. Analisando fotos de álbum de fotografias e tendo vivido no bairro, não pude deixar de criar mentalmente narrativas que me transportassem à época de suas produções. Membros de famílias e amigos reunidos no portão de residências com um cenário ao fundo mostrando matagais, crianças brincando em ruas ainda de terra apresentando poucas moradias me fizeram recordar de pronto que também quando criança pude viver situações semelhantes. Uma foto de adultos na calçada mostrando ao fundo um banco, assim como o registro fotográfico de um grupo de rapazes reunidos numa esquina, mostraram para mim como era costume estas práticas de se formarem turmas que ocupavam determinadas localidades distintas umas das outras e presentes nos bairros, criando “territórios” onde se articulavam códigos de identidade, de conversas e práticas que caracterizam tais turmas. Outros exemplos mais poderiam ser dados, contudo o importante a destacar aqui é como a construção de uma imagem espaço-temporal toma lugar a partir da experiência vivida refletindo na escolha das imagens que podem melhor expressar/evocar determinadas práticas de sociabilidade num bairro que se transformou ao longo do tempo. Toda pesquisa é fruto de muitas relações que acolhem limites e potencialidades: relações entre o pesquisador e seus interlocutores, entre o pesquisador e as imagens que escolhe, entre o pesquisador e seu próprio passado e presente. Esta não é diferente.



**Fig. 01. Dna. Idalina com seu álbum de família em sua residência na Rua Fernandes Moreira no bairro Chácara Santo Antonio. Foto do autor (2011).**

## **Capítulo 1. O desenvolvimento urbanístico da cidade de São Paulo e da Chácara Santo Antonio. O processo de industrialização do bairro**

### **1.1. O crescimento da capital paulista**

As cidades industriais modernas são caracterizadas tanto pelo adensamento e diversidade das representações de espaço como pela pluralidade cultural e social que possuem. Podemos dizer, de certa forma, que as cidades e metrópoles como São Paulo se apresentam nos aspectos indicados acima como sendo resultantes dos diversos interesses de grupos sociais, viabilizados pelos poderes destes grupos, quer sejam econômicos ou políticos. Tais interesses por vezes se conflitam considerando a diversidade cultural e social apontada acima. Estas reflexões encontram respaldo nas afirmações de Octávio Ianni (1999), quando o autor analisa as características urbanas de cidades e metrópoles:

Em diferentes épocas e nos mais distintos contextos geo-históricos, são muitas as grandes cidades que tem simbolizado ou estão simbolizando muito do que se produz, se realiza ou se imagina sobre a organização, o funcionamento, os impasses, as rupturas, as transformações e os horizontes da sociedade. [...]. Simultaneamente, a grande cidade tem sido e continua a ser cada vez mais um laboratório excepcional. Praticamente tudo o que diz respeito à sociedade, seja esta nacional ou mundial, aí se experimenta, realiza ou frustra. Aí se imaginam, se concretizam ou se evaporam ideias de todos os tipos, sobre os mais diferentes aspectos da vida social. São correntes de pensamentos políticas, artísticas, científicas, filosóficas e religiosas, entre outras, que emergem e propagam, ou se experimentam e se frustram, no jogo das forças sociais. (IANNI, 1999: 15, 16).

Neste jogo de forças sociais apontado por Ianni, deve-se destacar que a expressão física urbana, tanto na sua paisagem como em sua organização econômica e política são resultantes da interação, muitas vezes nada pacífica, entre interesses de poderes econômicos e políticos com as forças sociais apontadas. Cidades como São Paulo concentram grande atividade do capital e sua acumulação em suas formas industrial ou financeira ou ainda na atividade de serviços e comércio. O crescimento da cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX teve como forças atuantes no espaço urbano, o próprio processo de industrialização da cidade que também determinaram, em alguma medida, a organização ecológica da cidade, nos termos que Park pensou a partir de sua pesquisa sobre Chicago nos anos 1930:

Existem forças atuando dentro dos limites da comunidade urbana – na verdade, dentro de qualquer área de habitação humana – forças que tendem a ocasionar um grupamento típico de sua população e instituições. [...]. Transporte e comunicação, linhas de bonde e telefones, jornais e publicidade, construções de aço e elevadores [...] são fatores primários na organização ecológica da cidade. ( PARK, 1967: 30).

Petroni lembra do ocorrido na cidade de São Paulo no processo de industrialização no século XX:

No que se refere à paisagem urbana, cumpre observar que, em São Paulo, não se formaram áreas tipicamente industriais, exclusivamente por fábricas. Sendo o parque industrial paulistano caracterizado pelo predomínio de fábricas de tamanho médio e pequeno, destinadas principalmente à transformação, o que se presencia é a intercalação de estabelecimentos fabris no meio de residências proletárias e, conseqüentemente, o aparecimento de verdadeiros bairros mixtos, industriais e residenciais a um só tempo.[...]. A presença das ferrovias acrescenta novos elementos a essa paisagem: são as passagens de nível com suas porteiras e os seus periódicos estrangulamentos de tráfego; são as estações e os seus respectivos pátios de manobra; [...]. (PETRONI, 1955: 130).

Tereza Caldeira (2000) também nos mostra como estas forças atuantes resultantes da ação de poderes políticos e econômicos acabam por resultar em formas de segregação sócio espacial no processo de construção da metrópole de São Paulo:

A segregação – tanto social como espacial – é uma característica importante das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação. Essas regras variam cultural e historicamente, revelam os princípios que estruturam a vida pública e indicam como os grupos sociais se inter-relacionam no espaço da cidade. Ao longo do século XX, a segregação social teve pelo menos três formas diferentes de expressão no espaço urbano de São Paulo. A primeira estendeu-se do final do século XIX até os anos 1940 e produziu uma cidade concentrada em que os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana pequena e estavam segregados por tipos de moradia.[...]. (CALDEIRA, 2000:211).

Ao nos debruçarmos sobre o processo de expansão física da cidade de São Paulo, em alguns aspectos, podemos observar que nas primeiras décadas do século passado o centro da cidade e áreas próximas concentravam diferentes tipos de residências e formas produtivas e onde praticamente ricos e pobres moravam lado a lado. Esta situação é bem representada

pelos Palacetes Prates no vale do Anhangabaú e pelos cortiços próximos na Avenida Nove de Julho.



**fig. 02. Os Palacetes Prates no vale do Anhangabaú nos anos 1930. Foto obtida em: <http://www.google.com.br/#q=Palacetes+Prates+no+anos+30>. Acessado em 05/04/2016.**



**Fig. 03. Cortiço localizado na atual Avenida Nove de Julho na década de 1930. Foto: B. J. Duarte. Obtido em: <http://www.google.com.br/#q=Cort%C3%A7os+cortiços+de+S%C3%A3o+Paulo+1930>. Acessado em 16/11/2015.**

A ação urbanística na cidade de São Paulo e da qual resultou uma segregação sócio espacial, iniciou-se já no final do século XIX, quando o poder público começou a definir a zona urbana da cidade e a criar condições do de assentamento das classes pobres para longe do centro, numa ação de práticas higienistas como nos lembra Raquel Rolnik (1999):

Este movimento se expressa, pioneiramente, no Código de Posturas de 1886 (art. 20 e seguintes), quando se demarca pela primeira vez uma zona urbana (correspondente à área central da cidade), onde se proibia a construção de cortiços. O desenho dessa zona foi sendo sucessivamente reatualizado, sem entretanto, romper com a concepção básica de se manter uma zona urbana cada vez mais minuciosamente regulada e uma vasta zona suburbana (e rural) que poderia ser ocupada com usos urbanos vedados para a primeira, tais como matadouros, cemitérios, indústrias mal cheirosas e... cortiços. (ROLNIK, 1999: 103).

Contudo, se por um lado as práticas higienistas do urbanismo procuraram levar os pobres para longe do centro da cidade, por outro, favoreceram a instalação das classes abastadas em localidades consideradas privilegiadas sob o ponto de vista topográfico e de valorização: “[...] a legislação encarregou-se, desde cedo, de demarcar espaços ainda mais restritos e protegidos: os loteamentos exclusivamente residenciais da elite paulistana” (ROLNIK, 1999: 103). É neste contexto de segregação sócio espacial baseada em códigos urbanísticos e de acordo com os interesses de poderes econômicos da elite paulistana, que surgiram os bairros de Campos Elíseos (1879) e Higienópolis (1890). Deste modo, ricos começaram a se instalar em localidades consideradas nobres, enquanto pobres e trabalhadores foram “empurrados” cada vez para mais longe do centro urbano pelo próprio poder público através de “incentivos” às classes menos favorecidas:

Os incentivos são de dois tipos: o estabelecimento legal de um padrão distinto – leia-se uma maior intensidade de ocupação horizontal do lote (um “conforto operário”) – e a implantação, por parte do governo, de trens de subúrbio ligando os locais aos centros de emprego, além da isenção de todos os impostos municipais e estaduais que incidem sobre a construção [...]. (ROLNIK, 1999: 106).

A classe trabalhadora procurando condições de moradia mais acessíveis seguiu o movimento de expansão imobiliária ao longo do eixo ferroviário em sentido leste, acabando por se concentrar em loteamentos abertos e que atualmente se constituem em bairros como os de Guaianases e São Matheus. As classes mais abastadas que ocupavam o centro migraram para a região onde se localiza o bairro de Higienópolis que surgiu de práticas urbanísticas por

parte dos governos municipal e estadual no sentido de localizar este grupo social em partes mais altas da cidade e também para os bairros-jardins (como o Jardim América e o Jardim Europa) planejados pela Cia. City a partir de 1915 (ANDRADE & COELHO JR., 2013).

Foi por este processo que trabalhadores e pobres ocuparam ao longo do século XX as áreas distantes do centro paulistano morando em residências, como observa Tereza Caldeira, em sua maioria autoconstruídas e sem incentivo de financiamentos: “[...] o processo a longo prazo pelo qual os trabalhadores compram um lote, constroem um quarto ou um barraco no fundo do lote [...] gastam décadas expandindo e melhorando [...]” (CALDEIRA, 2000: 221). Neste processo geral de crescimento urbano da cidade de São Paulo e de realocização de classes sociais segundo critérios e ações de poderes públicos e de grupos econômicos, podemos situar também o próprio crescimento urbano na região onde se localiza a Chácara Santo Antonio que até o início da década de 1950 se apresentava como um bairro distante do centro da cidade, em processo de urbanização, com um baixo índice de equipamentos e benfeitorias e que ainda mantinha uma certa paisagem bucólica devido à uma grande quantidade de terrenos baldios, bosques e resíduos de mata atlântica e que se mantiveram presentes até meados da década de 1960.

## **1.2 Um lugar distante.**

O bairro Chácara Santo Antonio pertence ao distrito de Santo Amaro localizado na Zona Sul da capital paulista. Atualmente caracteriza-se por ser um bairro de classe média alta, possuindo em sua parte mais baixa próxima a Marginal Pinheiros, uma concentração de prédios onde se encontram empresas do capital financeiro internacional, escritórios de grandes indústrias nacionais e internacionais e de serviços e comércio. No final do século XIX, o bairro surge da ação do retalhamento territorial de sítios e chácaras na região de Santo Amaro. O principal proprietário destas terras foi o português Antonio Miranda de Borba. Nestas terras eram cultivadas flores e hortifrutigranjeiros. O primeiro arruamento na área aconteceu em 1927 por iniciativa dos proprietários das pequenas chácaras. (PONCIANO, 2004:72). O rio Pinheiros, outrora chamado de Jurubatuba, que corta o bairro em sua parte mais baixa e que na época era utilizado para pesca e lazer, sofreu uma intervenção em 1938 por parte da então Companhia Light. Esta intervenção se fez mediante a desapropriação de pequenas casas rurais situadas nas margens do rio para que se pudesse realizar a retificação de seu leito (PONCIANO, 2004: 72). A companhia Light era a empresa canadense The S. Paulo Tranway Light & Power Company Ltd. que desde 1899 tinha a concessão do Governo do

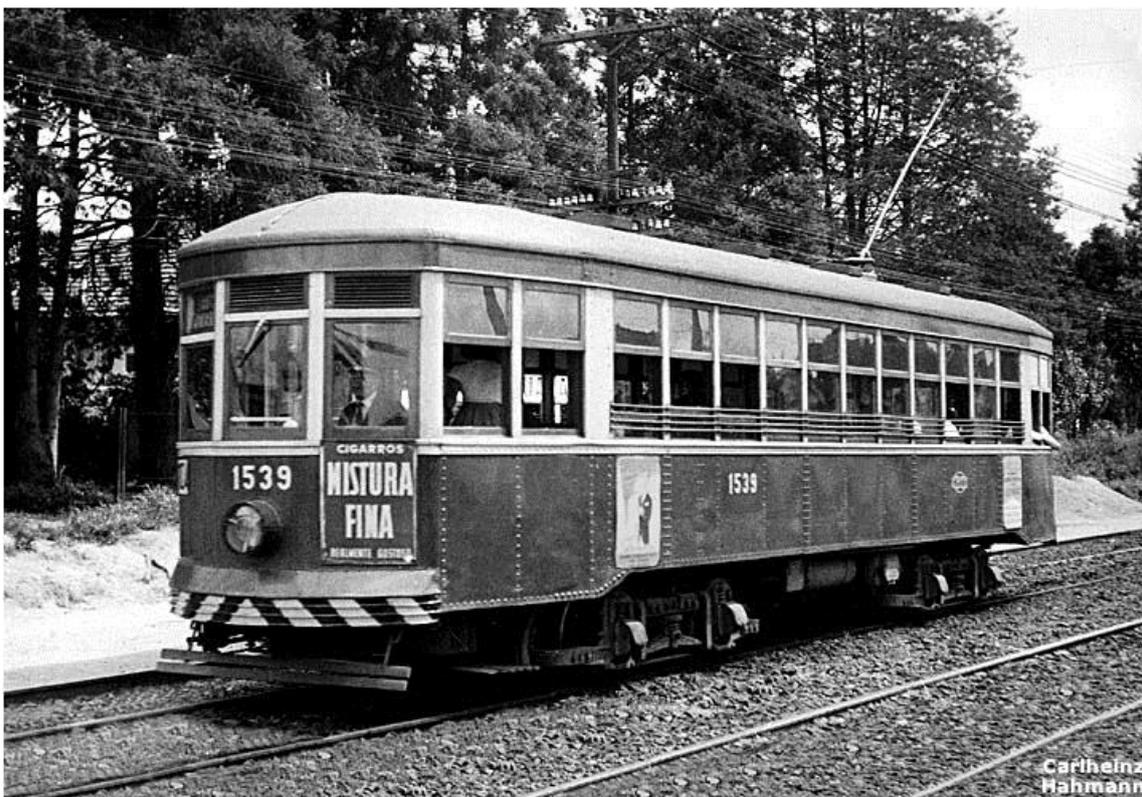
Estado de São Paulo para implantar o sistema de geração de energia e transportes por bondes na capital paulista. Esta companhia se inseriu como um forte agente no contexto da expansão física da cidade. Esta expansão tomou vulto a partir da implantação da infraestrutura urbana necessária ao desenvolvimento industrial a nível nacional a partir de 1930. Nesta fase de industrialização registrou-se a migração ocorrida das zonas rurais do Estado de São Paulo e de outros Estados devido à abertura de postos de trabalho: "A partir de 1930 passam a afluir para São Paulo grandes levas de migrantes nacionais: baianos, mineiros, nordestinos de outros estados e paulistas do interior..."(FRÚGOLI, 1995: 30). A geógrafa Odette Seabra (1987) observa que durante o processo de retificação do rio Pinheiros, por força do contrato entre o Governo do Estado e a Companhia Light, era previsto o direito de concessão de terras para a última: "Neste contrato, previa-se que as terras que a Companhia disporia seriam aquelas situadas até a linha da máxima enchente do rio [...] com a liberação das águas da represa Guarapiranga por parte da Companhia [...]"(SEABRA, 1987 *apud* D'ANDREA 2008:88). Observa-se então que, estrategicamente por um artifício técnico, a Companhia Light adquiriu direitos de posse sobre grande parte de terras às margens do rio Pinheiros e das quais obteria vantagens em negócios com venda destas posteriormente:

O período talvez mais rico para se apreciar como foram cuidadosamente armadas as estratégias no Pinheiros é aquele entre o Decreto 4487 de 9 de novembro de 1928 e o Decreto 8372 de 23 de junho de 1937, quando o "polvo parecia estar dormindo". Foi nesse lapso definida a linha perimétrica de enchente [de 1929] [...]. Foi organizado o seu Departamento de Terras, tendo sido levantadas até 1936, todas as propriedades incluídas na sua área de jurisdição (SEABRA, 1987: 168 *apud* D'ANDREA 2008: 88).



**Fig.04. Rio Pinheiros na década de 1930. As terras localizadas nas margens foram cedidas por força de com trato à Cia Light. A Chácara Santo Antonio se desenvolveu em sua parte mais baixa na margem esquerda oposta à colina que aparece ao fundo. Foto: smerdum.wordpress.com. acessado em 15/01/15**

Concomitantemente com a produção de hortifrutigranjeiros e flores no bairro, destacava-se outra atividade econômica localizada às margens do rio Pinheiros e que se destinava também à demanda do crescimento urbano paulista: a da extração de areia para a construção civil. Esta atividade estendeu-se até meados da década de 1950, quando então foram iniciadas as obras de construção da Marginal Pinheiros em meados da década de 1960. Estas obras assim como outras de construção de viadutos e elevados foram no sentido de atender a racionalidade do plano urbanístico da cidade que se encontrava em processo de industrialização a partir do início da década de 1950. O trecho sudoeste da capital onde se localiza o bairro Chácara Santo Antonio também se transformou nesta época. No começo do século XX, estas localidades sofreram modificações em termos de ações urbanísticas tais como a implantação de linhas de ônibus e o serviço de bondes que integrou a antiga região “muito longe” à “cidade”<sup>3</sup> (como era conhecido o centro de São Paulo) e a pavimentação da antiga estrada de Santo Amaro na década de 1930 e que ligava a Avenida Brigadeiro Luiz Antonio à zona Sul da cidade.



**Fig.05. Bonde da linha Santo Amaro-Praça João Mendes passando ao fundo do Clube Banespa na parte de cima da Chácara Santo Antonio. Foto: Carlheins Mahman 1959**

3. Sobre esse aspecto era comum as empresas de transporte por ônibus que serviam os bairros na época, identificarem as linhas que levavam ao centro como “Cidade”



**Fig. 06.**  
Residência na  
Rua Américo  
Brasiliense na  
Chácara Santo  
Antonio na  
década de 1940.  
Foto:portal do  
envelhecimento.  
org.br  
Acessado em  
maio/2011.

O PASSEIO PELA

# Auto Estrada Santo Amaro

é o mais agradável e comodo da Capital

EXAMINE OS TERRENOS AO LONGO DA AUTO ESTRADA. SÃO OPTIMOS E TERÃO GRANDE VALORIZAÇÃO. A SEGUINTE ESTATÍSTICA, DOS PASSAGEIROS TRANSPORTADOS ANNUALMENTE PELO BONDE DE SANTO AMARO, DEMONSTRA O CRESCIMENTO DA ZONA.

Anos	Passageiros transportados
1912	239.190
1920	576.194
1925	1.421.901
1930	2.349.601

Projeto: A Fotografia como Concepção Histórica (FATORELLI)

*Auto estradas*  
(Sociedade Anonyma)

Praça Ramos de Azevedo, 16 - Teleph. 4-0530 - S. Paulo

**Fig. 07.** Antiga Estrada de Santo Amaro em 1932. A propaganda sugere a compra de terrenos numa localidade em que a paisagem é pouco urbanizada, mas com futuro promissor de valorização. Documento recuperado por Carlos Fatorelli. Acessado em [carlosfatorelli27013.blogspot.com.br/2012/07/cidade-satelite-de-interlagos-avenida.html](http://carlosfatorelli27013.blogspot.com.br/2012/07/cidade-satelite-de-interlagos-avenida.html) 13/01/2016

É também neste processo de transformações urbanísticas na região do bairro Chácara Santo Antonio que começou a intensificação da industrialização no local. São Paulo como outras cidades brasileiras possuía até o início da década de 1950 um baixo índice de industrialização iniciada na década de 1930 e que se estende até 1964. “É a época da implantação do modelo de “substituição de importações”. As experiências de Vargas e o seu padrão de atuação marcam profundamente essa fase”. (IANNI, 1975: 26). No início da década de 1950, houve a partir do Programa de Metas do presidente Juscelino Kubitschek, uma forte associação do capital nacional e estrangeiro e que será mais visível após o Golpe de Estado de 1º. de abril de 1964 como registrado por Octavio Ianni:

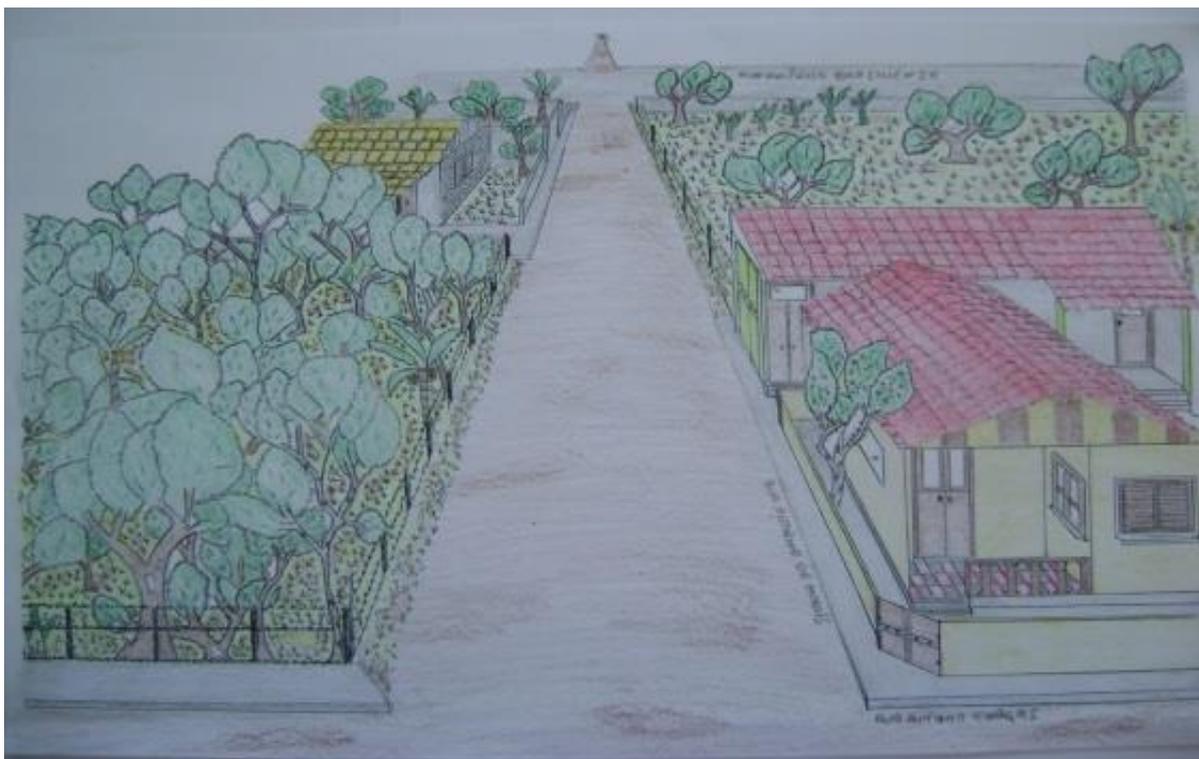
“Todavia, a etapa em que as condições e perspectivas de desenvolvimento econômico no Brasil passam amplamente da associação direta e indireta, visível e disfarçada entre capitais nacionais e estrangeiros começa politicamente com o Golpe de 1º. de Abril de 1964. Na prática, entretanto, o modelo destinado a associar e internacionalizar a economia brasileira já se havia implantado alguns anos antes, com o Programa de Metas do Governo Juscelino Kubitschek de Oliveira (1956-60). (IANNI, 1975: 28).

Foi neste contexto da industrialização no Brasil que a Região Sul da cidade, mais especificamente localizada entre o bairro de Santo Amaro e a região da Lapa começa a receber incentivos tanto na forma de investimentos como na forma de plantas industriais. A chegada do capital estrangeiro tanto em sua forma financeira como na forma imobilizada, ou seja, resultante das inversões destes capitais em plantas e equipamentos industriais, acarretou a transformação de espaços localizados na região, sendo que boa parte destes equipamentos industriais se encontram na Chácara Santo Antonio. Este desenvolvimento da região de Santo Amaro trouxe como consequência, a transformação dos espaços antes ocupados por uma economia de produção quase que somente agrícola, como também provocou correntes migratórias em função da demanda industrial. O resultado foi uma modificação na dinâmica social dos bairros atingidos por esta industrialização e que acabou por contrastar com as práticas sociais do então pacato ambiente bucólico “muito longe”. A transição da paisagem bucólica para a industrial no bairro em consequência da expansão urbanística, também pode ser registrada pelas narrativas de quem testemunhou tais transformações como, por exemplo, a de dona Laura que veio para o bairro em 1952, no início da industrialização da Chácara Santo Antonio. Dona Laura relatou que suas irmãs falavam que “[...] aqui era só para passear nas chácaras, sítios... não dava para morar![...]”. Neste aspecto é interessante registrar aqui as observações que Ecléa Bosi (2003) faz em seu texto intitulado *Memória da Cidade:*

*lembranças paulistanas*. Nele a autora analisa, por meio de entrevistas com velhos moradores da cidade, como estes percebem as modificações ocorridas em bairros, ruas, locais de ocupação para encontros e lazer. A ocupação destes espaços e o sentido de pertencimento e de identidade para os que observam as modificações ocorridas pela ação urbanística, transformam-se através de narrativas construídas individual ou coletivamente:

Escutando muitos depoimentos, nós percebemos que os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia. O bairro tem sua infância, juventude, velhice. Esta, como a das árvores, é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu. Nas estórias de vida, podemos acompanhar as transformações do espaço urbano: a relva que cresce, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, [...]. Quando a fisionomia do bairro se humaniza, pode se transformar e continuar vivendo ou pode ser golpeada de morte. (BOSI, 2003: 204).

Desta maneira, representações de espaço, ruas, matas, terrenos outrora ocupados como forma de lazer e sociabilidade, transformam-se em momentos paradigmáticos de uma época vivida através de relatos de memória. Levando-se em consideração a proposta da autora, permito-me aqui fazer um exercício de construção destas representações através de dois desenhos, fruto de minhas memórias de infância como morador do bairro. Um deles representa um fragmento de mata atlântica pertencente a um alemão funcionário do Consulado da Alemanha; o outro é o da residência do “seu Pestana” que podemos considerar ter sido um morador ainda do período bucólico e já falecido com sua avançada idade. Tanto o fragmento de mata como a residência foram removidos por volta de 1963 dando lugar a conjuntos de sobrados.



**Fig.08. Desenho segundo minhas memórias de um trecho entre as ruas Vitorino de Moraes e Américo Brasiliense até o princípio da década de 1960. O resíduo de Mata Atlântica à esquerda era por nós conhecida como “Mato do Alemão”.**



**Fig.09. O mesmo trecho representado acima, agora com os conjuntos de sobrados construídos. O sobrado na esquina à direita foi por muitos anos o ponto de encontro da Turma da Esquina, da qual trataremos mais a frente, durante a década de 1960 até o meados da de 1970. Foto do autor 2015.**



**Fig.10. desenho da casa do “Seu Pestana” demolida por volta de 1963. A varanda e as rosas do jardim denotam a característica de casas construídas no bairro Chácara Santo Antonio por volta de 1930-1940. O banco na calçada, no qual por muitas vezes pude vê-lo sentado, e o raspador de barro dos sapatos à esquerda visto as ruas serem de terra marcavam bem a paisagem bucólica e ainda em processo de urbanização com ruas de terra no bairro.**

Os desenhos aqui apresentados dão uma noção de como era a minha percepção do bairro inserido num contexto de baixa ocupação populacional e ainda longe da dinâmica dos grandes centros metropolitanos. Mesmo com o início da industrialização local, a chegada de migrantes e da lógica de uso dos equipamentos urbanos, muitos destes espaços ainda permaneceram na forma de terrenos baldios. Estes, juntamente com as reservas de árvores como a do “Mato do Alemão” e até determinados tipos de apropriações dos trilhos da linha de bondes, proporcionaram formas de sociabilidade entre crianças, jovens e adultos residentes no bairro, como jogos nos campinhos de futebol, brincadeiras, festas e jogos de rua. Estas dinâmicas lembram de perto o que Michel de Certeau (2007) afirma se constituírem em táticas e astúcias na apropriação do espaço público e de equipamentos urbanos e que fogem à lógica do urbanismo e da racionalidade idealizada pelos poderes público e econômico. O autor procura colocar a apropriação do espaço urbano e de seus equipamentos numa perspectiva da criatividade individual do sujeito universal político anônimo nesta apropriação. Procura colocar em dialética a *ação estratégica* urbanística aliada aos interesses de forças políticas e econômicas que se materializa na expressão física racional do espaço, em contraposição à criatividade das práticas de ocupação pelos indivíduos:

A imensa texturologia que se tem sob os olhos seria ela uma outra coisa senão uma representação, um artefato óptico? É o análogo do fac-símile produzido, graças a uma projeção que é uma espécie de colocação à distancia, pelo administrador do espaço, do urbanista ou do cartógrafo. A cidade-panorama é um simulacro “teórico” (ou seja, visual), em suma um quadro que se tem como possibilidade de esquecimento e um desconhecimento das práticas. (CERTEAU, 2007: 171).

Como apontado acima por Certeau , é no espaço racional urbano normativo que os ocupantes ou caminhantes se utilizam de *astúcias* criativas a nível simbólico e dinâmico na apropriação deste, decorrentes de suas necessidades e interesses, num processo dialético com a estratégia urbana, visto que: “Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (“maneiras de fazer”) [...] uma experiência “antropológica”, poética e mítica do espaço) [...].” (CERTEAU, 2007: 172):

Da mesma forma, o caminhante transforma em outra coisa cada significante espacial. E se, de um lado, ele torna efetiva algumas somente das possibilidades fixadas pela ordem construída (vai somente por aqui, mas não por lá), de outro, aumenta o número dos possíveis (por exemplo, criando atalhos ou desvios). [...]. O usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo. (CERTEAU, 2007: 178).

É neste sentido da ocupação do espaço urbano dado por Certeau que posso localizar no tempo e no espaço as minhas memórias e a dos entrevistados nesta pesquisa . Foram nestes espaços que se desenvolveram formas de sociabilidade durante a passagem de uma paisagem bucólica e mais próxima da de uma cidade do interior, para uma ocupação industrial da Chácara Santo Antonio. No que se refere ao crescimento físico de cidades modernas, podemos ainda lembrar o que Park (1967) descreve como sendo resultado da distribuição de grupos sociais de acordo com a localização dos indivíduos numa divisão do trabalho mais complexa. Enquanto a Chácara Santo Antonio durante sua transformação urbana para um bairro industrial recebe migrantes vindos do interior e de outros estados para atender a demanda de mão de obra criada pela chegada das indústrias na região, o bairro vizinho, o Morumbi, sofrerá um outro tipo de ação urbanística. Neste, as modificações serão no sentido de receber famílias de grupos sociais mais abastados em continuidade ao processo de segregação sócio espacial, a que Caldeira também se refere como sendo um dos padrões desta segregação: ricos separados de trabalhadores e pobres pela distancia e tipo de habitação (CALDEIRA: 2000). O Morumbi, antes ocupado por sítios e fazendas, sofreu um processo de loteamento de suas terras para a construção de casas padrão para classe média proporcionando “[...] um sentido de isolamento, uma quietude de subúrbios norte-americanos, ou

simplesmente o silêncio de uma modernidade que se sente deslocada do Centro?” (LINGUANOTTO, 2004: 146,147). Mais tarde, o Morumbi será ocupado por mansões, com padrões bem distantes das residências da Chácara Santo Antonio<sup>4</sup>:



**Fig. 11. Residência do Sr. Gabriel D. Louro, meu pai, construída no início da década de 1950 quando o bairro começa a se tornar industrial. Note-se que a casa não apresenta o recuo da calçada exigido para imóveis fora da região central determinado pelo código de obras de de 1929 consolidado pelo ato 633 de 1938. (NETTO, 1947 apud ARAGÃO, 2007: 49).**

**Foto de João Figueiredo 1953.**

---

4. Com o desenvolvimento do bairro do Morumbi, os pobres acabaram por residirem nas favelas que se formaram ao redor das mansões (Ex.: a Favela do Real Parque e a do Jardim Panorama) e que se constituíram num repositório de mão de obra para as indústrias e para as próprias residências de luxo do bairro.



**Fig. 12. Casa de padrão classe média construída no Morumbí na década de 1950.  
Foto: Fantasia Brasileira: O Balé do IV Centenário. (SESC, 2004: 147)**

### **1.3. A chegada das indústrias.**

A partir da década de 1950, o bairro começa a sofrer com mais intensidade a instalação de indústrias na parte de baixo junto ao rio Pinheiros. A chegada das indústrias ao longo desta década e que ocuparam parte da região de Santo Amaro, inseriu-se num contexto econômico que objetivou a substituição de importações e que a partir de 1954, fez parte do Plano de Metas do governo de Juscelino Kubitschek. Concomitantemente a este processo de industrialização, ocorreu outro: o da migração de nordestinos e também de outras pessoas de cidades do interior do Estado de São Paulo em direção à capital paulista devido às oportunidades surgidas pela demanda das indústrias:

O ritmo de crescimento da cidade, induzido pela industrialização, se verifica desde o final do século XIX. A partir da década de 1950, constata-se um grande afluxo de migrantes nacionais para a metrópole de São Paulo, vinculado à expansão industrial que marcou este período, que perde força em meados da década de 1980, em decorrência da crise mundial que já indicava as reestruturações nos sistemas de acumulação. (PADUA, 2008: 29)

Inclui-se neste plano de desenvolvimento a chegada de várias indústrias na região de Santo Amaro às margens do rio Pinheiros.



**Fig. 13.** A paisagem bucólica do bairro contrasta com a racionalidade industrial a partir da década de 1950. Na foto a entrada do colégio de padres na década de 1940 localizado à Rua Verbo Divino. Foto: Revista Miscellanius ed. 16, 2004 cedida pela Biblioteca Municipal Kennedy.



**Fig. 14.** A indústria Arbame de materiais elétricos na Rua São Sebastião na década de 1950. Essa e outras indústrias que se instalaram no bairro vieram modificar a quietude e a paisagem da região. Foto: Carlos Alberto Fatorelli obtida em <http://www.google.com.br/#q=Industria+Arbame+fotos>. Acessado em novembro de 2011.

É a partir do processo de industrialização da região de Santo Amaro próxima ao rio Pinheiros, que o bairro Chácara Santo Antonio começou a sofrer uma mudança em sua paisagem. Esta mudança devida à ação urbanística e o adensamento populacional, propiciou formas de sociabilidade entre o seus moradores no período industrial. O bairro de aspecto ainda bucólico com ruas de terra em sua maioria, casas com alpendres e jardins com roseiras e pomares nos fundos das residências, transformou-se pela racionalidade trazida pela ação urbanística em função ao atendimento da nova dinâmica da economia industrial: as ruas principais transformaram-se em grandes artérias para facilitar o fluxo de valores e insumos industriais. Grande parte dos terrenos baldios foram ocupados por conjuntos de pequenos sobrados para acomodar o aumento populacional, sendo que os restantes foram utilizados pelos moradores para jogos de futebol, brincadeiras no espaço público, acomodar circos e parques de diversões que passaram a visitar o bairro durante este período. A quietude bucólica como se pode imaginar na foto do colégio de padres acima, logo deu lugar ao apito das fábricas e ao movimento dos ônibus que passam a levar e a trazer trabalhadores das indústrias e do comércio local. Esta transformação é registrada por Rafael F. de Pádua (2008) em um trecho de seu trabalho sobre a reestruturação deste espaço industrial a partir da década de 1980:

O fragmento que destacamos, é objeto da implantação da grande indústria moderna a partir da década de 1950. Em poucos anos vê-se a passagem de uma paisagem de loteamentos semi-rurais, para uma paisagem urbano-industrial de grandes fábricas fordistas, casas operárias habitadas por migrantes de diferentes lugares do Brasil, movimento de entrada e saída de operários, ônibus, caminhões, etc. (PADUA, 2008: 36).

É também durante este período que vai desde o início da década de 1950 até meados dos anos 1980, que o bairro caracterizou-se por uma intensa ocupação do espaço público onde se desenvolveram práticas de sociabilidade próprias desta ocupação como veremos no capítulo dois. Neste período de ocupação do bairro por indústrias, podemos destacar aquelas destinadas ao cumprimento de objetivos do Plano de Metas do governo Kubitschek, quais sejam: indústrias do segmento automotivo como a Magal de origem alemã instalada à Rua Américo Brasiliense e a Arbame de materiais elétricos. Outras mais se instalaram como a Monark de bicicletas, a Canco de embalagens e a metalúrgica Dreko. O Estado teve papel fundamental na implantação da infraestrutura necessária para atrair o capital internacional

para promoção de um desenvolvimento co-participativo. A ação fica clara no próprio discurso do Presidente da República à época:

“Ainda no que toca à política geral, outra medida a que o governo atribui grande importância refere-se à atração dos empresários estrangeiros que, com a técnica e o seu capital, poderão prestar valiosa ajuda na construção do nosso parque industrial. São condições essenciais de uma política de estímulo ao capital estrangeiro a estabilidade política, cambial e monetária. [...]” (KUBITSCHEK<sup>5</sup> *apud* IANNI, 1975: 29).

Falamos aqui de Plano de Metas do governo J.K. e em desenvolvimento co-participativo, ou seja, ideologia e poderes políticos aliados a interesses econômicos de grupos do sistema capitalista internacional. Falamos também do contraste da expressão material urbana representada pela instalação de fábricas, alargamento de ruas e ocupação de terrenos e matas em função da racionalidade necessária a esta industrialização. Estas ações urbanísticas comandadas pelo Estado, embora até meados da década de 1980 ainda permitiam uma apropriação do espaço público para práticas de sociabilidade, contrastaram com o bucólico bairro “distante da cidade”. Oportuno seria lembrar aqui as reflexões de Henri Lefebvre (2001) sobre a dimensão dialética da ação urbanística no que diz respeito no plano ideológico sobre os valores de uso e de troca da própria cidade.

Para a ação do Estado aliada aos interesses econômicos, Lefebvre atribui o valor de uso à cidade devidamente preparada para receber investimentos, valorização de espaços e local de transformação de insumos e força de trabalho em mercadorias realizáveis num mercado de trocas. Esta ação transformadora do espaço e que traz também, no plano cultural, o estilo de vida urbano (tipos de lazer, a televisão, facilidades, etc.) contrasta com a perspectiva de ocupação deste mesmo espaço por grupos sociais que o utilizam em sua rotina e práticas sociais e simbolicamente trará o sentimento de pertencimento e valores de uso que se contrastam:

Entre os elementos do sistema de valores, indicamos os lazes ao modo urbano (danças, canções), os costumes, a rápida adoção das modas que veem da cidade. [...]. A relação “urbanidade – ruralidade”, portanto, não desaparece; pelo contrário, intensifica-se, e isto mesmo em países mais industrializados. Interfere com outras representações e com outras relações reais: natureza e campo, cidade e facticidade, etc. Aqui ou ali, as tensões tornam-se conflitos, os conflitos latentes se exasperam; [...]. (LEFEBVRE, 2001: 19).

---

5. Mensagem ao Congresso Nacional, Depto. De Imprensa, Rio de Janeiro, 1957, pp48.(nota de rodapé no. 4

De fato, uma análise do “seu Pestana” já citado aqui como um morador antigo do bairro em sua fase bucólica, no que diz respeito à convivência e seus hábitos, sua relação com os que chegaram à época da industrialização nunca foi das melhores! Este fato será brevemente citado por um dos antigos moradores entrevistados e fará parte dos registros das formas de sociabilidade praticadas na fase industrial da Chácara Santo Antonio.

## **Capítulo 2. As formas de sociabilidade praticadas na Chácara Santo Antonio durante o período industrial do bairro.**

### **2.1. Um breve relato introdutório.**

Este capítulo tem por finalidade a descrição das formas de sociabilidade praticadas em ruas e em outras formas de espaços físicos característicos da fase industrial da Chácara Santo Antonio no período entre 1950 até meados da década de 1980. Para tanto, como um exemplo destas formas de sociabilidade, recorro a um fato acontecido ainda no início da minha pesquisa e que me leva a fazer uso de um recurso de memória<sup>6</sup> que além de se constituir numa narrativa do espaço-tempo, também pode dar uma ideia tanto da perspectiva etnográfica como do próprio objetivo de pesquisa.

Em fevereiro de 2011 eu estava fazendo algumas fotos de um prédio recém-construído no bairro e que abrigaria instalações da Universidade Unip recém-chegada no local. Com a máquina fotográfica em mãos e postado num cruzamento para melhor visão do prédio, ouvi de um motorista que passava ao meu lado sem diminuir a velocidade...: “Sai da rua!”. Dirigindo-me à calçada e já recomposto do susto, imediatamente refleti sobre o fato, comparando-o com situações acontecidas nas décadas de 1960-1970. Naquela mesma rua como em outras do bairro, eu e meus amigos de infância e adolescência fazíamos reuniões depois das aulas para brincadeiras e jogos típicos nestes espaços, e a noite estávamos lá novamente para conversar e colocar as novidades em dia, combinar passeios pelo bairro à busca de aventuras... enfim, para vivermos as alegrias e tristezas do tempo. Olhando mais atentamente, percebi que a esquina que por muito tempo serviu como ponto de encontro da nossa turma estava deserta e também estava fechada a mercearia do outro lado da rua que servia como ponto de parada para uma conversa e uma bebida para aqueles que saíam das fábricas após o apito característico na época. Não havia mais nem crianças e jovens em esquinas, nem tabuleiros de damas à porta de aço<sup>7</sup> da mercearia. Então pensei... De fato, começamos a sair das ruas há quarenta anos atrás!

Este pequeno relato como um exemplo de algumas das formas de sociabilidade à época,

---

6. Parte dos relatos que compõem a etnografia deste capítulo, constituem-se de observações minhas de infância e juventude entre o final da década de 1950 até 1974, quanto então me mudei para outro bairro.

7. Sentar na calçada da citada mercearia em caixas de cervejas para jogar damas ou “tomar uma”, fazia parte deste ritual após à saída das fábricas, como muitas vezes observei o “Seu Bastos”, um dos moradores do bairro, entretido juntamente com amigos nestas formas de sociabilidade.

nos dá uma noção da intensidade de ocupação de ruas, terrenos baldios e calçadas devido a um baixo índice de trânsito de automóveis e outros tipos de transporte, a não ser em uma ou duas ruas mais movimentadas<sup>8</sup> daquele ainda “bairro distante da cidade”. O fluxo de veículos era constituído quase que exclusivamente por aqueles pertencentes aos poucos moradores de mais recursos e ao pequeno comércio existente. Este breve relato traz à tona já de início, uma problematização de natureza epistemológica inerente à etnografia: o fato de ser eu mesmo um dos narradores de memórias que se somam aos de pessoas que, ao longo do tempo e dos acontecimentos, continuam residentes no bairro e, sendo estas memórias parte do objeto sobre o qual me debruço na pesquisa. Tenho estado atento a esta questão e procurado problematizar as minhas memórias a partir das narrativas de outros moradores. Embora registros de histórias de vida (no caso da minha história no bairro) não serem suficientes por si só para, numa perspectiva antropológica, darem conta da interpretação da dinâmica social de determinada comunidade em determinada conjuntura histórico-econômica, estes registros passam a ter valor quando correlacionados com outros dados obtidos pelo método etnográfico. Para isto podemos citar o que é lembrado por Copans (1974) ao afirmar que “Esta técnica é utilizada como fonte de pesquisa, mas sua acuidade se dá à medida da sua correlação com as demais fontes de dados do método etnográfico[...]” (COPANS, 1974 p.54 apud ROCHA e ECKERT 2013 p.109). Portanto procurarei chegar à reflexões de cunho antropológico cotejando e problematizando as minhas próprias narrativas espaço-temporais referentes a minha vida quando morador no bairro com as dos demais moradores entrevistados. É de interesse lembrar também as colocações feitas por Rocha e Eckert (2013) em que, ao se referirem a si mesmos, habitantes de uma cidade ou bairro, constroem-se como sujeitos de um tempo vivido através de uma identidade narrativa:

[...]. Ao narrar-se, constroem-se como sujeitos da ação vivida com significação no presente, nas imagens que vibram as experiências de temporalidades interiorizadas e arranjadas no restauro das lembranças [...]. Uma prática que não se perde na egológica da experiência mnemônica, compreendida no sentido de um mesmo (idem), mas uma identidade narrativa que restitui a inteligibilidade dos sentidos [...]. ROCHA e ECKERT, 2013: 135).

Estas experiências podem muitas vezes não nos levar a uma narrativa de entendimento geral que se possa atribuir a um determinado grupo social como sugerido por Halbwachs em que cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva (BOSI, 2001:43).

---

8. A rua de maior tráfego de automóveis nesta época era a Américo Brasiliense, única rua calçada de paralelepípedos e que se constituía também numa grande preocupação dos pais para com os filhos pequenos... ”Cuidado quando atravessar a Américo!”.

Portanto as narrativas podem não ser as mesmas assim como os sentimentos que levam à estas também podem não ser os mesmos. Os sentimentos, as convicções e as conclusões vão depender de situações históricas de chegada ao local por onde se residiu por determinado período de tempo, dos motivos que levaram as pessoas a estarem no local, de relacionamentos e acontecimentos e de mudanças deslocadas no tempo para diferentes pessoas:

Imagens da cidade povoam nossas memórias. Caminhamos por ela e ela desperta em nós sentimentos diversos sobre pessoas de nossa rede de pertença, (enquanto estranhemos outras), sobre ruas que nos são familiares (evitamos outras); sobre espaços frequentados (e outros que ignoramos); sobre transeuntes que nos atraem a atenção (enquanto evitamos alguns) [...]. É nestas formas de perceber a cidade que tecemos nossas rotinas, traçamos percursos, planejamos afazeres, enfrentamos temores e constrangimentos [...]. A descrição da cidade que somos nós e que está em nós, é uma narrativa que se transforma no jogo da memória de seus habitantes, tanto quanto na do etnógrafo, que reinterpreta as interpretações dos habitantes cujas trajetórias ele pesquisa. (ROCHA e ECKERT, 2013: 129, 130)

Imagens que povoam nossas memórias e o despertar de sentimentos diversos são resultantes de formas de perceber a cidade e fatos que nos levam a esses estímulos sentidos, percebidos por cada um de nós ao longo de nossas vidas e que decorrem de experiências pessoais. Digo isto, pois durante a fase de entrevistas com pessoas com as quais convivi na infância, adolescência e juventude, obtive relatos que por muitas vezes me fizeram refletir sobre minhas próprias percepções e experiências a respeito do bairro e da ocupação de seus espaços.

## **2.2. A passagem do bucólico bairro estilo “cidade do interior” para o bairro industrial: Memórias e Narrativas.**

Dentre as entrevistas com antigos moradores da Chácara Santo Antonio, uma delas se constitui num dos raros relatos sobre o ambiente ainda interiorano do bairro; a de dona Fernandina que nasceu no local e ainda permanece residindo lá. Nascida no bairro em 1939 e contando com 77 anos de idade, relata como era o bairro em suas lembranças:

Meus pais eram de Santos. O meu pai era funcionário público e minha mãe<sup>9</sup> era dona de casa. Eu não sei ao certo o ano que eles vieram...eu nasci aqui no bairro! Meu pai construiu a primeira casa na José de Carvalho onde moramos primeiro. Depois fez aquela que era vizinha da do teu pai, onde minha mãe morou até morrer. Ela fazia serviço pra

---

9. Dona Dulce, mãe de dona Fernandina, por muitos anos lavou roupa para minha mãe. Morávamos vizinhos à casa dela na Rua Antonio Chagas.

fora, lavava roupa e lavou até pra tua mãe. Meu cunhado construiu a serralheria... fez portões e grades pra muita casa e empresa aqui do bairro! [...]. O bairro tinha muito mato, terreno vazio...as ruas tudo de terra, muita poeira! A gente jogava água na rua para baixar! A gente brincava na rua, de boneca, de roda... eu fazia roupas para as bonecas, tanto que quando era mais moça, fui trabalhar para uma costureira fazendo roupa de boneca. Acho que ficava na última casa de cima do quarteirão, aonde depois teve a loja de brinquedo da dona Guerda. Indústrias eu não me lembro muito naquela época... tinha a Randal que fazia rendas e coisas para roupas. [...]. Quando tinha festa de São João o pessoal fazia fogueiras nas ruas, a gente sentava na calçada, nos bancos...colocavam cadeiras pra gente conversar[...]. Tinha o “Seu Pestana” que era já muito velho...ficava o dia inteiro sentado no banco na calçada sempre quieto vendo as pessoas passarem.[...].

Também eu, quando criança, me lembro do “Seu Pestana” sentado no banco em frente a sua casa, não totalmente calado e sim reclamando e ofendendo os que passavam. Hoje penso que, por se tratar de morador antigo do bairro, sentia-se invadido na sua privacidade de um local tranquilo, com bosques e animais pastando na quietude do bucólico com a chegada dos moradores e trabalhadores que vieram com as indústrias.



**Fig.15. À frente, meu tio Manoel em casa na rua Antonio Chagas na Chácara Santo Antonio no início da década de 1950. Ao fundo na calçada, o banco que era comum à época e que as pessoas usavam para conversar como forma de sociabilidade.**

**Foto: autor desconhecido pertencente à dona Idalina.**

Se para dona Fernandina as recordações levam a uma narrativa da infância e das brincadeiras nas ruas e festas, para o Sr. Oswaldo, seu marido, as recordações são outras e remetem à sua vida profissional iniciada quando a família veio para a Chácara Santo Antonio.

Chegando ao bairro um pouco antes da fase de intensificação da industrialização na região de Santo Amaro a partir da década de 1950, o Sr. Oswaldo recorda dos tempos da Monark, fábrica de bicicletas instalada em 1951:

Minha família veio para o bairro no final da década de 40. Meu pai queria que eu trabalhasse com ele na padaria que ele montou lá em cima na Antonio Chagas... era a padaria Map. Hoje eu alugo pra uma lanchonete...ainda é meu lá! Mas eu não gostava de trabalhar no comércio, com meu pai, sei lá... às vezes trabalhar com família é complicado! Quando a gente veio tinha pouca indústria no bairro. Aí veio a Monark lá em baixo perto do rio...era fábrica nova, tava precisando de gente e eu já tinha um curso técnico e consegui uma vaga no controle da produção. Era legal porque era turma nova...todo mundo se conheceu lá![...]. A gente formou uma amizade pois tava todo mundo aprendendo o serviço...fábrica era uma coisa nova pra todo mundo![...]. O gerente era estrangeiro, não me lembro a nacionalidade, mas ele tinha paciência com a gente pois sabia que tava todo mundo aprendendo... mas depois ele cobrava o serviço...então a gente se dava bem, parecia uma família! Depois do serviço, o pessoal saía pra conversar, se encontrava fora do expediente. [...].

Na continuação de sua narrativa, o senhor Oswaldo lembra com emoção visível, que um dia um fato marcou todo mundo na fábrica:

Teve uma vez, logo no início, que todo mundo ficou emocionado. Já tinha lá trabalhando um europeu que veio para o Brasil depois da Guerra. Entrou outro europeu depois pra trabalhar. Então os dois se encontraram por acaso... foi uma choradeira! Se abraçavam e choravam... eram amigos e se perderam um do outro durante a Guerra! Um pensava que o outro tinha morrido! A gente ficou emocionado também! Nesse dia, o gerente dispensou todo mundo pra ir pra casa... era muita emoção! [...].

Cabe aqui fazer uma reflexão um pouco mais atenta à narrativa do senhor Oswaldo sobre a decisão de deixar o trabalho em família e tentar novas oportunidades devido às novidades que chegaram ao bairro no início da década de 1950. Em *As Grandes Cidades e a Vida do Espírito (1903)*, Georg Simmel relata o tipo de interação entre indivíduos em comunidades de dinâmicas sociais tradicionais em pequenas cidades ou mesmo do ambiente rural, e o comportamento das pessoas em contato com as transformações ocorridas pelo advento das grandes cidades industriais modernas. No texto, Simmel procura destacar como o sujeito na sua individualidade está exposto a uma gama de estímulos provenientes do

ambiente e das dinâmicas sociais, quer seja da multiplicidade cultural própria das grandes cidades, como do universo das práticas econômicas e técnicas que levam a uma divisão do trabalho cada vez mais profunda e diversificada nas ações humanas e que instiga os indivíduos à novas alianças e à reações ante a esta multiplicidade cultural que de fato se apresenta tão diferente do ambiente social em comunidades menores de vida tradicional:

Na medida em que a cidade grande cria precisamente estas condições psicológicas – a cada saída à rua, com a velocidade e as variedades da vida econômica, profissional e social – ela propicia já nos fundamentos sensíveis da vida anímica, no *quantum* da consciência que ela nos exige em virtude de nossa organização enquanto seres que operam distinções, uma oposição profunda com relação à cidade pequena e à vida no campo, com ritmo mais lento e mais habitual, que corre mais uniformemente de sua imagem sensível-espiritual de vida [...].(SIMMEL, 2005: 578).

Ainda sobre este aspecto, a que o Sr. Oswaldo atribui uma característica de família e da união que os colegas de trabalho precisavam ter no setor de produção da Monark, podemos destacar o que Juarez Brandão Lopes (1964) nos fala quando do estudo da adaptação de funcionários semi-qualificados vindos muitas vezes de regiões rurais do país onde a sociedade é tradicional por excelência. Lopes chama a atenção para a *solidariedade grupal* (LOPES, 1964) que se instala entre funcionários não só no ambiente industrial como também de modo geral nas ações sindicais, mas que a princípio é fruto de uma perspectiva trazida de uma sociedade tradicional ante a nova realidade de uma situação da racionalidade no ambiente industrial:

Procura-se, pois, nesta parte examinar o problema do ajustamento do operário de origem rural à indústria, no que diz respeito ao seu comportamento na fábrica, analisando-se as condições em que a conduta racional, orientada por interesses individuais, é socialmente sancionada; a maneira por que tais interesses são definidos pelo grupo, a medida em que o comportamento no trabalho obedece a obrigações e valores tradicionais, e, finalmente, as restrições impostas àqueles interesses por novos valores, relações e formas de solidariedade que surgem no meio industrial. (LOPES, 1964: 53).

De certa forma pode-se incluir tanto o bairro como as pessoas que nele residiam desde o período anterior ao da industrialização e também as que vieram para ele a partir da década de 1950, neste cenário a que Simmel se refere. Se o “Seu Pestana” (representante do mundo interiorano) revidava com xingamentos e comentários a invasão de “intrusos” e que por sua vez também deixaram para trás a tranquila vida de bairros “distantes da cidade”, o senhor

Oswaldo representa o oposto. De posse do seu certificado de curso técnico em baixo do braço, deixa a tranquilidade do seguro e conhecido trabalho em família para “alçar voo” ao novo e desafiador mundo moderno da indústria recém-chegada ao bairro: “Parecia uma família” e “A gente formou uma amizade pois tava todo mundo aprendendo o serviço” são trechos da narrativa do senhor Oswaldo que denotam novas alianças, identidade grupal e profissional que se fazem necessárias tanto para a sobrevivência física e a do próprio espírito. No ambiente urbano, onde as individualidades estão mais sujeitas se não à homogeneidade de pensamento e culturas de comunidades tradicionais menores, ficam expostas à diluição frente à multiplicidade de relações e culturas típicas do ambiente da cidade grande. Contudo é interessante notar que, enquanto funcionário da Monark, o senhor Oswaldo mesmo se apropriando metaforicamente do termo *família*, a sua narrativa nos dá essa ideia quando ele fala de um grupo de amigos em extrema colaboração de atividades e, se não orientados por um pai, têm este simbolismo na presença de um gerente compreensivo com o aprendizado dividindo comemorações e emoções, não deixando porem de cobrar posturas e resultados. Da mesma forma, quando saíam para conversar e se encontrar fora do trabalho, os funcionários da Monark começaram a formar novos estilos de vida e práticas que se destacaram daquelas somente familiares existentes no bairro até então. Temos como outro exemplo, o do “Seu Bastos” que também se encontrava com os amigos no costumeiro jogo de damas na calçada da mercearia após a saída das fábricas. Contudo, na continuidade de sua narrativa, o Sr. Oswaldo conta que mais tarde também teve algumas decepções na Monark:

Eu gostava de trabalhar na Monark. Trabalhei muitos anos lá...aprendi muito sobre a linha de produção. Com o tempo eu comecei a perceber que dava pra melhorar alguns processos lá que iam gastar menos tempo pra fabricar...eu tinha certeza disso, eu ficava o tempo todo medindo o tempo e vendo a qualidade...dava pra melhorar! Eu falava com a direção, mas eles achavam que não dava pra mudar...era padrão que vinha da matriz sueca, então não dava pra mudar! Com o tempo comecei a ficar chateado com aquilo...eles não acreditavam, nem queriam tentar, não ligavam para o que eu dizia! Com o tempo aquilo começou a me aborrecer...acabei saindo depois de muito tempo...eu gostava da Monark, mas não deu mais!

Neste aspecto, cabe uma reflexão que também é apontada por Lopes no tocante ao processo de industrialização na década de 1950 no Brasil. Assim como empresas internacionais se instalaram no país, também vieram técnicos e mestres especializados para formarem as equipes de trabalho compostas em sua maioria por migrantes de outros estados e cidades do interior do estado de São Paulo, mas também por mão de obra mais qualificada

(como no caso do Sr. Oswaldo). O autor estudando casos de empresas e seus quadros de produção, em uma das Companhias observa como trabalhadores do “chão de fábrica” muitas vezes enxergavam seus superiores estrangeiros e vice-versa, a que Lopes denomina ““ A “Barreira” Étnica””(LOPES, 1964: 93), a que os trabalhadores qualificados atribuíam as dificuldades de ascensão e diminuição de expectativas nas empresas:

Para finalizar, é preciso tocar rapidamente na principal causa de perda de estímulo para os operários qualificados na Companhia. Trata-se do fato de para eles não existir, no quanto possam ver, possibilidades de melhoria na fábrica.[...]. Todos os empregados apontam o fato, que é, alias, verdadeiro, de na Companhia, todos os “chefes” (cargos acima de contramestre) serem estrangeiros, em geral alemães.[...]. Um destes, não estando completamente sóbrio, queixou-se longamente e entre outras coisas disse: - “Aí na fábrica o que existe é predominância racial. Basta ser estrangeiro para ter cargos superiores!” – e pouco depois juntou: - “Sou encarregado (de tal serviço)...até que eles arranjem um alemão!” Outro falou magoado: - “Não é para desfazer da raça, mas aqui um alemão, pode ser ignorante, entra ganhando mais!” (LOPES, 1964: 93).



**Fig.16. Sr. Oswaldo e Dona Fernandina em residência na Rua Antonio Chagas. Foto do autor. 2014.**

Diferente do caso do Sr. Oswaldo que já entrou na Monark com um curso técnico e atuando junto ao controle de produção como funcionário qualificado, tive a oportunidade de

entrevistar o Sr. Antonio Pereira Lima, sergipano que juntamente com o irmão veio para São Paulo em busca de melhor oportunidade na capital paulista. No dia em que o entrevistei, eu cheguei ao brechó de sapatos que ele possui atualmente na Rua São Sebastião e encontrei-o agachado arrumando alguns sapatos que precisavam ser consertados. Ele me reconhece com alguma dificuldade, pois eu já tinha estado com ele um ano antes fazendo uma entrevista prévia. Hoje com 82 anos de idade, conta como foi sua vida depois de chegar à São Paulo:

Eu nasci em Sergipe em 1934...vim para São Paulo em 1950 junto com meu irmão...eu era rapaz ainda. A gente veio tentar a vida na capital...lá em Sergipe eu era aprendiz de sapateiro, cortava couro, fazia costura, dava lustro, mas a gente queria vir pra São Paulo...ver como é que era! A gente veio sem muito dinheiro...pegamos o bonde lá no centro da cidade e o cobrador nem cobrou da gente...fiz um favor! A primeira noite foi duro...tivemos que dormir no prédio da polícia em cima de sacos de pano...não tinha pra onde ir. Primeiro a gente trabalhou no prédio da Praça Correio como servente de pedreiro, tava tendo uma reforma lá. De noite dava pra dormir por lá mesmo, não tinha muito dinheiro no começo. Depois conseguimos uma vaga pra trabalhar pra uma firma que desentupia bueiros lá no Morumbi, e foi aí que veio uma oportunidade melhor! Um dia a gente tava lá nos bueiros e encostou um baita Cadillac bonito! Saiu um cara de terno e perguntou se a gente não queria trabalhar lá campo do São Paulo, do time de futebol. O cara era sócio do Ademar e acho que dono da Civilsam. Ele levou a gente lá pro campo...tinha o nome da mulher do Ademar: Estádio Leonor Mendes de Barros, o terreno foi doado pelo Ademar, se não me engano. Ficamos quatro anos lá...deu pra juntar um bom dinheiro. Aí tinha um cara que tava vendendo uma sapataria lá em baixo na Chácara Santo Antonio, lá perto do rio. Acertamos o preço com ele, doze mil contos e pagamos tudo na prestação. Aí deu pra juntar dinheiro, mandamos vir a família lá de Sergipe e fomos morar numa casa de madeira lá em cima na Vitorino de Moraes. (Entrevista do Sr. Antonio Pereira dada ao autor em janeiro de 2016).

O caso do Sr. Antonio remete a um dos perfis de migração á época da intensificação da industrialização e que é apontado por Lopes (1964) ao estudá-los:

[...]. Embora, pois, os motivos econômicos da migração sejam os mais importantes ( a “melhoria da vida”), o espírito de aventura, a vontade de conhecer mundo, conhecer São Paulo de que tanto se fala, também aparecem nas entrevistas com esses operários nordestinos. “Vim à toa”, diz um baiano: “Rapaz solteiro, sabe como é, quer conhecer o mundo. [...]. Embora, por isso, muitos dos que estão na indústria, mesmo entre os nordestinos, não tenham emigrado devido a uma necessidade premente, quase sempre, tanto os do interior de São Paulo, como os do Nordeste, dirigiram-se para a metrópole paulistana à procura de melhores oportunidades de trabalho. [...]. (LOPES, 1964: 38, 51).

Na continuidade de sua narrativa, o Sr. Antonio fala de seus relacionamentos no bairro:

Eu sempre fui meio quieto, mas me dava bem com os vizinhos...eu ficava mais tempo na sapataria lá embaixo, não ficava muito tempo conversando! Fui sócio do Floriano Futebol Clube, o campo era lá onde agora tem a faculdade, eu jogava bola com o pessoal do clube lá nos domingos. Na sede do clube tinha as festas, baile pra arrecadar dinheiro. A gente se divertia...de vez em quando saía uma briguinta, mas era bom. Eu pagava sempre em dia a mensalidade, mas descobri que tinha um diretor lá que tava desviando dinheiro...aí eu parei de pagar!...a gente paga e o sujeito pega pra ele...eu parei de pagar! Depois de muito tempo eu vendi a sapataria e consegui comprar duas casas lá no Jardim Marajoara...comprei na massa grossa!...dei acabamento em tudo! Eu alugo lá...a de baixo é mil e oitocentos e a de cima é por mil. Agora eu tenho este brechó aqui. Tá vendo aquela sapataria ali do outro lado da rua? Era minha também, aí eu vendi o ponto...eles trabalham bem lá...eu passei uns truques pra eles...tem que fazer o serviço direito, eu sempre fiz! Você veja, tô com 82 anos e tô aqui no brechó...a gente tem que continuar lutando...mas é assim que a gente consegue as coisas...lutando!



**Fig. 17. Sr. Antonio Pereira em seu brechó de sapatos na Rua São Sebastião na Chácara Santo Antonio. Foto do autor. 2015.**



**Fig. 18. Integrantes do time do Floriano Futebol Clube na década de 1960. Foto obtida em [www.facebook.com/Floriano-Futebol-Clube-171652789578643/likes?ref=page\\_internal](http://www.facebook.com/Floriano-Futebol-Clube-171652789578643/likes?ref=page_internal). 16/01/16**

O propósito de se registrar narrativas de memórias de moradores antigos no bairro e que levam a reflexões diferentes, é de importância esclarecedora destas diferenças. O relato de dona Laura e do Sr. Arnaldo, moradores antigos, nos ajudam a entender estas diferenças:

Morávamos em Pinheiros. Então eu pude comprar a casa aqui na Chácara financiada pelo Instituto da Previdência no governo do Getúlio Vargas. Viemos morar aqui em 1952. Eu saía de casa muito cedo... trabalhava na cidade, era técnico da Polícia Científica! A dona Dulce e o “Seu Pestana” já moravam no bairro... as casas eram muito antigas, igual a de sítio... Tinha quintal de terra e árvores frutíferas. O “Seu Pestana” já era muito velho!... Ficava sentado no banco e não falava com ninguém, olhava os outros passando e reclamava! Eu não me lembro muito das coisas durante o dia aqui pois eu saía muito cedo...ia pro centro da cidade e voltava tarde, por volta das 11 horas da noite! Como tempo eu consegui montar uma Óptica no centro mesmo, lá na Brigadeiro Tobias...então era muito trabalho, voltava tarde. Me lembro ainda da dona Keti e da dona Guerda que vieram da Alemanha depois da Guerra. Dona Guerda depois abriu a loja de brinquedos Estrela<sup>10</sup> lá em cima na José de Carvalho...acho que é isso que me lembro...eu ficava mais tempo na cidade, acho que a Laura deve lembrar mais...ela ficava aqui em casa com os filhos [...]. (Entrevista do Sr. Arnaldo dada ao autor em agosto de 2015).

10. A loja de brinquedos chamava-se Três Lobinhos e eu costumava ir até lá para brincar com o Mário, o filho mais novo de dona Guerda. Recordo-me ainda de suas vestimentas típicas como as calças curtas de couro e de suspensórios típicas da região do Tirol.

Dona Laura conta como foi a mudança para o bairro:

Nós morávamos em Pinheiros até vir para cá. Lá era melhor pois tinha mais coisas que a gente precisava, comércio, mais pessoas. Quando mudamos para cá minha família não acreditou...eles achavam que eu não devia...era muito longe, muito mato! Falavam que aqui era só para passear nas chácaras, sítios...não dava pra morar! Era verdade...era o fim do mundo! Eu ficava o tempo todo com os filhos ainda pequenos. O Arnaldo chegava tarde da cidade...eu ficava com os meninos e a Itaci sentada na soleira da porta com um martelo na mão caso aparecesse alguém. Às vezes eu brincava com os meninos dizendo que estava escutando algum barulho e dava um susto neles...mas era para brincar! Mas eu sentia muito medo nessa época...o bairro era muito vazio e calmo! (Entrevista de dona Laura dada ao autor em agosto de 2015).

Quando perguntada sobre os relacionamentos com pessoas que lá moravam ou foram morar, dona Laura relatou:

Eu não saía muito de casa naquela época. Tinha uns que faziam serenata de noite perto do muro, mas eu não abria a janela... tinha medo! A dona Dulce já morava; começou a lavar roupa depois que as fábricas vieram. Eu conversava com ela, era gente boa! Mas faltava muita coisa no bairro ainda. Não tinha médico...quando precisava de algum, tinha que ir no Brooklin que era o bairro mais próximo, com mais recursos. Não tinha muito comércio, foi chegando depois...a quitanda da dona Rosa já tinha e acho que a venda do Seu Agrias também, mas era muito pouco! Agora tem de tudo que a gente quer no bairro...supermercado, padaria, restaurante...até ponto de táxi tem! Teu pai começou a construir a casa depois que a gente veio...tinha um milharal antes no lugar da tua casa! Ninguém tinha telefone. Quando a gente queria telefonar, precisava ir lá na Randal pra fazer interurbano pra cidade!... A Randal deixava o pessoal telefonar, pois sabia que ninguém tinha telefone.

Neste aspecto da falta de recursos do bairro, também eu me lembro dos relatos de minha mãe, dona Hermínia. Contava ela que quando veio de Portugal, chegando ao Porto de Santos, meu pai foi busca-la. Passando pelo centro de São Paulo, minha mãe falava que tinha visto um ônibus pegando fogo e tumulto nas ruas da cidade. Ela dizia que ficou muito assustada com tudo aquilo, nunca tinha visto algo assim! Contava ela que foi morar de aluguel com meu pai juntamente com meus tios Gabriel e José na antiga casa da dona Norma. Contava ela que, depois disso, foram morar na primeira casa construída pelo meu pai mais abaixo na Rua Antonio Chagas e que depois a casa foi alugada para a dona Silvina que chegou a trabalhar como empregada para nossa família quando eu e meus irmãos éramos

ainda pequenos. Mas sempre dizia em seus relatos que tinha muito medo de sair de casa, pois o bairro tinha muitos terrenos desocupados e que havia muito mato com ruas de terra! Ela dizia que, para não se perder quando ia à quitanda da dona Rosa, marcava o caminho com barbantes para poder voltar com segurança, pois o mato era alto e o bairro era muito vazio naquela época. Lembrava que só havia a quitanda da dona Rosa e o bar do Seu Agrias e mais nada! Quando meu pai construiu a casa em que nós moramos até mudarmos para outro bairro no início da década de 1970, minha mãe contava que eu fui transportado ainda bebê no berço para a nova casa.

Já Itaici, que era a filha mais velha do Seu Arnaldo e dona Laura junto com os irmãos Nelson e Ibiraci relata:

Quando meus pais vieram para cá, eu era menina ainda. As ruas eram de terra...não tinha muito transito...a gente brincava na rua...o Nelson e o Bira brincavam de carrinho na calçada. Lembro do teu pai construindo a casa de vocês. Ainda me lembro da tua irmã Maria que ficava no portão olhando pra rua e as pessoas! Vocês eram muito pequenos ainda quando teus pais mudaram em frente à nossa casa.. Eu me lembro quando morreu um irmão de vocês, o mais novo. Eu fui perguntar pro teu pai e ele disse que era um bebê ainda, que tinha nascido morto! Me lembro que no bairro vinha sempre um circo que tinha luta livre! Ele ficava lá no terreno que hoje é o Grupo Padre Sabóia. Era legal...não sei se você se lembra disso?...Me lembro das festas de São João que o Seu Luiz fazia... tinha fogueira na rua... o pessoal se reunia e ele soltava rojões, tocava sanfona! ( Entrevista de Itaici dada ao autor em agosto de 2015).



**Fig.19. Da esquerda para a direita: a filha Itaici , Sr. Arnaldo e dona Laura na casa comprada em 1952 na Rua Antonio Chagas, na Chácara Santo Antonio. Foto: autor 2015.**

Dentre os relatos de moradores mais antigos do bairro, há o de dona Idalina, minha tia. Moradora há mais de setenta anos na Chácara Santo Antonio, em suas narrativas lembrou das atividades dos “irmãos Louro”: meus tios Manoel, José e meu pai Gabriel ainda na década de 1940:

Eles vieram de Portugal... depois mandaram vir tua avó Maria dos Anjos... eu vim depois e tua mãe também<sup>11</sup> [...]. O Tí Gabriel e o Manoel vieram para a Chácara para trabalhar nas “descobertas” lá embaixo no rio. Tiravam areia dos barrancos com dragas e depois vendiam para as construções... Tinha muitas construções naquela época aqui na Chácara, lá na “Granja”... venderam muita areia [...]. (Entrevista de dona Idalina dada ao autor em julho de 2011).

Cheguei a conhecer ainda criança no início dos anos 1960, as tais “descobertas” que eram os depósitos naturais de areia do rio Pinheiros e Tietê e que era extraída por dragas, a que Rafael Padua refere-se como “[...] várzeas se tornaram inicialmente recurso natural da sociedade, com extração de areia e cascalho e posteriormente com a retificação dos rios e drenagem dos terrenos, força produtiva da sociedade, pois passam a ter valor.”(PADUA, 2008:36).



**Fig. 20. Meu tio José, a avó Maria dos Anjos e minha irmã Maria em casa na Rua Antonio Chagas no início da década de 1950.  
Foto: autor desconhecido pertencente a dona Idalina**

11. Segundo os portugueses que conheci, era comum naquela época os homens casados virem para o Brasil primeiro para se estabelecerem e depois chamarem as esposas. No caso de minha mãe, a espera foi de nove anos, contava ela. Fiquei sabendo por pessoas contemporâneas aos que para cá vieram que muitas vezes os maridos “arrumavam-se por aqui” e nunca mais mantinham contato com as esposas. O interessante disto, é que muitas das esposas nesta situação guardavam luto pelo resto da vida pela “perda do marido”!

Perguntada sobre os relacionamentos no bairro, dona Idalina narra:

Não tinha muito que fazer no começo... íamos passear lá na “Granja”, que era muito bonita naquela altura... tinha muitos terrenos com mato alto, os bosques... depois fizeram aquela mansão e o lago que ficava ao lado dela... hoje é casa de repouso... teu pai e o Manoel venderam areia pra eles. Se não me engano o dono lá era também um português e antes era uma grande casa que tinha animais, peixes. Acho que o nome do lugar é por causa da mulher desse português que se chamava Julieta...por isso ficou Granja Julieta. Já tinha casas boas lá, diferente destas da Chácara! Às vezes os amigos portugueses e parentes vinham visitar...também íamos passear lá perto do rio depois das descobertas... eles tiravam areia e ficava aqueles buracos grandes! Depois o Manoel comprou o carro pra passear, então dava para ir mais longe.

Sobre o rio mencionado por dona Idalina, que é o Rio Pinheiros, este foi utilizado até 1938 como forma de lazer e sociabilidade pelos então moradores do bairro na época:

Naquela época, o rio era uma das principais formas de lazer dos paulistanos que moravam na zona sul. Tinha muitos peixes entre os quais, tilápias e traíras que faziam a alegria dos moradores e crianças. Isso até o final de 1938, quando a Companhia Light desapropriou a parte baixa do bairro para modificar o leito do Rio Pinheiros que era sinuoso.<sup>12</sup>



**Fig.21.**  
Amigos e parentes portugueses de dona Idalina em casa da Chácara Santo Antonio no início da década de 1950.  
Foto: autor desconhecido pertencente a dona Idalina.

12. Fonte: A História da Chácara Santo Antonio. Artigo no site da Ação Comunitária Chácara Santo Antonio. Disponível em: [chacarasantoantoniosp.org.br/?p=historia](http://chacarasantoantoniosp.org.br/?p=historia). Acessado em 15/01/2016.



**Fig. 22. Meu primo Gabriel na Rua Fernandes Moreira, no início da década de 1950. Ruas de terra e poucas casas caracterizavam o bairro nesta época. Foto: autor desconhecido e pertencente a dona Idalina.**

As narrativas de dona Idalina como as de dona Laura que “não abria a janela” para serenatas e com o marido ausente o dia todo, nos dão uma ideia da pequena população bairro de maneira dispersa, numa paisagem de um processo de urbanização onde a convivência era quase que só o da esfera familiar.

As narrativas das pessoas que primeiro vieram para o bairro Chácara Santo Antonio a partir da década de 1940 ou daquelas que aqui nasceram ainda no final da década de 1930 como no caso de dona Ferandina, nos dão um bom exemplo de experiências vividas e que, por serem individuais e dentro de um contexto histórico social do lugar, são produzidas por memórias que por vezes levam a visões diferentes do bairro. Se para dona Fernandina e para Itaiçi as recordações das brincadeiras de rua e o circo povoam suas lembranças, para dona Laura o perigo eminente, o desconhecido lugar longe de tudo e os dias sozinha com os filhos à espera do marido faziam-na ter uma atitude de desconfiança e de proteção. Já para o Sr. Oswaldo que foi trabalhar como pioneiro nos primeiros tempos da Monark, para o Sr. Arnaldo que comprou a casa própria e com os negócios na cidade, para dona Idalina que,

segundo suas narrativas, meu pai e meu tio “venderam muita areia naquela altura”, e não esquecendo o Sr. Antonio Pereira, migrante nordestino que adquiriu a sapataria, a vinda para o bairro significou o processo de emancipação econômica para suas famílias.

Outro entrevistado, José Tadeu, faz uma narrativa de suas memórias. Filho de Ascendino Theororo Nogueira, maestro pesquisador de cultura tradicional brasileira, fala sobre sua infância e juventude. Nos encontramos numa padaria próxima à sua residência na zona Sul da cidade. Pedimos um café e Tadeu inicia:

Nasci em 1951. Meus pais vieram de Araraquara para São Paulo. Minha mãe conta que a gente morava num sobrado em cima de um comércio...ela dizia que fazia muito barulho, ponto de ônibus em baixo! Uma vez o meu avô veio visitar e achou aquilo um absurdo...”como vocês vão criar filhos aqui com essa confusão!” Então eles procuraram uma casa lá na Chácara que viram lá na José de Carvalho. O meu avô gostou...era segura! Meus pais contam que ele pagou o proprietário com uma mala cheia de dinheiro, avista! Isso foi em 1952... eu estava com três meses de idade. Meus primeiros amigos foram o Pierre que era filho de um diretor da Ciba, a indústria de remédios lá na Avenida Santo Amaro, o Kiko e o Ilmar. Naquela época estavam arrumando a Américo Brasiliense que ainda era de terra...então a gente brincava nos buracos que eram feitos, entrava nas tubulações de drenagem que estavam colocando. Depois apareceu aquele campinho pra jogar bola e que ficava mais pra cima na Américo onde é hoje a Igreja...lembra dele né?...foi no início da década de 1960. ( Entrevista de José Tadeu dada ao autor em novembro de 2015).

Perguntado sobre com quem mais eles se relacionavam, Tadeu relata:

Às vezes tinha jogo com os maloqueiros que moravam lá embaixo onde era o areal... Hoje é o Carrefour lá. Os caras tinham um tipo esquisito, invocados...Tinha um que jogava com um camisolão...parecia pijama!...a gente tinha um pouco de medo deles! Tanto que se a gente ganhava, os caras vinham pra cima...às vezes a gente apanhava, eram todos menores que eles. Então, de vez em quando a gente dava “um jeito” de perder pra ficar tudo na paz!...era assim! Teve uma vez que foi perigoso, mas não foi com os maloqueiros não! Tinha os “indinhos” que ficavam andando pelo bairro junto com a mãe deles catando coisas, e a gente sempre ficava caçoando deles! Uma vez eu estava com o Klaus e eles chegaram de repente...a mãe deles passou uma faca pra um deles e ele botou no pescoço do Klaus: “mata esse cara aí”, ela falava! Daquela vez eu tremi na base!...mas não deu em nada...era só pra assustar... pra parar de mexer com eles! Fora isso, quando eu tava sozinho, eu não tinha muitos problemas com os maloqueiros lá do areal...eu era menor do que eles, mas eles não me perturbavam...eles me conheciam pois nessa época a minha mãe vendia manteiga do Laticínio do meu avô lá de Araraquara...eles já me chamavam de “Mantega”: “Oi Mantega, como é que tá, tudo legal...e o teu irmão, o Manteguinha!...naquela época eu já tinha esse apelido de Mantega! Então eu sempre que passava lá no

areal e encontrava com os caras eu cumprimentava pra ficar tudo bem com eles! Eu também tinha relacionamento com o pessoal da favelinha de madeira lá em cima na Rua da Paz...tinha o Dico que tinha uma voz rouca...parecia um papagaio de carvoeiro falando! Rapaz...outro dia eu encontrei com o Dico, não me recordo agora onde!...mas parece que tá do mesmo jeito...parece que esse pessoal não envelhece...e aquela voz rouca do mesmo jeito: “E aí Mantega, cumé que tá!” Eu sempre me dei bem com esse pessoal, não tinha problemas com eles não, me relacionava bem com esse pessoal!

Com sua narrativa, Tadeu nos traz ao conhecimento a existência de outros grupos sociais além daquele que mais de perto pude conviver e que, com suas narrativas, puderam dar ideia das formas de sociabilidade praticadas no período de intensificação da urbanização e industrialização da Chácara Santo Antonio. Imigrantes alemães como dona Ketí e dona Guerda, o Sr. Oswaldo e dona Fernandina, os meus pais e tios, os pais de meus amigos que vieram para o bairro no início da década de 1950, juntamente com outros moradores acabariam por formar assim a classe média neste período industrial da Chácara Santo Antonio.

Um outro grupo de pessoas habitava favelas na parte mais baixa do bairro próximo ao rio Pinheiros, uma área formada por terrenos baldios alagadiços e antigos locais de extração de areia como o areal citado por Tadeu. A exemplo das favelas do Real Parque e do Jardim Panorama existentes na margem oposta do rio Pinheiros, a favela do areal e mesmo a pequena favela situada na parte de cima do bairro e que foi removida em meados da década de 1960, tiveram sua origem, segundo Tiarajú D’Andrea (2008) devido oferta de empregos ocorridos na região sudoeste na década de 1950:

As favelas estudadas nesta dissertação são apenas algumas de uma grande quantidade desse tipo de assentamento existente na região sudoeste de São Paulo. Dois fatores que incidiram decisivamente na edificação de favelas na região foram a oferta de empregos na região e a grande quantidade de terrenos ociosos, não utilizados devido à especulação fundiária ou mesmo pela má qualidade. [...]. A favela Real Parque foi fundada em 1956. A favela Jardim Panorama, um ano depois, em 1957. O surgimento dessas duas favelas aconteceu previamente à expansão das construções do entorno, mas ambas cresceram e se adensaram a partir da oferta de emprego existente, sobretudo na construção civil.[...]. (D’ANDREA, 2008:15).

Desta maneira o processo de urbanização e industrialização da Chácara Santo Antonio propiciou a vinda de pessoas com interesses em oportunidades dadas pela própria divisão social do trabalho criando possibilidades sócio econômicas diferentes resultando numa distribuição espacial no bairro em grupos sociais diferenciados em estilos de vida e condições

financeiras desiguais, revelando assim a heterogeneidade da população no local. Os “maloqueiros” do areal, os conhecidos do Tadeu da “favelinha” assim como os “indinhos”<sup>13</sup> que perambulavam nas ruas do bairro formaram grupos sociais ocupando territórios com seus próprios códigos de conduta e reconhecimento. Esta heterogeneidade de grupos sociais da Chácara Santo Antonio contrastava já na década de 1950 com as dos moradores de maior poder aquisitivo do bairro vizinho, Granja Julieta, formado por ruas bem arborizadas, com casas de alto padrão e que não sofreu o processo de industrialização e continua praticamente sem modificações na atualidade. Sobre a convivência com amigos da escola, as andanças e distrações no bairro, Tadeu recorda:

Eu fui estudar primeiro lá naquela escola de madeira que ficava no final da Vitorino de Moraes, já perto da Granja. Às vezes eu não tava afim de estudar, então eu subia nas carteiras e fazia bagunça...aí mandavam chamar a minha mãe, a dona Matilde...aí eu levava um cacete em frente a todo mundo! Tinha às vezes que na hora do recreio eu saía com o “Barata”, o Nelson “Barata” pra pescar... você se lembra dele? A escola era de dois galpões lado a lado e suspensos...parecia palafita...então a gente deixava as varas de bambú debaixo dos galpões. Então a gente saía pra pescar lá no Rio Pinheiros e também naquele laguinho que tinha na Granja...hoje é a Praça Severo Gomes lá. O “Barata” fazia isca de pão pra pegar cará...a gente ficava as vezes até as quatro da tarde pescando!...quando eu voltava levava cacete da minha mãe...dona Matilde... uma heroína! Às vezes a gente fazia umas aventuras mais ousadas!...a gente ia lá pro Morumbi...tinha aqueles lagos lá...eu ia só de shorts e descalço. Na volta tinha aquela ponte de arcos que atravessava o rio...a gente passava por cima dos arcos lá em cima e o rio embaixo! Tinha o negócio dos balões também! Teve uma vez que eu tava estudando piano com o Souza Lima...eu cheguei a ter aulas de piano por causa do meu pai! Então eu tava lá com o Souza Lima e aí eu ouvi uma gritaria...era balão que tava caindo...um balão charuto de 3 bocas!... eu saí correndo, subi no telhado e pequei o balão...virei herói! Aí eu voltei pra casa e o Souza Lima todo sem graça!...eu deixei o cara sozinho e fui pegar o balão! Eu cheguei a estudar também pintura, sabe com quem?...com o filho do Oswald de Andrade...o Oswald de Andrade Filho! Mas ele chegou pro meu pai e disse: “Olha Theodoro, seu filho pode servir pra qualquer coisa...pra pintura não serve...não vale a pena!

---

13. Esta família de índios provavelmente era originário do grupo de índios Pankararu que vieram do nordeste para São Paulo no início da urbanização do Morumbi quando foi formada a favela do Real Parque como registra José Maurício Arruti: “ Os Pankararu de Real Parque na zona sul da cidade de São Paulo [...]. Esse grupo tem origem na intensificação do fluxo de deslocamentos de trabalhadores do Nordeste para as grandes cidades do Sudeste, a partir da década de 1940.”[...] (ARRUTI, 2005).

Com suas narrativas, Tadeu nos dá uma boa ideia de como eram aproveitados os espaços de um bairro em processo de urbanização e se transformando em bairro industrial e que ainda propiciava formas de lazer com aproveitamento de matas, rios e lagos e que se constituíram em formas de sociabilidade entre os moradores na época. Outro aspecto que se torna evidente aqui é o fato de bairros que naquela época possuíam um intenso aproveitamento de seus espaços para prática de formas mais livres de sociabilidade e de também acomodarem moradores de extratos sociais diferentes com estilos de vida e situação financeira diferenciados, acabavam por determinar “territorialidades” diferenciadas de convivência e fronteiras simbólicas de presença. José Tadeu parece demonstrar em suas narrativas que sabia articular códigos que permitiam que ele transitasse em “territórios” diferentes do daquele em que ele e seus amigos de infância habitavam: “[...] eu sempre que passava lá no areal e encontrava com os caras eu cumprimentava pra ficar tudo bem com eles[...]. Eu também tinha relacionamento com o pessoal da favelinha de madeira lá em cima na Rua da Paz [...]. Eu sempre me dei bem com esse pessoal, não tinha problemas com eles não, me relacionava bem com eles[...].”

Gostaria de deter-me em uma das categorias elaborada por José Guilherme Magnani (2002) em seu representativo trabalho para a Antropologia Urbana: a categoria *pedaço*. O *pedaço* segundo Magnani “[...] supõe uma referencia espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles.” (MAGNANI, 2002: 20). Então o que no entender de José Tadeu era o areal ou a favelinha de madeira, para seus frequentadores locais tratava-se da referência espacial a que Magnani se refere como *pedaço*, ou seja, o local onde indivíduos de determinado grupo se reconhecem em seus códigos de conduta, vivências e identidade entre os mesmos.

Outra narrativa que nos leva refletir sobre o conflito que muitas vezes surgem por diferenças de estilos de vida e pertencimento a grupos de relacionamento diferentes, é o de João Antonio. Irmão de José Tadeu que, a exemplo do pai, Ascendino Theodoro, hoje é violinista na Orquestra Sinfônica da USP, João Antonio, o Manteguinha, lembra:

Eu fui o único irmão que já nasceu na Chácara, em 1956. Tenho algumas lembranças do pessoal da rua: o Pierre, que era filho de executivo...depois soube que o cara virou mendigo! Tinha o seu Tom e as filhas, mas do que eu mais me recordo era de um casal de italianos que morava do lado de casa...Não tinham filhos, e o italiano toda noite botava disco de ópera pra ouvir...me chamava a atenção! Depois disso eu comecei os estudos lá no Padre Sabóia, lá na Américo Brasileiro...você estudou lá também, né? Agora, tem uma coisa que me marcou quando eu estudava lá, eu não esqueço até hoje! Tinha a feira lá na Américo e tinha a barraca de banana que trabalhava uma

moça...o nome dela era Marlí, você se lembra dessa moça?...parecia uma maloqueira!...ela andava com uma toca de meia na cabeça, descalça...jogava bola bem e encarava a molecada! Pois é...uma vez, não me lembro direito o que eu fiz pra ela, mas levei um cacete dela...apanhei muito naquele dia!...ela não me largava...apanhei na frente do Sabóia e tudo mundo me vendo! Então eu procurava desviar o caminho quando ela tava na banca!...Aí uma vez eu passei perto dela...ela tava com uma faquinha mirando no caule de cacho de banana e atirando...eu passei e ela falou: “E aí branquinho...vai encarar? Eu não me esqueço disso até hoje...apanhei muito dela! Mas fora isso, eu não saía muito de casa...minha mãe ficava em cima com aulas de música. Eu saía muito é com meu pai...a gente saía de bonde, ia lá em Moema. Nessa época o meu pai era amigo do Oswald de Andrade Filho e ele morava ainda com a Tarsila do Amaral...o Oswald de Andrade já tinha morrido! Então eu andava mais com meu pai...meu pai ia com uma sacola cheia de manteiga pra vender lá pros padres do Meninópolis. Uma vez a gente tava voltando de lá, e lá perto do riacho onde fica ainda a Marcas Famosas, vinha vindo dois operários, nordestinos, sei lá! Os caras viram a sacola e pensaram que o pai vendia amendoim: “ Ô seu Zé...e amendoim?...a gente qué! Meu pai ficou muito puto da vida, começou a discutir com os caras! Mas eu não saía muito não! (Entrevista de João Antonio dada ao autor em dezembro de 2015).

João Antonio na época, por ser menor e não sair de casa para a rua, acabou levando um “cacete” da Marli, menina “maloqueira” com toca de meia na cabeça, descalça, e que aprendeu a encarar a molecada nos jogos de bola e a impor respeito. Seu irmão José Tadeu, diferentemente, desde cedo aprendeu os códigos da rua e dos territórios para poder transitar tranquilo no “areal” e na “favelinha de madeira”. José Tadeu hoje é empresário no seguimento de acessórios de segurança para automóveis.

Procurei registrar até agora alguns dos exemplos das relações que eram construídas entre moradores e pessoas que vieram para o bairro em busca de oportunidades de trabalho e moradia e onde se davam estes relacionamentos (no ambiente de trabalho, nas brincadeiras de rua, pescarias nos rios e conversas em bancos de calçada, jogos com times de futebol e bailes em sedes de clubes). Mas antes de continuarmos com as narrativas, penso ser importante atentarmos às formas de interação entre indivíduos e que encerram práticas de sociabilidade. Segundo Simmel (2006), a sociedade é formada pela ação recíproca entre indivíduos e esta ação se dá pelo interesse destes em determinados conteúdos:

Esta interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades. Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação de referência ao outro [...]. (SIMMEL, 2006: 59, 60).

Na busca pela satisfação destes impulsos e necessidades e que Simmel denomina de conteúdos, se dão por determinadas maneiras ou formas no processo de interação entre os indivíduos a que o autor denomina de sociação:

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses, ideais, momentâneos [...] se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam [...]. (SIMMEL, 2006: 60, 61).

Simmel ainda afirma que as forças, os estímulos e as necessidades que são a matéria da vida veiculadas por determinadas formas que resultam na vida em sociedade, adquirem em determinados momentos autonomia em função destas formas. A este fenômeno de autonomização destas formas, o autor denomina de sociabilidade:

Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade. (SIMMEL, 2006: 64).

Podemos dar como exemplo desta pré-disposição no uso das formas de sociação, hábitos como encontrar-se para conversar em determinados locais, o café da tarde na padaria, o bate papo costumeiro na esquina, as reuniões de associações de bairros para resolução de problemas de interesse da comunidade, etc. A sociabilidade, portanto, vai se caracterizar pela continuidade do uso das formas de sociação numa espécie de manutenção dos vínculos de interesses entre indivíduos que se ritualizam no decorrer do tempo e abrangem interesses diversos como políticos, culturais, de lazer, de manutenção de amizades e de formação de lideranças em quaisquer ramos de atividade social. O processo de sociação mantém-se ao longo do tempo pela prática da sociabilidade.

Um bom exemplo da autonomização dos conteúdos das formas de sociação a que Simmel se refere pode ser dado por uma das atividades que alguns meninos do bairro, entre eles meus irmãos e eu, desenvolvemos entre a infância e a adolescência passadas na Chácara Santo Antonio. Refere-se na verdade a uma prática de trabalho resultante da instalação de uma pequena fábrica de componentes de baquelita, material então utilizado para cabos de painéis de pressão e de componentes elétricos e que nos ajuda a compreender o conceito de sociabilidade proposto pelo autor. Residia na Rua Vitorino de Moraes junto a esta pequena fábrica, a família trazida de Sergipe pelo Sr. Antonio Pereira que, como já citado nesta

pesquisa, após adquirir uma sapataria na parte de baixo do bairro, pode comprar a referida casa. Pela proximidade física aliada à estratégias de redução de custos de produção envolvendo uma precarização de condições sociais de trabalho onde direitos são suprimidos, a empresa repassava as peças em fase de término de produção para os membros desta família para realizarem o trabalho de acabamento. O serviço consistia em retirar as rebarbas das peças<sup>14</sup> feito com auxílio de limas. O local de trabalho consistia em uma grande mesa coberta por uma barraca de lona semelhante as que são utilizadas em feiras livres e bancos ao lado da mesa em que os membros desta família sentavam-se para realizar o trabalho. Por sermos amigos de Aparecido, Nelsinho e Moacir, os meninos desta família, e que também trabalhavam nesta tarefa, eu meus irmãos e alguns outros amigos passamos a contribuir também no trabalho realizado. Passávamos então tardes inteiras a limar peças, a contá-las e despejá-las em sacos que voltavam para a fábrica. Para mim, meus irmãos e amigos, o fato de estarmos ocupando posições na mesa de trabalho e que, sob uma perspectiva Simmeliana constitui-se numa forma de sociação entre indivíduos para satisfação de necessidades e interesses econômicos, para nós constituía-se numa maneira de nos sociabilizarmos com a família dos meninos citados. Nunca recebemos dinheiro algum pelos serviços prestados. Nosso pagamento era ouvir estórias de cangaceiros contadas pela avó dos meninos, comer cuscuz e biju feitos por ela e passar tardes agradáveis. E entre uma peça e outra, uma conversa, uma gargalhada: um exemplo de apropriação de conteúdo e forma de sociação que se pode entender como sociabilidade. Estas reflexões sobre a categoria sociabilidade proposta por Simmel se fazem necessárias pois, da etnografia realizada na Chácara Santo Antonio com antigos e novos moradores, percebemos estas formas de sociação, quer seja no ambiente de trabalho, em festas e em brincadeiras de rua que tiveram lugar entre o final da década de 1950 até meados da década de 1980 e que marcam bem a sociabilidade com uma intensa ocupação do espaço público do bairro nesta época.

Se atualmente o bairro apresenta ruas movimentadas e atividades de comércio e serviços, até meados da década de 1970 apresentava-se como uma região relativamente calma com pouco transito de carros. Entre as décadas de 1950 e meados da de 1980, não somente as ruas e as calçadas como também os inúmeros terrenos baldios existentes no bairro eram utilizados para o lazer com formas de sociabilidade praticadas por adultos, jovens e crianças. As ruas eram em sua maioria de terra que, aliado a outra característica do bairro, o de ser uma

---

14. A tarefa era denominada por nós de “fazer cabo” por tratar-se em sua maioria de cabos de panela de pressão.

região plana em grande parte de sua extensão, possibilitava vários tipos de jogos e brincadeiras. O uso de bicicletas e os jogos de bola nas ruas e terrenos baldios concorriam com outros tipos de brincadeiras como pião, pula cela e jogos de bola de gude. Os próprios trilhos de bondes<sup>15</sup> que atravessavam o bairro eram utilizados para se fazer vidro moído para cerol que se utilizava nas linhas das pipas. Estas atividades constituíram-se em formas de sociabilidade onde disputas marcavam presença. Era comum a existência de turmas rivais que se localizavam em partes diferentes do bairro. Nos jogos de futebol realizados nos terrenos baldios, muitas vezes estas rivalidades ficavam mais evidentes: o roubo de “traves” do gol do “campinho” dos rivais era a forma de compensação das derrotas nos jogos. Os adultos também se utilizavam do espaço público para se relacionarem. Bancos e cadeiras nas calçadas eram comuns e a existência de muros baixos entre as casas facilitavam as conversas. Recordo-me que muros como esses dividiam minha casa com a de dona Dulce que lavava roupas como já foi dito, e que se aproveitava da baixa altura destes para recepção de roupa a ser lavada e a entrega da já processada. Eram nestas ocasiões que as conversas eram colocadas em dia com minha mãe. Conversavam sobre o cotidiano, da educação dos filhos, dos vizinhos mais antigos que já tinham partido e tudo o mais. As duas mantiveram, independente do vínculo econômico da prestação do serviço realizado ainda em tanque, uma relação de amizade até o falecimento de dona Dulce no final da década de 1960.

Na época de festas juninas eram comuns as fogueiras<sup>16</sup> em frente aos portões, pois as ruas em sua maioria de terra facilitavam tal prática. Uma das melhores festas como lembra Itaici em sua narrativa registrada nesta pesquisa, era realizada em frente à casa do Sr. Luiz, sanfoneiro vindo de Bragança Paulista. O Sr. Luiz, de temperamento arredo e que durante o ano todo se mantinha distante dos vizinhos, abria a “sua festa” na rua para os demais moradores servindo boas comidas, musica de sanfona e o tradicional quantão que, talvez, o deixasse mais sociável pois passava a noite toda tocando, dando gargalhadas e soltando rojões de vara. Como se pode observar, a ocupação dos espaços do bairro era intensa e deu-se por muitos anos desde o início da industrialização na década de 1950.

---

15. A linha de bondes Santo Amaro-Praça João Mendes que passava pelo bairro foi a última a ser desativada em 1968.

16. A lenha para as fogueiras assim como caibros e sarrafos de madeira para confecção das traves eram obtidos dos canteiros de obras de residências e de outros equipamentos urbanos principalmente na década de 1960.



**Fig. 23. Meu primo Gabriel e amigos em brincadeiras na rua Fernandes Moreira no em meados da década de 1950. Foto: autor desconhecido pertencente a dona Idalina.**



**Fig. 24. Meus primos Maria e Gabriel na Rua Fernandes Moreira na década de 1950. Foto: autor desconhecido pertencente a dona Idalina.**

Esta ocupação dos espaços, as práticas de sociabilidade e a estabilidade de determinados grupos de moradores no bairro fizeram com que surgissem grupos de amizade. Um destes espaços de sociabilidade que era frequentado por mim e vários amigos era o da esquina formada pelo cruzamento das ruas Antonio Chagas com Vitorino de Moraes e que

após a construção de um conjunto de sobrados em 1963 trouxe futuros amigos de adolescência. João Leiva, um destes amigos conta como o grupo de amigos se formou:

Quando eu vim para o bairro, entre 63 e 64, o meu pai trabalhava como Contador numa Metalúrgica, a Tecnol, que ficava lá embaixo na São Sebastião, lá perto aonde era uns brejos ainda! No início eu só comecei a falar com o Zé Luiz e com a Maria José... Também com o Hagop e o Vasquem...Eles eram armênios...o pai deles era professor de literatura inglesa! Acho que já estavam também a dona Gilda com o Fernando , o Ricardo e a irmã deles, a Mariangela. A gente jogava bola na rua, brincava de queimada...As ruas eram de terra ainda...jogava até de noite, fazia as traves baixinhas com lata, pedra... era tranquilo no começo...poucos carros, não tinha problema de segurança! A gente ficava conversando sentados nas muretas que tinha entre os sobrados...Você se lembra como era?...Entre os portões dos sobrados...Eram baixas, dava pra sentar!...E aí a gente ficava conversando até tarde da noite. Mas fazia barulho...As conversas, risadas, então meu pai começou a reclamar...pedia pra fazer menos barulho, incomodava! Nessa época, o sobrado da esquina tava desocupado ainda...Aí veio a ideia de ir para lá, dava pra ficar mais à vontade, conversar, dar risada...Tinha aquela mureta estreita debaixo da grade...dava pra sentar pra conversar. Depois veio chegando mais gente...os Gola e o Fulvio que estudavam no Meninópolis, o Marco italiano... Mais tarde o Constam, o Tadeu começou a descer pra esquina...então a Turma da Esquina nasceu desse jeito...sentados lá conversando e o pessoal vindo pra se encontrar no sobrado da esquina! (Entrevista de João Carlos Leiva dada ao autor em janeiro de 2016).

Assim continuamos a nos encontrar neste local, durante o dia ou à noite, nos finais de semana e nos feriados. Foi neste espaço de sociabilidade que se consolidaram amizades, laços de confiança, relatos das primeiras experiências amorosas, decisões de futuras profissões, estabelecimento de lideranças e de futuros casamentos. Ao longo do tempo em que nos encontramos com regularidade quase diária, a percepção da presença do grupo por outros moradores, a interação com transeuntes, as brincadeiras faladas e elogios com as meninas que trabalhavam no bairro e que passavam por lá e até pelo contato com outros jovens fora do bairro, fez com o grupo passasse a se auto denominar como a *Turma da Esquina*. Fulvio Varo, outro amigo da turma, recorda aqueles tempos e fala sobre o porquê da turma ser conhecida:

Tem que ver quem eram os caras da turma! Todo mundo era filho de pais que tinham bons empregos, dono de comercio...A gente estudava em bons colégios...lá no Meninópolis, no Beatíssima... Também em bons colégios públicos...Naquela época a escola pública era boa!...Então não tinha nenhum pé rapado na turma...As meninas sabiam disso! Tinha os bailinhos...A gente ia...Às vezes eram em

casas de conhecidos, mas tinha aquele que a gente pagava pra entrar lá Suzana Rodrigues em Santo Amaro! E tem uma coisa: tinha uns amigos lá que eram bonitinhos!...O Cesar Gola, o Tadeu...o pessoal era conhecido! Também tinha outras turmas: a turma da Danúbio, a turma do bar que ficava lá na Rua Fraternidade, lá na bifurcação da Avenida Santo Amaro, lembra? (Entrevista de Fulvio Varo dada ao autor em novembro de 2015).

Maria José, a Mazé, é outra amiga que veio para o bairro depois que construíram os sobrados. Irmã de Zé Luiz e atualmente esposa de Fúlvio, recorda hoje sobre a impressão que tinha da Turma da Esquina:

Pra mim os caras da Turma era como se fossem todos meus irmãos... eu me sentia protegida quando saía com o pessoal...não me lembro de pensar em caras bonitos...eu achava bonito o Fúlvio! Era assim: tinha as festas, mas minha mãe não deixava ir sozinha... Imagine naquela época uma moça sair sozinha pra festa...nem pensar! Então o Zé Luiz tinha que me levar, mas tinha outra coisa...Eu só poderia ir se tirasse boas notas, tinha que ser de sete pra cima...Filha de professora é fogo! Muitas vezes o Zé me deixava na porta dos bailes e ia com a turma pra outros lugares... Às vezes o pessoal ficava nos bailes em que eu estava...Era divertido, mas o pessoal *aprontava* muito...o Alemão é que *aprontava* mais! Muitas vezes a turma era expulsa dos bailes!...Depois o Zé me pegava pois eu tinha que chegar junto com ele em casa! Então eu gostava da Turma como gosto até hoje...Pra mim são todos meus irmãos! (Entrevista de Maria José dada ao autor em novembro de 2015).

Em algumas ocasiões ocorriam brigas por se estar frequentando “outros territórios” que eram comandados por outras turmas. Esta regularidade nos encontros e a articulação de códigos de reconhecimento trouxe a todos um forte sentimento de pertencimento e de identidade em relação ao local. Assim como a *Turma da Esquina* que ocupava um local bem determinado existente na Chácara Santo Antonio, outras turmas também existiam em outras localidades tais como a *Turma da Danúbio* de jovens que se encontravam na padaria do mesmo nome no bairro vizinho Brooklin Paulista e outras mais em que também o sentimento de pertença vinha da ocupação de determinados pontos do espaço público e de equipamentos urbanos em determinadas circunstâncias e necessidades traduzidas por práticas de sociabilidade.

Este sentimento de pertencimento e de identidade grupal relacionados a determinados espaços e que os tornam territórios simbólicos tanto quando da apropriação dos mesmos como em narrativas das memórias como acima descritas podem ser, de certa maneira, explicadas por uma música que na verdade tornou-se um pequeno hino da Turma e que foi composta pelo Jaime, um dos amigos do grupo:

Na nossa esquina a turma toda entrosa o papo,  
E bate bola, joga buraco.  
Na nossa esquina não se fala em trabalho,  
A turma só quer pegar no baralho.

As minas passam, a turma mexe, entra de sola,  
Elas nem ligam e nem mesmo nos dão bola.  
A pilantragem é que é a nossa escola, o quê que há!  
A turma só quer saber de vadiar!

Na letra, frases como *nossa esquina, bate bola, joga buraco, não se fala em trabalho, as minas passam, a turma mexe entra de sola* nos dão uma ideia não só do sentimento de pertencimento e de identidade, mas também das formas de sociabilidade de um grupo de jovens que na época ainda estavam só comprometidos com os estudos e o lazer. A letra também retrata formas de interação, por vezes conflituosas, com as meninas que moravam no bairro, as que trabalhavam no comércio e nas fábricas e que subiam a rua para tomar o ônibus após o expediente. Maria Clara, uma destas meninas que atualmente reside em Niterói, mas que morou no bairro até o início da década de 1970, nos conta sobre estas interações conflituosas:

Era meio difícil pra mim e para minhas amigas quando a gente tinha que passar lá na esquina e os rapazes estavam lá. Então a gente tinha um costume...Quando tinha só um ou dois, a gente passava mais perto porque sabia que eles não iam mexer. Mas quando tinha a turma toda, a gente desviava o caminho, ia lá pro outro lado da esquina pela venda do Seu Fernando...Se passasse perto com todos lá era chato...Eles faziam gracinha, vinham atrás imitando nosso andar e fazendo piada! Teve uma vez que a Hilda passou por isso e virou pra trás para reclamar...Aí foi gozação geral...Ela saiu chorando, coitada![...]. (Entrevista de Maria Clara dada ao autor em fevereiro de 2016).

Não havia um relacionamento mais estreito com estas meninas, quer seja namoro, amizade ou mesmo relacionamentos sexuais. Temos aqui de levar em conta aqui os costumes morais que os rapazes da época seguiam, com relação às formas de se relacionar com as diferentes meninas. Na continuidade de sua narrativa, José Tadeu nos ajuda a entender como jovens com a inserção social como a dele conseguiam relacionamentos sexuais á época:

Eu comecei minha vida sexual com 17 anos. Mas eu não tinha carro, era estudante. Tinha uns lá que já tinham carro...Aí iam lá pros Jardins, com as prostitutas e às vezes até com meninas de família...A gente falava que elas eram “Maria Gasolina”. Tinha o outro Tadeu que o pai era dono da Casa Triunfo, então na época ele já tinha um carrão...Um Opalão verde, mas eu não. Só depois que entrei na Faculdade é que pude comprar. Então tinha as empregadas do

bairro...Elas eram mais velhas que nós, aí a gente acabava fazendo sexo com elas...Era o que estava a nosso alcance na época! Eu não sei por que essa fama só ficou pra mim, mas na realidade todos saíam com as empregadas! Às vezes a gente ia lá num cassino que ficava em Santo Amaro...Tinha as mulheres lá. Então a gente saía a pé com elas...Era perto da Granja e a gente ia nos matagais lá...Levei muita picada de formiga lá na Granja!

Pelo que Tadeu nos conta, é interessante aqui fazer um contraponto com relação aos tipos de relacionamento com as meninas mais próximas e as empregadas domésticas do bairro citadas, e que encerram formas de sociabilidade distintas. Quando Maria José era acompanhada pelos amigos da Turma da Esquina próximos a ela e ao seu irmão, mediante consentimento da mãe professora por boas notas tiradas na escola, as formas de interação entre todos era o da frequência aos bailes, brincadeiras, divertimento e *aprontações* que não colocavam na pauta um relacionamento sexual; Maria José estava muito longe de ser considerada pela Turma como uma “Maria Gasolina”. Já as empregadas mantinham relações sexuais com os rapazes pois, segundo José Tadeu, eram “mais velhas” e “mais liberais” como ele narra mais abaixo.

Perguntado o que era conversado e o que as empregadas pensavam dos rapazes, Tadeu conta:

A gente conversava pouco com elas, e como não era pra namorar, tinha até uma regra!...A gente acabava mentindo pra elas...Quando perguntavam onde eu morava, eu dizia que era lá embaixo na Américo, nunca dizia o nome da rua, e era completamente ao contrário pois eu morava lá em cima já perto da Santo Amaro...a gente não queria se comprometer! Elas não falavam muito não...Eu lembro delas perguntarem o que a gente fazia, se estudava, se tinha carro...eu acho que elas pensavam de talvez ter uma vida melhor... Muitas dessas meninas não estudavam e então deviam dar valor, não sei!...Acho que elas pensavam que a gente era riquinho...Essa diferença de classe social era muito evidente na época...Tinha muita gente com preconceito na época, muito racismo e acabavam se aproveitando disso... A diferença de classe social!...Eu nunca me importei muito com isso! Teve uma vez que foi interessante. Eu tinha saído umas três ou quatro vezes com uma empregada e depois nunca mais eu a vi! Eu tinha acabado de entrar na Faculdade lá em 1970!... Aí comecei a namorar uma menina lá da Granja Julieta, a Claudia. Comecei a namorar e tal, e ela me convidou pra ir jantar na casa dela... Conhecer os pais! Aí a gente tava lá na sala, comendo e tal e eu olho pra cozinha e tava lá a empregada que eu tinha saído!...E ela lá da porta da cozinha, olhava pra mim, apontava o dedo e falava devagar pra eu entender: “ Eu te conheço!”... E ficava me olhando e apontando o dedo! Acho que ela não ia falar, se não podia perder o emprego, mas eu me fiz de mudo, de surdo, não falava nada! Você veja, naquele tempo eu não podia levar a Claudia pra cama!...Não podia! Aí acabei levando a empregada dela!

Tadeu neste momento faz uma reflexão e compara com a situação atual:

Olha eu acho que o que muda daquela época pra atual é que o jovem hoje não vai mais procurar a empregada pra fazer sexo... Acho até que não vai mais em zona também!...A maioria dos adolescentes vão pra um relacionamento com as colegas de classe, amigas, da mesma classe social...Não tem mais esse negócio de procurar empregada, de classe social diferente pra fazer sexo!...Eu acho até mais interessante, pois você consegue ter um diálogo com assuntos conhecidos...Mesmo que seja por uma noite! Não tem mais esse negócio de ir com as empregadas!...Naquela época acho que as empregadas eram mais liberais!

As conclusões a que Tadeu chega sobre sua condição como rapaz de classe média, de se ter como opção, “naquela época”, a procura de empregadas domésticas para relacionamentos sexuais impossibilitados com moças do próprio meio social, e também a dos motivos que levariam empregadas a se relacionarem com jovens de classe social superior, remetem mais a uma questão de perspectivas de motivos por quem as procurava, no caso o José Tadeu, uma vez que, segundo seu relato, pouco se conversava com empregadas domésticas e conseqüentemente, pouco se sabia de suas intenções e vontades. Isto nos leva neste caso a uma limitação do conhecimento da alteridade. O fato é que, tais práticas às quais não podemos admitir uma existência somente no recorte temporal dos anos 1960-1970, eram por demais evidentes na época.

Visto de um plano cultural mais amplo, podemos observar que o tema de empregadas domésticas e, não só estas, mas também moças de classes sociais de poder aquisitivo mais baixo e vivendo nos subúrbios, era comumente explorado pela indústria cultural. Os exemplos de cartazes de filmes de porno chanchadas muito comuns na década de 1970 e até letras de música, leva-nos neste caso, a esta limitação do conhecimento da alteridade.



**Fig. 25. Filme de porno chanchada de 1973, dirigido por Ismar Porto e Victor de Mello. Obtido em: [www.cinequanon.art.br/grandeangular\\_detalle.php?id=109](http://www.cinequanon.art.br/grandeangular_detalle.php?id=109) acessado em 20/12/2015.**

Abaixo, a letra da música de autoria de Fernando Mendes do início da década de 1980 sobre o tema de meninas do subúrbio serve como exemplo de uma visão que remete ao não conhecimento da alteridade:

Trabalhou o dia inteiro,  
Sem tempo pra sonhar.  
A menina do subúrbio  
Espera encontrar  
O seu príncipe encantado  
E entregar seu coração  
E faria qualquer coisa  
Pela sua ilusão> Bis

Quando alguém se oferece  
Para em casa a levar,  
Ela diz que tem seu carro,  
Para não se preocupar.  
Pois não quer que ninguém saiba  
Que ela mora muito além.  
Finge que não quer carona,  
E vai pegar o trem>Bis

Lê as colunas sociais,  
Sonha com seu nome nos jornais,  
Espera um convite para ser atriz  
E pede a Deus para ser feliz

Ouve música estrangeira,  
Sentada na janela,  
Não entende uma palavra,  
Mas pensa que é pra ela.

Finge que é importante  
Pras meninas lá na rua  
E não vê que no subúrbio  
A vida continua.

Lê as colunas sociais,  
Sonha com seu nome nos jornais.  
Espera um convite para ser atriz  
E pede a Deus para ser Feliz.

Obtido em: [www.lettras.mus.br/fernando-mendes/](http://www.lettras.mus.br/fernando-mendes/)

Acessado em: 21/01/2016

Voltando aos relatos sobre a *Turma da Esquina*, podemos considerar que o sentimento de pertencimento e de identidade, a dimensão simbólica de determinada localidade no equipamento público do bairro, o caráter dado pelas práticas de sociabilidade e a articulação de códigos reconhecidos pelo grupo, nos levam a fazer algumas reflexões do que é proposto por José Guilherme C. Magnani em seu trabalho *De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana* (2002). Diante de uma perspectiva de se estudar uma metrópole sob o ponto de vista macro, resultante das transformações que ocorrem na mesma em função de interesses de poderes econômicos e políticos e que carregam nestas transformações ciclos de degradações de suas estruturas, reapropriações de espaços por processos de revitalizações e requalificações urbanísticas, estes estudos procuram situar os atores sociais de uma maneira passiva a estas transformações e inseridos em sua dinâmica social em função das transformações ocorridas por tais interesses de poderes citados. A esta perspectiva de estudo, Magnani classifica-a de uma Antropologia da Cidade onde o olhar do observador é de *fora e de longe* (MAGNANI, 2002: 11) :

Em primeiro lugar, observa-se a ausência dos atores sociais. Tem-se a cidade como uma entidade à parte de seus moradores: pensada como resultado de forças econômicas transnacionais, das elites locais, de lobbies políticos, variáveis demográficas, interesse imobiliário e outros fatores de ordem macro; parece um cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade. (MAGNANI, 2002: 14).

A esta perspectiva que, segundo o autor, exclui os atores sociais em suas dinâmicas e que “desconhece a existência de grupos, redes, sistemas de trocas, pontos de encontro [...] e muitas outras mediações por meio das quais aquela entidade abstrata do indivíduo participa efetivamente, em seu cotidiano, da cidade”( MAGNANI, 2002: 17), o autor sugere como proposta de uma etnografia urbana, uma perspectiva de estudo que o mesmo classifica como *de perto e de dentro* ( MAGNANI, 2002: 17) que se consolida como uma Antropologia na cidade:

Assim, o que se propõe inicialmente com o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica é resgatar um olhar *de perto e de dentro* capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que, para efeitos de contraste, qualifiquei como *de fora e de longe*. (MAGNANI, 2002: 17).



**Fig.26. Alguns amigos da *Turma da Esquina* entre as ruas Vitorino de Moraes e Antonio Chagas em 1970. O local, pelo caráter simbólico adquirido com o tempo, conferia sentimento de pertencimento e identidade aos que a frequentaram por quase 10 anos. Foto: João Leiva 1970.**



**Fig. 27.** O mesmo local atualmente ocupado por uma loja de artigos nutricionais para esportistas, ganha outro significado bem diferente do que possuía até meados da década de 1970. Foto: autor. 2011.



**Fig. 28.** Espaços desocupados propiciavam práticas de sociabilidade para os moradores do bairro. Amigos da Turma da Esquina no início dos anos 1970 em frente à Arbame. Foto: João Leiva 1970.

Com narrativas de moradores que ainda residem ou não na Chácara Santo Antonio (entre os quais me incluo), além de fotos que registram dinâmicas sociais praticadas pelos mesmos desde o início da década de 1950, procurei mostrar as formas de sociabilidade com intensa ocupação do espaço público e outros espaços e equipamentos urbanos à partir das próprias modificações sofridas pelo bairro desde o início do ciclo industrial. No capítulo 3 procurarei tratar das dinâmicas sociais a partir de meados da década de 1980, quando então o bairro começa a se transformar devido ao início do processo de desindustrialização ocorrido na cidade de São Paulo e com a transformação do local em um bairro de serviços e comércio como ele se apresenta na atualidade.

### **Capítulo 3. O Pós-Industrial e a sociabilidade na Chácara Santo Antonio.**

Neste capítulo procurarei tratar não só das formas de sociabilidade como também de outras dinâmicas sociais que começaram a ocorrer na Chácara Santo Antonio a partir de meados da década de 1980, quando então o bairro começa a se transformar devido ao início do processo de desindustrialização ocorrido na região. De um bairro industrial com boa parte de seus espaços ocupados por empresas nacionais e multinacionais, a Chácara Santo Antonio começa a se esvaziar de instalações e equipamentos que antes demandavam grande contingente de trabalhadores que afluíam ao bairro pelas linhas de ônibus então instaladas, pela ainda presente linha de bondes operante até meados de 1968 e mesmo por indivíduos pertencentes às famílias que para lá foram morar. A condição de aumento populacional do bairro, fruto da chegada das empresas no início da década de 1950, mas apresentando ainda ruas calmas de terra em grande quantidade, terrenos baldios e uma quase inexistência de preocupação com a segurança no espaço público, propiciou determinadas formas de sociabilidade descritas no capítulo 2. Esta condição começa a se transformar a partir da segunda metade da década de 1980, quando então começa o processo de desindustrialização do bairro, com fechamento de empresas deixando espaços que se degradaram ao longo da década de 1980 e início da de 1990 e que, com o tempo, começam a ser ocupados por empresas de serviços e comércio. Muitos dos prédios de empresas presentes no bairro foram demolidos e ainda estão sendo, para darem lugar a grandes condomínios fechados verticais, trazendo para o bairro grupos sociais com estilos de vida diferentes daqueles que já residiam no local e que ocupavam o espaço público com formas de sociabilidade já mencionadas. Boa parte das instalações industriais no bairro também foram ocupadas por universidades como será descrito adiante. Além do processo de desindustrialização, da chegada de condomínios verticais, outro fenômeno começa a ter lugar a partir da década de 1980 e que contribuiu para o esvaziamento das ruas não só na Chácara Santo Antonio mas na cidade de São Paulo de uma maneira geral: o aumento da violência e do próprio discurso da violência por parte das autoridades e da mídia, aumentando assim o receio da população com relação ao perigo das ruas. Estas transformações ocorridas na cidade e no bairro serão discutidas a seguir.

#### **3.1. A desindustrialização.**

É a partir da década de 1980 que podemos assistir com mais intensidade o processo de desindustrialização da cidade de São Paulo e que atingiu também a região da Chácara Santo

Antonio ,causado por uma crise do sistema capitalista internacional e também do modelo fordista industrial instalado no Brasil na década de 1950 e que se mostrou depois de três décadas não ser competitivo a nível internacional com outros modos de produção industrial. Este problema fica evidente no relato de Rafael Faleiros de Pádua sobre a desindustrialização ocorrida na cidade de São Paulo e na região da Chácara Santo Antonio:

O Brasil se configurou, do ponto de vista industrial, como um país que alcançou um certo nível de industrialização, mas que não sustentou esta industrialização no sentido de acompanhar os avanços em produtividade.[...]. Nestas análises macro-econômicas, enquanto se vê um dinamismo industrial na Ásia, na América Latina se encontra a estagnação. Entre os fatores de estagnação estão: “*fraquezas estruturais*” da indústria na crise dos anos 80; abertura econômica em contexto de fragilidade macro-econômica; baixa produtividade; baixo investimento em pesquisa tecnológica; baixo investimento em educação [...]. (PÁDUA, 2008: 63).

As transformações econômicas ocorridas a partir da década de 1980 (dinamização e automação industrial e a globalização da economia pelo progresso da informática e computação, etc.), fez com que tivesse lugar também uma reestruturação nos organogramas empresariais, sobretudo nas indústrias, no sentido de um “enxugamento” no quadro de funcionários face à competitividade no sistema capitalista internacional. Nesta mesma época ocorreu o fechamento de muitas empresas industriais, acentuando o processo de desindustrialização na cidade de São Paulo, principalmente na Região Sul. A falta de competitividade das plantas fordistas também fez com que empresas da região promovessem reestruturações em suas linhas de produção. A declaração de uma ex-funcionária de uma indústria localizada na região em estudo demonstra a velocidade das transformações: “Em 95 os robôs já entraram. Nós saímos de férias coletivas e quando nós chegamos tinha uma seção surpresa para nós, tinha dez robôs. Mandaram muita gente embora[...].(PADUA, 2008: 95).

O bairro Chácara Santo Antonio não escapou às transformações e consequências sócio-econômicas aqui descritas, sendo que foram mais intensas em sua parte mais baixa intensamente industrializada no início da década de 1950, como apontado por Rafael F. de Pádua em sua pesquisa sobre a região:

À medida que fomos conhecendo melhor os espaços de desindustrialização em Santo Amaro, percebemos que há duas áreas distintas: uma abrange a área da Chácara Antonio e o norte do distrito de Santo Amaro [...]. (PADUA, 2008: 37).

Neste processo, grandes indústrias nacionais e multinacionais como a Lacta de chocolates, A Arbame de materiais elétricos e outras mais encerraram suas atividades, deixando grandes espaços desocupados<sup>17</sup>. Neste processo de reestruturação econômica da região onde se localiza a Chácara Santo Antonio, região esta que atualmente é conhecida pelo nome de Vetor Sudoeste de expansão imobiliária onde o capital imobiliário juntamente com o poder público vem modificando a paisagem urbana, também acabou por englobar não só a ocupação de antigos espaços industriais como também áreas residenciais que deram lugar aos *campi* de universidades como a Unip e a Bandeirantes, modificando assim a estrutura física do bairro e trazendo novas dinâmicas sociais pelos postos de trabalho abertos e pela grande quantidade de alunos que para lá vão diariamente:

Nos últimos vinte anos, o capital imobiliário provocou uma reordenação no espaço urbano da metrópole paulistana. Um dos principais indicadores dessas modificações foram os investimentos públicos e privados em algumas áreas da região sudoeste. Grande parte desses investimentos foi decorrência das Operações Urbanas Faria Lima e Água Espraiada que ocorreram por meio de articulações entre o poder público e a iniciativa privada. (D'ANDREA, 2008: 13).



**Fig. 29** A fábrica da Lacta em demolição localizada entre os bairros Chácara Santo Antonio e o Brooklin Paulista. Atualmente no local encontra-se um condomínio vertical de moradias. Foto: Carlos A. Fatorelli 2005.

17. Só do seguimento das grandes indústrias multinacionais farmacêuticas instaladas, segundo meu conhecimento, foram quatro as que encerraram suas atividades na região de Santo Amaro: a Bristol-Meyers, Lepetit, Squibb e Sandoz que foram transferidas para outras cidades. No local em que estavam instaladas ergueram-se ou estão em fase de construção, grandes condomínios verticais de moradia ou escritórios de empresas de capital internacional, segundo as novas diretrizes urbanísticas no vetor sudoeste de expansão imobiliária.



**Fig.30. A fábrica da Monark na Chácara Santo Antonio e que já foi demolida à cerca de dois anos atrás. Atualmente no local está sendo construído Um condomínio vertical de moradias.  
Foto: Carlos A. Fatorelli 2006.**



**Fig. 31. Eu e meus irmãos na casa construída pelo meu pai em 1952 na Chácara Santo Antonio Foto: João Figueiredo década de 1950.**



**Fig. 32.** A casa foi demolida juntamente com outras para dar lugar a um dos prédios do *campus* da Universidade Unip no início da década de 2000. Foto do autor 2011.



**Fig. 33.** Em outro ângulo o prédio da Unip. Um conjunto de pequenos sobrados e a antiga fábrica de cabos de panela foram demolidos para dar lugar à um dos Prédios da Universidade. O antigo sobrado na esquina permanece ainda hoje. Foto do autor 2011.

### 3.2. O Esvaziamento das ruas e os condomínios fechados.

Como foi lembrado no começo deste capítulo, além do processo de desindustrialização da Chácara Santo Antonio, outro fator contribuiu para o esvaziamento das ruas e das formas de sociabilidade praticadas no espaço público durante o ciclo industrial do bairro: o aumento da violência e o discurso sobre a mesma. O processo de desindustrialização da cidade de São Paulo fez com que uma grande quantidade de postos de trabalho fosse fechada ou transferida para outras cidades do Estado de São Paulo e mesmo para outros estados. Juntamente com o aumento do desemprego na cidade, a inflação alta, o recuo do estado em relação ao espaço público com relação à sua manutenção e segurança, causou uma deterioração da qualidade de vida, aumento de favelas, da violência e do crime na cidade de São Paulo entre as décadas de 1980 e 1990 como aponta Tereza Caldeira (2000) em seu livro sobre este tema:

Neste livro, analiso as complexas, multifacetadas equações que conectaram o crime, a violência e o medo com outros processos que têm transformado a sociedade brasileira nas duas últimas décadas. [...]. Até muito recentemente, o progresso realmente pareceu ser o destino de São Paulo e do Brasil. No entanto, os anos 80 acabaram sendo a “década perdida”: em vez de crescimento, houve uma recessão profunda. A inflação alta, associada a um fraco desempenho econômico e empobrecimento da população, reverteram o quadro. [...]. Na São Paulo dos anos 80 e 90, especialmente na época em que fiz a maioria das entrevistas (1989-1990), o crime não era o único processo desestabilizador. Esse período da história brasileira foi marcado por uma série de processos de transformação e por uma considerável instabilidade. Esses vários processos, embora obviamente interligados e dialogando entre si, não tiveram significados coincidentes. Alguns foram restritos e resultaram em perda e deterioração (inflação alta, crise econômica, desemprego e violência). (CALDEIRA, 2000: 44, 45).

A autora procura analisar estes fatos que marcaram mudanças profundas na qualidade de vida no que se refere, entre outras coisas, à intensificação de formação de favelas na cidade, ao aumento da violência e do medo em relação à convivência no espaço público degradado e abandonado pelo poder público. Outro fato, o das narrativas que se produziam e se reproduziam a respeito do aumento da violência, contribuíram para a intensificação de outra prática com relação aos pertencentes à classe média e rica em termos de estilos de moradia que, cada vez mais começaram a se fechar em condomínios cercados por altos muros e dotados de sistemas de segurança que os mantivessem apartados do perigo das ruas:

Essas narrativas e práticas impõem separações, constroem muros, delineiam e encerram espaços, estabelecem distâncias, segregam, diferenciam, impõem proibições, multiplicam regras de exclusão e de evitação e restringem movimentos. Em resumo, elas simplificam e encerram o mundo. As narrativas de crimes elaboram preconceitos e tentam eliminar ambiguidades. (CALDEIRA, 2000: 28).

Esta tendência da classe média e rica no sentido de se apartarem do espaço público começa a se intensificar já em meados da década de 1970 quando então foi lançado um dos primeiros condomínios fechados com sistema próprio de segurança e com todas as comodidades de lazer e até algumas de consumo como nos relata Tereza Caldeira:

Os primeiros conjuntos construídos de acordo com o modelo fechado são um bom exemplo. O Ilha Sul, construído em 1973, é um conjunto de classe média de seis edifícios, cada um com 80 apartamentos de três dormitórios, localizado na zona oeste da cidade. (Alto de Pinheiros). Suas principais inovações eram, de um lado, oferecer comodidades como um clube de mais de 10 mil m<sup>2</sup> incluindo instalações esportivas, um restaurante e um teatro e, de outro, a segurança: ele é murado e o acesso é controlado por segurança privada. (CALDEIRA, 2000: 261).

As características destes novos condomínios, são estrategicamente apropriadas pelo segmento do capital imobiliário como forma de atrair novos compradores e que, na década de 1990, com o aumento das sofisticacões em tais empreendimentos no que se refere a segurança e comodidades, culminarão na construção de condomínios fechados a que Caldeira denomina de enclaves fortificados (CALDEIRA, 2000: 257). Um exemplo de propaganda veiculada pelo jornal O Estado de São Paulo na década de 1970 no que se refere a estratégias de venda destes enclaves é o do Portal do Morumbi como nos mostra a autora:

Aqui todo dia é domingo. Construtora Alfredo Mathias. Playground, quadras, centro médico. Passeio ao ar livre a qualquer hora do dia e da noite volta a ser um prazer plenamente possível e absolutamente seguro no Portal do Morumbi. Policiamento 24 horas por dia. Segurança perfeita na crescente insegurança da cidade. (O Estado de São Paulo, 4 de setembro de 1975 *apud* CALDEIRA, 2000: 266).

Estas explicações são necessárias com o intuito de podermos mostrar que na Chácara Santo Antonio além do processo de desindustrialização, começou a ocorrer também já na década de 1980 a chegada dos condomínios fechados e que atualmente já abriga também enclaves fortificados construídos pelos espaços deixados pela desindustrialização do bairro. Tais condomínios fechados e enclaves trarão novos moradores e mesmo antigos que se

mudaram para este tipo de residência e que passaram a usufruir deste novo estilo de vida, que constrói um olhar para o espaço público diferente daquele já abordado no capítulo anterior como veremos mais adiante.



**Fig. 34. Rua Américo Brasiliense em 1999 mostrando casas do período industrial da Chácara Santo Antonio e condomínios fechados que chegam ao bairro.**

**Foto obtida em:**

**[www.google.com.br/search?q=imagens+da+chacara+santo+antonio&ei=eqnpVu7FN4OHWgS11o-gBw&emsg=NCSR&noj=1](http://www.google.com.br/search?q=imagens+da+chacara+santo+antonio&ei=eqnpVu7FN4OHWgS11o-gBw&emsg=NCSR&noj=1). Acessado em março de 2016.**

A foto acima nos dá uma ideia de como o bairro já estava sofrendo uma modificação em sua paisagem com a chegada dos grandes condomínios. Esta tendência se acentuou na atualidade à medida que as indústrias foram deixando a região e a ação do capital financeiro e imobiliário foi transformando a região e o próprio bairro valorizando espaços antes degradados durante a desindustrialização. Temos um exemplo desta valorização no artigo de Elisabeth Kodama, diretora de inteligência de mercados da Brasil Brokers em artigo na Folha de S. Paulo de 03/02/2013 sobre as expectativas de mercado para a região do bairro:

[...] .Ainda se espera para o ano de 2013 que esses bairros permaneçam com as mesmas características. A região com maior propensão de crescimento continua sendo a Chácara Santo Antonio, onde estão previstos vários lançamentos, tanto residenciais quanto comerciais, incluindo um centro empresarial e um grande complexo de apartamentos, salas comerciais e hotel.

Tereza Caldeira ainda nos lembra de outro fato decorrente com o surgimento dos enclaves fortificados. A violência e as narrativas sobre a mesma não só despertam o medo dos que vão morar em tais espaços fechados, mas também daqueles que continuam a morar em residências tradicionais mais porosas em relação ao espaço público. Neste sentido os padrões de fachadas fechadas e dos sistemas de segurança começam a se fazer presentes também nas tradicionais residências abertas, abrangendo não só casas de ricos como também as de classe média, a dos menos favorecidos e de operários morando na periferia da cidade. A esta nova forma de se construir fachadas de residências, Caldeira denomina de estética da segurança (CALDEIRA, 2000: 297) que além do motivo principal, ou seja, a segurança contra a violência acabou por se constituir também numa questão de prestígio e de diferenciação entre residências dos menos favorecidos quando comparados as novas moradias cercadas dos mais ricos. A autora nos relata uma entrevista com um fabricante de cercas no bairro Jardim das Camélias na zona leste da capital:

O homem que produz cercas e barras de janela para los moradores do Jardim das Camélias numa pequena oficina em frente à sua casa mostrou-me a longa lista de clientes do bairro, explicou-me o quanto as cercas eram caras para seus clientes pobres, como ele lhes dividia os pagamentos em várias prestações [...]. Ele também me mostrou com orgulho o catálogo com seus desenhos de cercas e portões [...]. Aquela era a sua contribuição para “tornar o bairro mais bonito”, ele me disse. Ele realmente conhece o seu ofício e está consciente de que as cercas não têm a ver apenas com a segurança mas também com estética e distinção. (CALDEIRA, 2000: 297).

Abaixo temos um trecho da narrativa do nosso interlocutor, Sr. Oswaldo, que atesta a adoção da estética da segurança apontada por Tereza Caldeira:

A época de hoje está muito conturbada, está muito perigoso...As ruas estão mais vazias então dá um pouco de medo ficar fora depois de uma certa hora. Tive que por grades nas janelas e fechei a garagem [...]. Na década de 70 tinha mais gente nas ruas, mas a gente tolera porque ainda tem uma conveniência para permanecer aqui!

Outra entrevista, desta vez concedida pelo Sr. Henrique Guedes, proprietário de uma relojoaria que pertencia a seu pai na Rua Américo Brasiliense desde a década de 1960, também revela a preocupação com a violência no espaço público. O Sr. Henrique lembra seu tempo de rapaz no bairro:

Na década de 70 o bairro era mais tranquilo... A gente ficava nas ruas até mais tarde, conversava com o pessoal...A quantidade de automóveis era menor [...] era uma tranquilidade maior. Eu me reunia com os amigos pra bater uma bolinha na rua... Enfim, me divertia, coisa que a minha filha de dezesseis anos não faz isso, ela não tem a liberdade que a gente tinha de ficar na rua! Hoje ela é obrigada a ficar trancada e quando sai, eu e minha mulher ficamos preocupados! Aí a gente tem que ficar no celular o tempo todo e eu fico falando: filha, liga toda hora pra gente saber se tá tudo bem! ( Entrevista do Sr. Henrique Guedes concedida ao autor em julho de 2011).

A preocupação dos Srs. Oswaldo e Henrique encontram eco no que se refere ao cotidiano de bairros como o da Chácara Santo Antonio. Em reportagem do jornal Folha de S. Paulo de 4 de maio de 2010, Rogério Pagnan retrata o aumento da violência em bairros como o estudado nesta pesquisa:

**Rua calma nas zonas sul e oeste concentra sequestro relâmpago.** São pessoas que saem do trabalho ou academia, ou que param para falar ao celular, diz delegado; crimes ocorrem de manhã e à noite.[...]. Na lista dos bairros campeões de casos estão, segundo a polícia: Moema, Brooklin, Morumbi, Chácara Santo Antonio e Pinheiros.[...]. Os crimes ocorrem entre às 7h e 10h e depois das 17h às 21h.[...]. (Folha de S. Paulo de 4 de maio de 2010, caderno C4 cotidiano).

Estas duas narrativas nos dão uma noção de como a Chácara Santo Antonio assim como outros bairros da capital sofreram uma modificação em suas dinâmicas sociais no que se refere às formas de sociabilidade e uso do espaço público a partir do processo de desindustrialização e esvaziamento das ruas com o aumento da violência.



**Fig. 35. Alguns Amigos da Turma da Esquina no início da década de 1970. A rua apresenta-se com baixa quantidade de veículos estacionados. Ao fundo à esquerda, a casa do Sr. Oswaldo ainda possui muros baixos em forma de meias-luas.**

**Foto: João Leiva. 1971.**



**Fig. 36. O mesmo trecho da rua mostrando a casa do Sr. Oswaldo atualmente com portões fechando a garagem. Foto do autor. 2014.**

### **3.3. Conflitos e olhares sobre o espaço público do bairro.**

Procurei até aqui relatar as modificações que ocorreram na paisagem urbana da Chácara Santo Antonio a partir do processo de desindustrialização, ocupação de espaços deixados pelas indústrias e a chegada dos condomínios fechados que acabaram por trazer novas dinâmicas sociais e formas de sociabilidade que ainda serão abordadas. Resta ainda relatar a atual situação do bairro no que se refere as atividades presentes e do novo contingente de pessoas que para lá vão durante o dia e a noite.

Para o bairro Chácara Santo Antonio considerado em toda sua extensão, as consequências foram e ainda estão sendo no sentido de uma reocupação dos espaços industriais e de residências por condomínios verticais e intensificação do comércio e serviços. A criação dos *campi* universitários como os da Unip e Bandeirantes atestam esta reocupação. Alguns antigos espaços industriais hoje são ocupados pela Câmara do Comércio Americano (AMCHAM) localizada à Rua Antonio Chagas e pelo próprio Consulado Americano situado na Rua Henri Dunant instalado nas dependências da antiga indústria

farmacêutica Sandoz, uma multinacional suíça. O Consulado da Ucrânia sito à Rua Capellen também ocupa um destes espaços. Estas áreas tornaram-se zonas de segurança e de intenso movimento de pessoas que vão retirar vistos de entrada e passaportes, causando modificações na dinâmica social e no trânsito local com a presença de seguranças postados em pontos estratégicos.

Estas transformações trouxeram para o bairro, em termos de contingente humano, um novo grupo de trabalhadores para ocupar os novos postos de trabalho nos setores de serviços e comércio. Para se ter uma ideia da proporção dos postos de trabalho industriais em relação aos do seguimento de serviços e comércio no bairro, podemos observar os dados levantados pela Emplasa (Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A) na forma de Informações Territorializadas (UIT 2003):

O bairro Chácara Santo Antonio pertence à subprefeitura de Santo Amaro, tendo como limites A avenida Roque Petroni ao norte, Avenida João Dias ao sul, avenida Nações Unidas (Marginal Pinheiros) a oeste e Limites de setores censitários a leste. Contando com uma população de 4906 habitantes (ano de 2000), possui 1671 domicílios numa área de 2,495 Km<sup>2</sup>, tendo assim uma densidade demográfica de 1.996 hab./Km<sup>2</sup>. O bairro possui 1192 estabelecimentos, sendo 163 industriais (13,67%) e os de comércio e serviços perfazem um total de 1.029 (86,33%). De um total de 40.353 empregos, 7.142 são industriais (17,70%) e 33.211 pertencem aos setores de serviços e comércio (82,30%), sendo que só na área de serviços, o total é de 26.372 empregos.

Pelos números expostos conclui-se que o bairro atualmente é predominantemente de atividades comerciais e de serviços, sendo preponderante o de serviços. De fato, instalações outrora industriais bem como o espaço antes ocupado pelo campo do Floriano Futebol Clube (do qual restou somente uma pequena sede) e até o da casa que habitei desde o meu nascimento até os meus 21 anos de idade, deram lugar a unidades dos campi das Universidades Unip e Bandeirantes e para os Consulados aqui mencionados.

Sem o propósito de fazer deste capítulo uma continuidade da análise do bairro sob um olhar *de fora e de longe* (MAGNANI, 2002: 12) em função de dados numéricos que traduzem mais uma preocupação socioeconômica, e antes de analisa-lo à luz de dados etnográficos que se relacionam mais às entrevistas com novos e antigos moradores, acho interessante relacionarmos algumas reflexões a respeito destes números para que tenhamos uma ideia inicial das dinâmicas sociais e da presença de pessoas na Chácara Santo Antonio atualmente devido às transformações ocorridas na região.

Se pensarmos na população do bairro (4906 habitantes no ano de 2000) e relacionarmos com o número de postos ocupados em serviços e comércio (26.372) e, numa situação hipotética extrema em que todos os moradores locais ocupassem parte destes empregos, ainda restaria uma população flutuante de 21.466 indivíduos que frequentam o bairro em determinados momentos do dia.

Podemos ainda pensar em outra parcela de população flutuante que é a dos estudantes que afluem ao bairro durante à noite em função dos campi das universidades instaladas. A presença desta população flutuante trouxe consequências relacionadas a uma nova dinâmica que passou a existir após as transformações ocorridas. Para termos uma ideia desta dinâmica e que envolve diretamente os antigos moradores, podemos citar as observações do Sr. Oswaldo:

Quando chega a noitinha às 6 horas, começa um tormento aqui... O pessoal da faculdade começa a colocar os carros na rua, na calçada vira um inferno!...Às vezes demora até 15 segundos pra gente atravessar a rua, de tanto carro que passa! [...] eles não respeitam a gente, fazem barulho, é um inferno! Teve uma vez que um colocou o carro em frente a minha garagem: e se eu precisasse sair por alguma emergência! Esperei ele voltar e reclamei e aí ele falou: a rua é pública... Se quiser pode me processar, vai atrás dos seus direitos!...Pode uma coisa dessas! [...].

Com o intuito de colher informações sobre os conflitos que são apontados pelo Sr. Oswaldo a respeito dos transtornos que ocorrem com a chegada da noite durante a semana na Chácara Santo Antonio e também o de obter informações a respeito das atividades dos estudantes que para lá vão, fui até a região do bairro onde se encontram os prédios da Unip em 18/09/2015.

Cheguei ao bairro por volta das 16:00 horas afim de observar a mudança que ocorre no local com a chegada dos estudantes. Observo que as ruas próximas ao campus da Unip ainda estavam relativamente desocupadas sem carros estacionados. Algumas pessoas atravessavam ruas, provavelmente trabalhadores, pois existem muitas casas do local que foram transformadas em comércio. Vejo também, coincidentemente o Sr. Oswaldo dirigindo-se para sua residência com sacos de supermercado nas mãos. Desta vez não o procurei pois estava lá para outras observações e possíveis entrevistas. A esquina onde outrora fora o ponto de encontro dos amigos da Turma só serve agora como passagem para quem atravessa a rua ou desce pela Antonio Chagas. Fiquei observando se pessoas do bairro paravam para conversar, mas não; todos seguiam o caminho como que para cumprir objetivos. Próximo das 18:00h o movimento de pessoas e de carros aumentou, as ruas já começaram a se transformar em

estacionamento, e uma coisa interessante: observei em frente ao portão da residência do Sr. Oswaldo a presença de cavaletes para impedir que alguém estacionasse...a experiência determina ações, pensei eu! Por volta das 18:30h as ruas e calçadas já estavam tomadas por estudantes, carrinhos de hot-dog, de pipoca e até por algumas bancadas com bebidas fazendo concorrência com o comércio estabelecido. Comecei a andar pela rua Vitorino de Moraes onde estão dois dos prédios da Unip e observei um grupo de estudantes sentados em um banco na calçada de um dos bares, O Estudantina. Um deles tocava violão e os outros cantavam. Continuei descendo a rua até onde antigamente ficava o campo do Floriano Futebol Clube. Atualmente no local está um prédio que era ocupado pela Uniban, outra universidade que ficou pouco tempo no local...Talvez devido à concorrência com as outras. O prédio agora está sendo demolido para dar lugar a um grande condomínio fechado. Do clube Floriano só restou uma pequena sede com fachada em *art decó* quase que escondido por um outro prédio de arquitetura moderna que parece ser algum escritório ou laboratório da Universidade. Depois de ficar alguns instantes refletindo como o local se modificou rapidamente pela chegada das Universidades e comércio, resolvi conversar com alguns alunos que estavam ao redor de uma mesa alta onde estavam servidos bebidas e lanches...Estavam todos em pé na calçada. Aproximei-me do grupo e identifiquei-me, procurando explicar que estava fazendo uma pesquisa sobre o bairro e sobre os estudantes da Unip. O grupo me acolheu perguntando se queria beber algo. Fernando, Patricia e Karina disseram estar cursando Administração de Empresas, “ADM” como foi dito por eles. Perguntados sobre problemas de estacionar carro em frente aos portões, Fernando relatou:

Eu moro mais ao sul, lá perto do autódromo de Interlagos, mas só venho de carro às sextas...Dá pra ficar até mais tarde pois não tem trabalho no dia seguinte! Eu trabalho lá em baixo na Berrini, então dá pra vir a pé e ainda tomar uma cerveja com os amigos antes de começar as aulas. Então eu só venho sexta de carro pois a gasolina tá cara!...Mas eu nunca estacionei na frente da casa dos outros...Já fiquei sabendo de problemas que teve com os moradores...Então eu coloco em estacionamento que tá caro e tem pouco por aqui ainda. Não sei se o senhor reparou, mas de vez em quando fica passando carro de polícia aqui em frente e também já colocaram barreiras de concreto em alguns lugares pro pessoal não estacionar...mas eles passam de vez em quando pois também já teve problema com maconha por aqui![...]. (Entrevista de Fernando concedida ao autor em setembro de 2015).

Questionado se alguma vez tiveram problemas com moradores, Fernando respondeu:

As aulas aqui na faculdade vão até às dez e meia. Teve uma vez, numa sexta, que nós ficamos lá em frente da entrada do primeiro prédio. A

gente tava conversando alto, dando risada...nem percebia. Aí veio um senhor reclamar que não dava mais pra aguentar...já era quase meia noite...então nós “maneramos”, entendemos o problema dele! Mas foi só essa vez que me lembro!

O depoimento do Sr. Oswaldo, morador antigo no bairro como também o de Fernando, aluno da Unip, ajuda-nos a compreender o que ocorre com a mudança na dinâmica social à noite na Chácara Santo Antonio segundo diferentes olhares: para o bairro converge grande quantidade de pessoas que lá não residem. Um outro depoimento, o de João Antonio já entrevistado nesta pesquisa, é de grande utilidade para se entender como um morador local interpreta a transformação ocorrida e suas consequências após a chegada das Universidades e o aumento do comércio. Nascido no bairro e até hoje residindo num dos primeiros prédios de apartamento construídos na Chácara Santo Antonio, João Antonio reflete sobre a degradação ocorrida na região:

Eu fico observando as ruas do bairro e às vezes eu fico contando quais as residências em que ainda mora alguém e quais se transformaram em comércio...tem muito pouca gente morando...Tá virando tudo comércio...É uma questão de tempo![...]. Mas na minha opinião, o que degradou o bairro não foram as indústrias, as empresas que ainda tem lá em baixo...O que degradou foi a Unip, a Universidade! Antes você tinha aqui lá pelas 6 horas da tarde, quando ia anoitecendo, um ar ainda bucólico, calmo...Parecia cidade do interior! Agora quando anoitece aqui vira um inferno! Essa rua aí de baixo, a Vitorino de Moraes, fica cheio de carro desde a Unip lá no final dela até quase a Granja Julieta...É muito movimento...você anda nas ruas e aquele cheiro de maconha! [...] Agora você veja: são quatro prédios da Unip, essa quantidade de carros e não tem estacionamento...Isso vira um caos de noite![...]. Teve uma vez que uma moradora veio falar comigo... Fez um abaixo assinado para resolver o problema dos carros e levou lá pro diretor da Unip...Sabe o que ele falou?...“Mas de que moradores a senhora está falando?...Aqui não tem moradores!”. Toni, na cabeça do cara não tem ninguém morando aqui...Pra ele é só Pessoa Jurídica que tem aqui! Ele não tem a mínima afinidade com o bairro...Deve morar em outro lugar e vem trabalhar aqui! Esse pessoal não tem nenhuma identidade com o lugar!...Nenhum vínculo sentimental como bairro![...].

Este aspecto apontado por João Antonio, ou seja, o fato de que pessoas que frequentam o local durante um determinado período do dia, quer seja para trabalhar ou estudar e que acabam por não manterem um vínculo de proximidade ou de identidade com o bairro, também encontra semelhança em outro trecho da narrativa do estudante Fernando. Perguntado se ele e a suas colegas Letícia e Karina que continuaram bebendo e conversando entre elas, frequentavam o bairro em outros dias ou horas para se encontrarem, respondeu:

Tem muitos bares aqui, mas a gente prefere se encontrar neste aqui, o Batatinha, porque fica em frente a entrada do prédio da faculdade de Administração...Então fica fácil pra nós. Quando eu chego aqui, o bairro ainda está tranquilo...Depois começa a ficar com este movimento todo! A gente conversa de tudo um pouco durante a semana, mas a gente não se encontra aqui em outro horário...Acho que umas duas vezes já aconteceu da gente se encontrar para estudar em outro lugar, mas é difícil! Nós somos colegas de classe, então a gente se encontra aqui![...].

Neste momento, interrompi a narrativa de Fernando e disse que, ao contrário de estudantes como ele que usam determinada espacialidade do bairro em determinado período do dia, já existiram no local até meados da década de 1970, grupos de amigos que se dividiam em turmas. Relato o caso da Turma da Esquina e descrevi o local em que o pessoal se reunia quase que diariamente em períodos diferentes durante o dia e nos finais de semana também. Fernando se mostrou surpreso e disse:

Eu conheço o local que o senhor Está falando...Lá na esquina do primeiro prédio! Eu passo todo dia lá, mas não ia imaginar que uma turma ficasse lá parada conversando todo dia!...Pessoal, vocês sabiam que lá na esquina do primeiro prédio ficava gente parada conversando durante o dia?[...].

Percebendo que o grupo estava se preparando para entrar no prédio, me despedi agradecendo a colaboração. Continuei a andar a procura de mais alunos para conversar. Passei pelo Bar Estudantina e fui em direção ao próximo bar que não me recordo o nome. Duas moças estavam fazendo um lanche em uma mesa na rua em frente ao bar. Aproximei-me e identifiquei-me da mesma maneira que para o grupo anterior. Elas concordaram em conversar comigo. Chamavam-se Talita e Patrícia. Perguntei se moravam no bairro, o que estudavam, quando chegavam e Patrícia respondeu:

A gente trabalha como estagiárias no setor de RH da empresa IMC do ramo de alimentações, então a gente faz o curso de RH aqui na Unip. A gente não mora no bairro. Eu chego às 9:00 horas para trabalhar...A empresa fica lá na Alexandre Dumas. Quando eu chego já tem muita gente andando no bairro...É um bairro comercial! (Entrevista de Patrícia e Talita dada ao autor em setembro de 2015).

Lembrando o que tinha dito Fernando do grupo anterior, de preferir o Batatinha por estar mais próximo do prédio da “ADM”, perguntei se elas sempre ficavam no mesmo bar. Coincidentemente, Patrícia deu o mesmo tipo de resposta:

A gente prefere ficar neste aqui...Tá em frente onde tem aula de RH, então fica mais fácil pra nós. Quando a gente quer beber alguma coisa, então a gente vai ali no Estudantina que é mais barato! Fica mais cheio mas compensa. Quando a gente tá a fim de comer pastel vamos ali ao lado da Estudantina...Tem uma casa ali que faz pastel gostoso!

Perguntei se já tiveram problemas com moradores do bairro, o que conversavam e se tinham encontros em outros dias, Talita relatou:

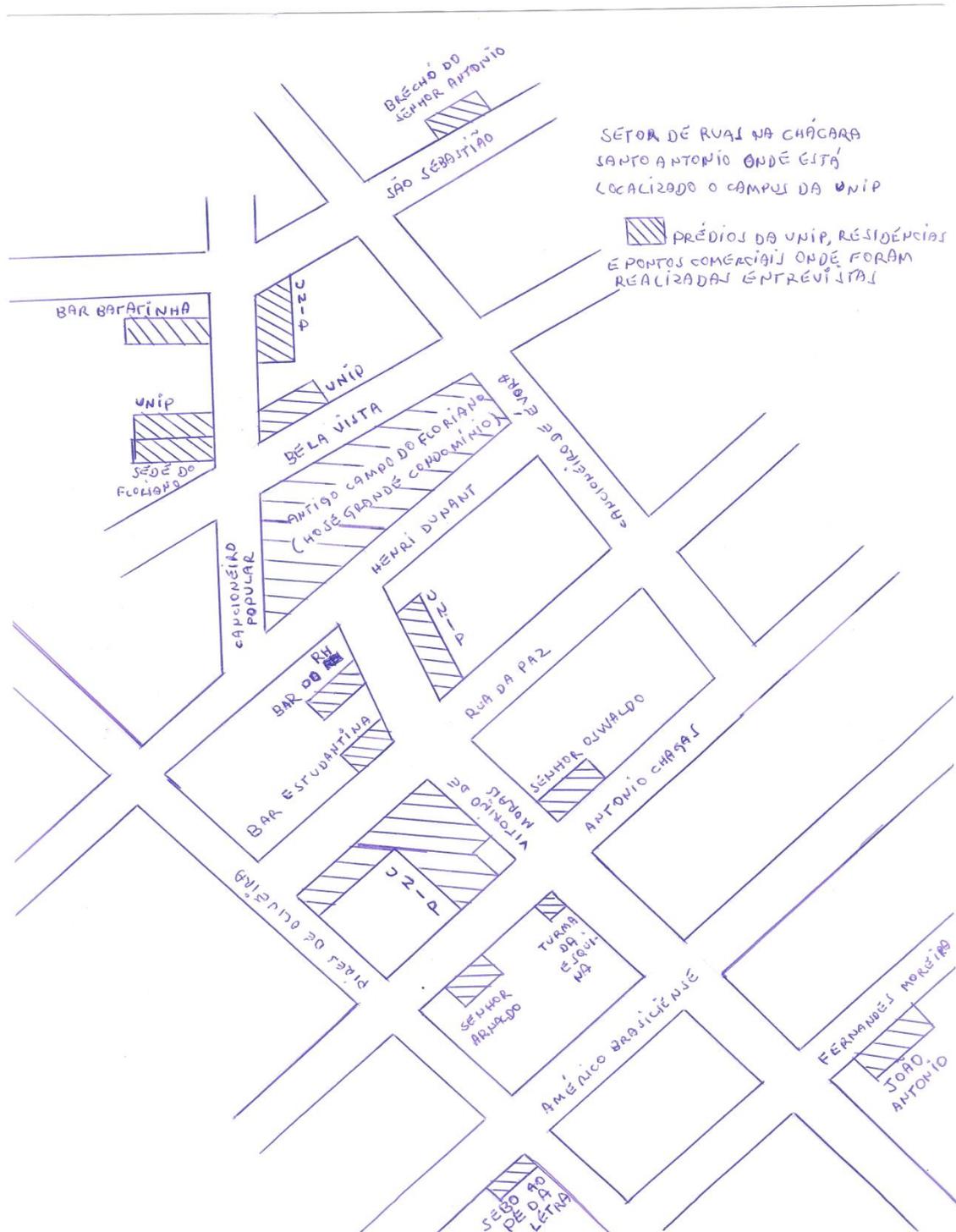
A gente conversa aqui sobre o trabalho, a escola e os professores, de moda, de tudo. A gente só se encontra aqui e no trabalho. Nos conhecemos no trabalho e estudamos juntas aqui. Em outro lugar é difícil...Basicamente é só aqui. Nunca tivemos problema com moradores não. A gente evita problema...Tem que ficar de olho! Tá vendo aquele grupinho ali encostado na parede?...São os “nóia”! Eles só ficam entre eles...De vez em quando passa a polícia...Aí eles dispersam um pouco! Mas é basicamente isso...A gente só se vê no trabalho e aqui!

Da mesma maneira agradei e me despedi. Passei pelos “nóia” e pensei numa possível abordagem em outra hora...quem sabe! Fui até o Estudantina, pedi um guaraná parando um pouco para observar. Muita gente e bebida. Dou uma olhada na tabela de preços que está numa das janelas voltada para a calçada...basicamente só bebidas! Perto das 21:00 horas resolvi terminar jornada de pesquisa de campo e voltei para casa. Dei uma olhada no resto da Vitorino de Moraes e na Antonio Chagas: carros e mais carros!

Por estes relatos de alunos da Unip, da tendência de estarem em pontos específicos na área do campus, podemos pensar que os mesmos preferem estar em determinados locais e com pessoas de perfis próximos, quer seja profissional ou em fase de formação profissional próximas das unidades onde estudam. Estes locais estão inseridos em uma região de tamanho considerável em extensão na Chácara Santo Antonio: são 5 edifícios de grande porte localizados em 4 quarteirões separados e envolvendo principalmente 11 ruas por onde um grande número de alunos<sup>18</sup> se movimenta a pé ou de carro a partir das 18:00 horas com destino aos prédios da Unip ou para os bares instalados na região. Além dos prédios da Universidade, podemos contar neste trecho apontado, residências ocupadas por famílias, outras que se transformaram em pontos comerciais como restaurantes e bares, garagens que providenciam cópias xerográficas, material escolar e que funcionam em função da demanda estudantil. Portanto, temos um grande número de alunos transitando por uma região considerável do bairro durante determinado horário do dia. Temos de levar em conta aqui que estes alunos são provenientes de diferentes regiões da cidade, desempenhando ou não atividades profissionais, com diferentes objetivos de carreira. Abaixo um desenho do mapa da região onde se localiza os prédios da Unip, ruas e residências.

---

18. Em fevereiro de 2016 entrei em contato com a Coordenadoria do Campus Unip Chácara Santo Antonio afim de obter o número de alunos matriculados, mas me foi dado a resposta que a Organização não divulga dados sobre a comunidade universitária da Unip.



**Fig. 37.** Mapa da região da Chácara Santo Antonio onde se localiza o Campus da Unip. Desenho do autor 2016.

Penso ser importante neste ponto, fazer uso de uma observação de José Guilherme Magnani (2002) a respeito de uma primeira impressão que se pode ter sobre o exposto acima, ou seja, uma grande quantidade de alunos transitando por uma região considerável do bairro: a do indivíduo imerso numa multidão aparentemente só em sua solidão e que, segundo o autor, esta visão conduz a “discursos do senso comum sobre despersonalização, massificação, solidão, etc., motes muito difundidos e sempre à mão quanto se quer discorrer sobre os problemas dos grandes centros urbanos.” (MAGNANI, 2002: 17).

José Guilherme Magnani procura colocar uma outra proposta de se observar este fato em seu *artigo De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana* (MAGNANI, 2002). O autor afirma que a maioria dos estudos procura colocar os atores sociais imersos de maneira impessoal no espaço urbano de metrópoles como São Paulo e afirma que “[...] quando aparecem, são vistos através do prisma da fragmentação, individualizados e atomizados no cenário impessoal da metrópole.” (MAGNANI, 2002: 18).

A esta visão da impessoalidade na fragmentação proporcionada pela metrópole, Magnani propõe outra e que pode ser observada na prática etnográfica: a de atores participando mais ativamente em formas de sociabilidade sustentada pelos equipamentos urbanos no cenário urbano multifacetado em suas representações de espaço:

Entretanto, contrariamente às visões que privilegiam, na análise da cidade, as forças econômicas, a lógica do mercado, as decisões dos investidores e planejadores, proponho partir daqueles atores sociais não como elementos isolados, dispersos e submetidos a uma inevitável massificação, mas que, por meio do uso vernacular da cidade ( do espaço, dos equipamentos, das instituições) em esferas do trabalho, religiosidade, lazer, cultura, estratégias de sobrevivência, são responsáveis por sua dinâmica cotidiana. Postulo partir dos atores sociais em seus múltiplos, diferentes e criativos *arranjos* coletivos: seu comportamento, na paisagem da cidade, não é errático mas apresenta padrões. ( MAGNANI, 2002: 18).

Todas estas colocações feitas por Magnani são úteis para compreendermos a dinâmica social dos alunos na espacialidade do campus da Unip na Chácara Santo Antonio e procurar atribuir um sentido mais antropológico a questão. Decorre desta atribuição a apropriação de duas categorias epistemológicas sugeridas pelo autor dentro da perspectiva etnográfica que coloque os atores sociais de modo mais participativo na apropriação dos equipamentos urbanos: as categorias de *pedaço* e de *mancha* (Magnani, 2002). Segundo o autor, o *pedaço* em seu sentido primeiro seria aquele recorte espacial localizado em bairros da periferia e que

“[...] supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles.” (MAGNANI,2002: 20). Como nos exemplos dados pelo autor, o pedaço seriam localidades dentro de bairros como bares, esquinas, ruas que são ocupados regularmente por um grupo de pessoas ligados por laços de vizinhança, de família e afinidade. Longe desta situação de um círculo de relacionamento em espacialidades menores, Magnani propõe a categoria *mancha*, definição de espacialidade mais adequada a uma área mais extensa dentro do espaço urbano:

Existe uma forma de apropriação quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sua base física é mais ampla permitindo a circulação de gente oriunda de várias procedências e sem o estabelecimento de laços mais estreitos entre eles. São as *manchas*, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites [...]. Numa *mancha* de Lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinema [...]. Já uma *mancha* caracterizada por atividades de saúde, por exemplo, geralmente se constitui em torno de uma instituição do tipo ancora – um hospital [...]. (MAGNANI, 2002: 22).

Pela definição, o campus Unip da Chácara Santo Antonio constitui-se numa *mancha* voltada ao ensino superior onde as pessoas que para lá vão se movimentam segundo trajetos e pontos de acordo com suas conveniências de consumo, interesses comuns como determinados cursos e acabam por se relacionarem dentro de características de identificação como profissões, tipos de cursos, mas sem aqueles vínculos mais estreitos como o de vizinhança ou mesmo de família no local. Preferir o bar Batatinha por estar mais próximo do prédio da ADM como disse Fernando e seus colegas de curso, ou aquele mais próximo do prédio do RH preferido por Patrícia e Talita que estudam e trabalham juntas, ou ainda ir ao Estudantina, pois a bebida é mais barata lá e depois dar uma passada na casa onde tem pasteis gostosos dão o tom da dinâmica e de trajetos dos alunos do campus da Unip. A *mancha* urbana presente na Chácara Santo Antonio voltada ao ensino superior encerra uma prática social para as pessoas que para lá se dirigem: estarem juntas em determinadas formas de sociabilidade durante a semana por terem profissão, ambições de carreira que as identificam e em determinada espacialidade longe de seus lugares de origem e de residência.

Estas reflexões foram feitas no sentido de se comparar dinâmicas sociais praticadas na Chácara Santo Antonio em duas circunstâncias espaço-temporais distintas no bairro. O bairro ainda em sua fase industrial e que propiciou a vinda de mais moradores em função da demanda de força de trabalho e ocupação de áreas com mais moradias, comportou a formação

de grupos de relacionamento e com formas de sociabilidade mais próximas de uma formação social a que José Guilherme Magnani chama de *pedaço* presente em bairros mais distantes de centros das metrópoles, onde as pessoas mantêm vínculos familiares e de vizinhança e que articulam um conjunto de código que as identificam, perdurando em algumas situações por anos; a Turma da Esquina como já mencionado no segundo capítulo é um bom exemplo de *pedaço*, bem diferente dos que frequentam atualmente a *mancha* presente na Chácara Santo Antonio.



**Fig. 38.** Um dos prédios da Universidade Unip situado à Rua da Paz Na Chácara Santo Antonio durante o dia. Foto: autor. 2015.



**Fig. 39.** O mesmo local às 18:00h quando os alunos começam a chegar. Os bares começam a abrir e a paisagem no bairro se transforma. Foto: autor. 2015.



**Fig. 40.** O bar Estudantina e outros bares ao anoitecer quando começam a chegar os primeiros estudantes. Residências do ciclo industrial que se transformaram com a chegada da Unip. Foto do autor. 2015.



**Fig.41. Da esquerda para a direita: Fernando, Letícia e Karina no bar Batatinha em frente ao prédio da ADM. Foto do autor. 2015**

Vimos até aqui neste capítulo, como se dão as dinâmicas sociais num determinado período do dia em função da chegada de grande quantidade de estudantes ao campus da Unip e que não residem no bairro. Resta-nos ver o cotidiano dos moradores antigos e novos, suas impressões sobre o bairro e convivências nesta nova fase econômica com a predominância de atividades de serviços e comércio e em processo de verticalização de residências.

### **3.4. Os novos vizinhos, a indiferença e o medo.**

Entre julho e agosto de 2011 estive na Chácara Santo Antonio a fim de realizar a primeira etapa da etnografia desta pesquisa. O intuito na época era o de entrevistar moradores antigos e novos do bairro que residissem em casas ou em prédios a fim de saber de suas relações de vizinhança e presença no espaço público no bairro. Neste período, estava ocorrendo uma festa realizada anualmente em uma das ruas do bairro, a Cancioneiro Popular, denominada de Festa de Santo Antonio da Chácara. O nome vem do fato de o bairro ter este nome tido como padroeiro do local visto que no passado grande parte das terras pertencia a chacareiros portugueses. A iniciativa é de uma ONG instalada no local denominada Clube Amigos do Planeta presidida na época pelo Sr. Rodrigo Fittipald. Em uma conversa informal com o Sr. Rodrigo, o mesmo me contou que o objetivo da organização era o de atrair

investimentos para o bairro, visto o mesmo ter sofrido um processo de degradação após a saída das empresas industriais deixando grandes espaços vazios a serem ocupados pelo capital imobiliário, em continuidade ao processo de ocupação que já vinha ocorrendo com o resto da região em que o bairro se encontra. Rodrigo relatou:

O propósito da ONG neste momento é o de atrair investimentos para o bairro que tem potencial para isso. Veja todo aquele espaço lá embaixo desocupado...A região está progredindo! Muita gente fica falando dos tempos da Monark, da Magal...A Monark já era...Estamos em outra época! Olhe essa praça aí em frente...Tava largada, o mato crescendo[...]. Nós entramos em contato com a prefeitura, conseguimos revitalizar a praça que agora está muito boa! Dá pra gente fazer a festa do Santo Antonio da Chácara...O pessoal vem, tem barracas com comidas de várias nacionalidades, tem os shows...O Roberto Leal, o Ângelo Máximo já vieram aqui...Aliás o Ângelo tem o restaurante lá perto do Carrefour...O Maximu's. Tem que pensar no futuro do bairro!

O olhar do Sr. Rodrigo sobre o futuro do bairro está refletido em registro de anúncios para atrair investimentos já mencionados neste capítulo como o de Elisabeth Kodma: “[...]A região com maior propensão de crescimento continua sendo a Chácara Santo Antonio, onde estão previstos vários lançamentos, tanto residenciais quanto comerciais[...].”

Voltando ao dia da festa de Santo Antonio da Chácara, continuei andando pela rua observando barracas de alimentação, de souvenirs, calçados e outros itens de consumo e refleti que em épocas passadas de minha adolescência e juventude não me lembrava de festas daquele tipo no bairro. Para mim parece ser uma nova forma de ocupação do espaço local, onde interesses comerciais são mediados por contratos estabelecidos junto ao organizador do evento que, segundo o Sr. Rodrigo é a própria ONG. Lembrei-me do que dissera o Sr. Rodrigo de que era esperado, pelas estatísticas de festas passadas, um público para aquele ano de 50.000 pessoas! Havia sim quermesses que eram feitas dentro do grupo escolar Padre Sabóia e na pequena igreja de madeira situada na Américo Brasiliense até meados da década de 1980 e que foi derrubada para dar lugar a nova igreja mais ampla e de arquitetura moderna.

Continuei a andar e vi uma senhora caminhando devagar atenta ao que tinha nas barracas. Aproximei-me identificando-me. Falei da pesquisa que estava realizando e dona Heloisa Borges aceitou ser entrevistada. Perguntei se morava no bairro, se em apartamento ou casa, se tinha relacionamento com vizinhos e ela respondeu:

Eu moro há dez anos aqui, num prédio lá em cima no cruzamento da Américo com a avenida Santo Amaro. Eu vim do Brooklin e lá eu morava em casa térrea....mas eu lembro da Chácara antigamente com

casas de muro baixo, indústrias [...]. Eu não tenho muita convivência com o pessoal da rua...Às vezes converso com alguma vizinha do prédio. Eu converso muito com meus amigos antigos lá do Brooklin! Acho que fora isso eu costumo conversar com o pessoal do comercio, da padaria quando vou comprar alguma coisa...[...]. Eu estou aqui há dez anos...Eu gosto do bairro, gosto desta festa aqui, mas acho que deveria ter mais áreas verdes jardins...ficaria mais bonito!

Agradei pela entrevista e neste momento deixei o local da festa e descí a Rua Américo Brasiliense parando em frente a um supermercado Extra. Decidi entrar para conversar com algum morador. Vi um senhor parado olhando produtos em uma das prateleiras e resolvi dirigir-me a ele. Com o mesmo ritual de apresentação, fiz as mesmas perguntas que fiz a dona Heloisa. Sr. Sergio Meneghim me respondeu:

Eu moro há três anos no bairro, na Cancioneiro de Évora num prédio... eu sou engenheiro eletrônico e tenho uma pequena empresa de prestação de serviços. Eu não conheço bem o pessoal da Chácara! Passo maior parte do tempo na empresa, converso mais com clientes! Converso também às vezes com pessoal da padaria quando tomo um cafezinho, mas com vizinhos não! Não tenho o costume!

Neste momento, me despedi do Sr. Sergio para não incomodá-lo mais em suas compras.

Podemos juntar a estes dois depoimentos, o de dona Maria Cecília que mora na Avenida Santo Amaro e o de dona Maria de Lourdes moradora na Rua Dr. João Alves, ambas moradoras em prédios na Chácara Santo, e que deram depoimentos mais curtos sem querer ser entrevistadas. Dona Maria Cecília disse “Só me relaciono com lojistas do bairro e alguns vizinhos no prédio”, e dona Maria de Lourdes também comentou “Só me relaciono com vizinhos no prédio e com a manicure da esquina”.

Em outro depoimento que tive de uma maneira mais informal foi durante uma visita à minha sobrinha Flávia casada com Ivan Ferraz, que anteriormente morava em Niterói e passou um breve período em São Paulo estudando na Unip e exercendo atividades de prestação de serviços instalando sistemas de informática em empresas de porte como o Carrefour. Nessa ocasião, eles moravam em um prédio na parte mais alta do bairro. Perguntei para Flávia, nascida no início da década de 1980 tendo morado desde criança em casa térrea no bairro, sobre suas lembranças de infância e ela contou:

Eu cheguei a brincar aqui mesmo na Antonio Chagas mais lá em baixo onde morava o vovô...Eu, a Patrícia e outras amigas...A gente brincava de vôlei, de taco, esconde-esconde...Era legal! Eu lembro também que tinha quermesse na igreja da Américo! Depois nos

fomos estudar no Joram lá na Rua da Paz e depois fomos pro Padre Sabóia...Depois disso a gente ficava só com o pessoal da escola mesmo. Depois mais tarde começou a dar medo ficar na rua...Já tinha conversa sobre assalto, bandido!

Conversei um pouco com o Ivan e falei que a Chácara já foi diferente do que ela está agora. Disse a ele que era costume as pessoas estarem nas ruas conversando, brincando. Perguntei sobre o que ele achava do bairro, se costumava andar a pé pelas ruas, se conversava com alguém e ele respondeu:

Bem... Eu não peguei essa época que a Flávia falou...Eu vim do Rio em 2007...Tô aqui no prédio há uns 3 anos. Eu conheço o bairro do jeito que ele tá agora! Andar pelo bairro eu não costumo não! Na verdade eu só ando de carro pelo bairro pra ir no supermercado, coisas assim. Com o pessoal do prédio converso de vez em quando...É boa tarde, bom dia! Eu converso com os amigos lá da Unip, mas também vou de carro lá porque voltar tarde da noite a pé não é uma boa...Eu já soube de roubo lá perto...Já levaram um laptop de um colega!

Esta indiferença e o medo em relação ao espaço público não é só característica de quem mora recentemente no bairro e em apartamentos. Já falamos aqui das providências que o Sr. Oswaldo teve que tomar com relação à segurança de sua residência e os cuidados de que ele fala para não se estar nas ruas depois de uma certa hora.

Em outro trecho da narrativa de dona Fernandina, fica evidente a preocupação dos moradores mais velhos com a transformação do bairro e o aumento da violência neste:

Uma vez eu vi o portão da dona Beatriz aberto...Fiquei preocupada...Ela mora sozinha e está velha...O bairro está muito vazio, pode entrar alguém...A gente não sabe. Eu fui lá fechar o portão, mas toquei a campainha...Demorou mas ela veio...Disse que deixa o portão aberto pro homem da Eletropaulo anotar o valor do relógio de luz!

Aqui temos duas observações sobre o relato que envolvem o medo e a indiferença à vizinhança. Dona Fernandina assim como outros moradores mais antigos na Chácara Santo Antonio têm a mesma apreensão com relação à violência que tomou lugar não só no bairro em estudo assim como em outros bairros vizinhos como já vimos em notícia publicada na Folha de S. Paulo. Porém dona Fernandina não se sentiu indiferente ao risco que dona Beatriz estava exposta ao deixar o portão aberto. A convivência por longos anos que cria laços de amizade entre vizinhos se contrapõe à indiferença mais característica de moradores em condomínios fechados como os que estão presentes no bairro atualmente.

Vimos até aqui pela entrevista de moradores na Chácara Santo Antonio e que foram para lá morar em prédios nesta nova fase do bairro, a diferença na ocupação dos equipamentos instalados (sociabilidades construídas nos bares em torno dos prédios da Unip e também nos estabelecimentos comerciais), da ocupação com formas de sociabilidade praticadas até o período industrial anterior. Vimos, pela perspectiva destes moradores, a falta de interesse na ocupação das ruas, a não disposição de conhecerem a vizinhança, quer por adotarem novos estilos de vida, quer pelo medo de estarem expostos ao espaço público. Podemos ter um exemplo por outro depoimento dona Idalina também já mencionada nesta pesquisa, de como antigos moradores enxergam as atitudes dos novos vizinhos dos prédios. Perguntada se tem algum relacionamento com os novos vizinhos de prédios (Existe um prédio de apartamentos construído em frente à sua residência), dona Idalina responde:

Eles não querem saber de falar com a gente!...Eu fico vendo eles entrando e saindo...Não falam nada, nem bom dia, boa tarde...Entram e saem do prédio, não falam nada, nem olham para os lados!...Acho que eles mesmos nem se falam!

Mas esta indiferença às ruas no que se refere às convivências que nelas podem ter lugar, também está presente em novos moradores em casas térreas do bairro. Quando entrevistei dona Irinalda que veio para o bairro em 2007, esta indiferença às ruas e à vizinhança também ficou visível em seu relato. Combinei previamente por telefone o dia para entrevista-la. Quando cheguei em sua residência na rua Vitorino de Moraes, toquei a campainha e ela veio me atender. Enquanto estacionava a motocicleta em frente ao portão ela procurou olhar para os lados atenta ao movimento da rua. Eu a cumprimentei e ela pediu para que a gente entrasse rápido justificando-se: “É que assaltaram ontem o estacionamento aí na esquina...levaram carro lá de dentro!”. Conversei com ela sobre a pesquisa, da importância do depoimento dela como moradora nova no bairro, de onde tinha vindo, se conhecia vizinhos, se costumava andar pelo bairro, o que achava do lugar e ela me respondeu:

Eu vim para o bairro em 2007. Não foi a trabalho não...É que eu e meu marido já estávamos procurando casa por aqui. Mas ele acabou morrendo então eu vim sozinha com a Simone minha filha e meu filho mais novo. Eu vim lá do Jardim Ângela [...]. Olha, aqui eu não tenho amizade com ninguém não! Aqui tem muito vizinho já velho...Eles também não saem de casa não! Eu de vez em quando converso com o moço aí do estacionamento...Tem lá do outro lado da esquina um casal de velhos que eu gosto deles...Mas não converso muito[...] Quando eu vim para cá a rua era mais tranquila, mas não tinha ninguém brincando na rua...A Simone brincava na rua lá no Jardim Ângela, mas aqui ela não fala com ninguém[...] A rua agora tá mais lotada de

carro, mais barulho...Fica mais cheia quando anoitece![...] Quando eu chego, já entro assustada, fecho o portão! O assalto aí no estacionamento foi às onze e meia da manhã...Veio polícia, um rolo danado![...] Eu saio pouco...De vez em quando eu vou lá no Marimarelo...Eles tem uma comida boa lá...Fora isso eu não conheço mais ninguém não! ( Entrevista de dona Irinalda dada ao autor em novembro de 2015).

Neste mesmo dia, após a entrevista com dona Irinalda, desci a Rua Américo Brasiliense até o Sebo Ao Pé da Letra que de vez em quando eu visito quando venho ao bairro, para dar uma olhada em algum livro interessante. Mas desta vez a intenção era a de entrevistar o dono do sebo para saber da sua relação com os moradores do bairro. Entrei no sobrado em que o sebo está instalado e o proprietário do lugar me reconheceu e disse que eu poderia ficar à vontade. Observei que ele e outra moça estavam ocupados na arrumação e classificação de livros nas prateleiras. Peguei um livro na estante em que estão os títulos de história, ciências sociais e os folheei para me ambientar antes de conversar com eles. Disse ao proprietário que já tinha estado lá algumas vezes e que comprei alguns livros e ele disse que se lembrava de mim. Expliquei que desta vez tinha vindo para ver se ele poderia colaborar com minha pesquisa, expliquei todo o trabalho e ele me respondeu que sim, mas que eu poderia ir fazendo perguntas enquanto ele e a outra moça continuassem a trabalhar...Não teria problema nenhum. Então perguntei há quanto tempo estava lá, quem eram os clientes, se moradores do bairro frequentavam o sebo e ele começou a me responder, dando pequenas paradas no seu trabalho de arrumação:

Eu vim para cá em 93 quando este conjunto de sobrados era mais residencial...O dono aqui era um pediatra que começou a alugar pra mim. No começo era poucas pessoas que vinham, mas hoje já tem os habitués do bairro...Tem mais gente morando por aqui agora...tem os prédios. Eles entram, a gente conversa, veem livros, compram [...]. Também tem os de passagem...Tem muitas pessoas que trabalham hoje aqui no bairro, então eles entram na hora do almoço, aproveitar o tempo que resta...Compram também![...]. Tem muitas pessoas que se conheceram aqui, desse jeito que falei, na hora do almoço...Então conversam sobre livros...Muitas pessoas se conheceram aqui! Teve um casal que os dois eram conhecidos antigos e não se viam há muito tempo, e se encontraram aqui. Mantiveram relacionamento e acabaram se casando...Foram se encontrar no sebo Ao Pé da Letra! Só tem o espaço dos livros, mas as pessoas conversam comigo sobre ter uma sala de leitura! ( Entrevista do Sr. Sergio dada ao autor em novembro de 2015).

Durante a entrevista percebi que a moça que o ajudava ficava atenta à conversa, e às vezes falava algo concordando ou aprovando o que Sergio falava. Perguntei a ela se era moradora do bairro e ela disse que sim. Perguntei se poderia colaborar com a pesquisa. Ela ficou um

pouco hesitante como se estivesse pedindo autorização de Sergio. Este disse que não haveria nenhum problema desde ela continuasse as tarefas. Ela me disse que o nome dela é Adriana e eu perguntei a quanto tempo morava no bairro, quando veio trabalhar no sebo e ela começou a contar:

Eu moro aqui no bairro desde 1977, era pequena, uns nove anos de idade Mas já fui morar no Chile quando fazia estudos ligados a arquitetura pública. Depois voltei mas comecei a trabalhar no segmento farmacêutico...Eu vendia espirulina para a Fontovit que está aqui no bairro. Mas hoje eu faço trabalhos alternativos para ganhar uns troquinhos, né! Foi meu pai que me falou do sebo aqui...Ele falava que tinha um sebo lá na Américo e que eu ia gostar! Então estou aqui desde que abriu! ( Entrevista de Adriana dada ao autor em novembro de 2015).

Perguntei se ela se relacionava com os vizinhos na infância, se chegou a brincar nas ruas e ela lembrou:

Em 1977 eu tinha nove anos de idade. Meus pais vieram morar no bairro lá na Rua Ana Alvim...É perto da São Sebastião. Eu acho que sou da última geração de crianças que brincou na rua! A gente brincava de tudo...A molecada de hoje não sabe o que é brincar na rua!...A gritaria, as brincadeiras![...]. Hoje o bairro está muito movimentado e muito barulhento por causa das obras dos prédios...Eu odeio prédios! Gostaria que o senhor colocasse na sua pesquisa também o problema que os prédios trazem além do barulho! Tira toda ventilação que o lugar tem, fica com muita sombra também! Eu estou dizendo isso porque estudei o problema! E também que precisa muito mais água, mais eletricidade, tira o conforto das casas...Tira a naturalidade do lugar! [...]. Eu ainda converso com os vizinhos antigos que moram em casas...Às vezes vou tomar café com eles. Com o pessoal do prédio não! Teve uma vez que eu cheguei a fazer amizade com uma mulher de um prédio aqui... Cheguei a ir no apartamento dela. Aí fiquei sabendo que o marido dela não queria aproximação com o pessoal do bairro...Que não queria relacionamento com estranhos! Aí eu parei de me relacionar com ela!

Esta experiência que Adriana teve com moradores de um prédio da vizinhança, encontra explicação no que Tereza Caldeira (2000) coloca sobre a indiferença e a desconfiança que moradores de condomínios fechados têm em relação ao espaço público e aos que nele marcam presença. Esta indiferença vem de um estilo de vida dentro destes condomínios fechados muitas vezes incentivados pelas narrativas sobre a violência e a apropriação destas narrativas como forma de propaganda de empresas ligadas ao segmento imobiliário, como também pela assimilação do próprio processo de segregação e controle de entrada e saída de pessoas destes condomínios fechados onde todos que circulam no espaço público ao redor destes passam a ser suspeitos:

Além disso, no contexto de crescente medo do crime e de preocupação com a decadência social, os moradores não mostram tolerância em relação a pessoas de diferentes grupos sociais [...]. Em vez disso eles adotam técnicas cada vez mais sofisticadas de distanciamento e divisão social. [...]...um ato banal como visitar uma irmã implica lidar com guardas particulares, identificação, classificação, portões de ferro [...]. O homem aproximando-se do portão é um bom candidato a suspeito, já que anda a pé em vez de guiar um automóvel, ou seja, usa o espaço público da cidade de uma maneira que os moradores do condomínio rejeitam.[...]. ( CALDEIRA, 2000: 255, 257).



**Fig. 42. Sr. Sérgio e Adriana no sebo Ao Pé da Letra situado na Rua Américo Brasiliense na Chácara Santo Antonio.**

**Foto do autor. 2015.**

Os depoimentos aqui registrados de pessoas que moram atualmente em prédios de apartamento e mesmo de antigos moradores como o de novos que residem em casas abertas ao espaço público na Chácara Santo Antonio, denotam um afastamento ou indiferença às ruas do bairro no que se refere à práticas de sociabilidade que tomaram lugar durante o período industrial do bairro. Conversar com pessoas proprietárias de comércio, ou mesmo conviver com conhecidos dentro de equipamentos instalados no bairro, como nos casos relatados pelo Sr. Sergio do sebo Ao Pé da Letra, constitui-se em formas de convívio fora de casa.

Foi de interesse para esta pesquisa, entre outras coisas, o que foi dito por Adriana em relação ao que ela fala de achar que talvez tenha pertencido à última geração de crianças que brincaram na rua, como também sobre o depoimento de Flávia que nasceu no início da década de 1980 que também chegou a brincar na rua.

Durante o início de minha pesquisa, entre 2010 e 2011, empreendi uma enquete junto a 303 alunos da EMEF Jocam, situada na Rua da Paz na Chácara Santo. O objetivo era o de saber quantos alunos residiam no bairro, qual o tipo de residência em que moravam e se brincavam na rua ou se chegaram a brincar até o momento da enquete. A enquete teve como modo de obtenção de dados, um questionário envolvendo perguntas sobre os quesitos descritos acima e que deveriam ser levados para casa e respondidos em conjunto com os pais dos alunos e devolvidos para a coordenadora de ensino na época, Sra. Valéria que, após quatro revisões do questionário apresentado, concordou que o mesmo fosse aplicado.

Após a devolução e tabulação dos resultados, pude chegar às seguintes conclusões descritas abaixo:

#### LOCAL DE RESIDÊNCIA DOS ALUNOS

Chácara Santo Antonio:	143	47,2%
Outros bairros:	160	52,8%
Total:	303	100%

Sobre esta maioria absoluta residir em outros bairros, A Sra. Valéria explicou que a maioria são filhos de pessoas que vêm trabalhar no bairro e deixam os filhos na escola; explicou que os mesmos permanecem na escola para práticas de esporte e estudos. Atendo-se somente sobre aqueles que residem no bairro, temos o seguinte:

#### TIPO DE RESIDÊNCIA DOS ALUNOS DO BAIRRO

Casa	123	86%
Apartamento	20	14%
Total	143	100%

Visto o bairro estar ainda em processo de verticalização de moradias com a chegada dos condomínios fechados, é plausível que a maioria ainda more em residências construídas ainda durante o ciclo industrial do bairro. Com o intuito de se saber se estes alunos tinham algum tipo de interação social no espaço público do bairro, temos o seguinte quadro:

#### ALUNOS QUE RESIDEM EM CASAS

Brincam na rua ou já brincaram	33	26,8%
Brincam em casa ou em casa de amigos	90	73,2%
Total	123	100%

### ALUNOS QUE RESIDEM EM APARTAMENTOS

Brincam ou já brincaram na rua	02	10%
Brincam no prédio ou em casa de amigos	18	90%
Total	20	100%

Como podemos depreender, independente da quantidade maior de alunos que residem em casas no bairro em relação aos que moram em apartamentos, para os dois tipos de residência, a grande maioria de alunos não brinca no espaço público, preferindo brincar dentro dos prédios ou em casa de colegas. Podemos constatar também que, entre os que moram em casa, temos uma porcentagem maior (73,2%) dos que brincam ou já brincaram na rua, em relação aos que moram em apartamentos (10%). Podemos ter como causa dos alunos que moram em apartamentos preferirem os espaços fechados para se sociabilizarem com os colegas, o fato de já trazerem o estilo de vida dos pais que moram em condomínios fechados esta tendência de se apartarem do espaço público, visto que atualmente este tipo de condomínios já trazerem as comodidades de lazer como descrito por Tereza Caldeira (2000). Caldeira faz uma referência à uma característica cada vez mais comum aos condomínios fechados, independente de estarem localizados distantes do centro da cidade de São Paulo, como no caso dos da Granja Viana ou Alphaville localizados em rodovias, mas os que estão também cada vez mais presentes presentes na Chácara Santo Antonio:

Além de serem distantes, segregados e seguros, supõem-se que os condomínios fechados sejam universos autocontidos. Os moradores devem ter a seu dispor quase tudo que precisam para que possam evitar a vida pública da cidade. Para tanto, os equipamentos de uso coletivo que transformam muitos condomínios em sofisticados clubes. ( CALDEIRA, 2000: 267).

Ainda para constatar que o bairro sofreu um esvaziamento das ruas com relação a estas práticas de sociabilidade entre crianças e adolescentes, quais sejam, modalidades de brincadeiras que são típicas deste espaço, temos um quadro geral que atesta esta tendência deste esvaziamento na Chácara Santo Antonio:

### SOCIABILIDADE ENTRE ALUNOS DA CHÁCARA SANTO ANTONIO

Brincam na rua ou já brincaram	35	24,5%
Brincam no próprio prédio ou em casa de amigos	108	75,5%
Total	143	100%

Com estes dados fica mais evidente que a maioria dos alunos que moram na Chácara Santo Antonio tendiam a brincar em espaços fechados com os colegas na ocasião da realização deste estudo.

Ainda com a intenção de constatar a presença dos alunos do Jocas brincando em ruas do bairro, procedi um mapeamento segundo o logradouro dos alunos que moravam em casas. Neste mapeamento, foi observado que a maioria dos alunos moravam nas proximidades onde hoje está instalado o Consulado dos Estados Unidos que, como já foi dito nesta pesquisa ocupa hoje as antigas instalações da Sandoz, uma empresa multinacional do segmento farmacêutico. Durante as férias de julho de 2011, dirigi-me aquela região do bairro onde moravam os alunos. Cheguei próximo à Rua Enxovia no local próximo ao Consulado e percebo uma grande movimentação de pessoas entrando e saindo do local, provavelmente providenciando vistos de entrada, visto o consulado concentrar esta atividade lá. Percebi também muitos agentes de segurança no local, com vestimentas típicas de empresas do segmento, com rádios comunicadores e andando a todo o momento. Concluí que o entorno do Consulado deveria ter-se tornado área de segurança. Andei devagar com a motocicleta em busca de localizar crianças que estivessem nas ruas em alguma atividade lúdica, visto o período ser de férias.

Não demorou muito para que eu levantasse suspeitas e logo um dos agentes de segurança veio em minha direção e me perguntou porque eu estava lá e andando devagar com motocicleta. A suspeita para o segurança pareceu tornar-se mais evidente quando respondi o que estava em minha mente e que era somente o objetivo da procura. Respondi-lhe que estava procurando crianças brincando na rua! Rapidamente o semblante do agente de segurança modificou-se; ele retirou os óculos escuros e com ar de reprovação e em tom mais grave me perguntou: “Qual a intenção do senhor em procurar crianças na rua!”. Percebendo a imprudência da objetividade pouco elucidativa de minha resposta, expliquei todo o objetivo de meu trabalho, procurando obter a compreensão e colaboração do agente. Desfeito o mal entendido, ele me apontou para a direção da Rua Enxovia, me dizendo que havia visto ali uns garotos empinando pipas. Agradei dirigindo-me à Rua Enxovia e lá estavam três garotos. Um deles estava ocupado em manter uma pipa no ar enquanto os outros dois olhavam e conversavam entre si.

Aproximei-me e perguntei se eles estudavam no Jocas e um deles, respondeu que sim. Perguntei se ele chegou a responder um questionário que os professores passaram para ser respondido junto com os pais e ele afirmou que lembrava e que respondeu. Disse a ele que fui

eu que pedi para a coordenadora de ensino passar os questionários. Nessa hora ele ficou surpreso e começou dar mais atenção ao assunto assim como os outros dois meninos. Então perguntei onde morava, qual a idade, se brincava sempre na rua, sobre os colegas que moravam em prédios e Júlio me respondeu:

Meu nome é Júlio. Eu moro na Antonio Chagas 350. Eu moro com meus avós...Tenho quatorze anos [...]. A gente aqui joga bola na rua, solta pipa. A gente tinha um campinho lá perto da Marginal, mas depois eles acabaram com o campo lá pra construir prédio...A gente joga na rua.[...]. Depois que fizeram os prédios, parece que tem menos pessoas na rua. Às vezes a gente chama os moleques do prédio pra jogar com a gente, mas eles não descem não! Agora, de noite aqui, a gente tem medo de sair! Ficou perigoso...Tem bandido, estuprador na rua! ( Entrevista de Julio dada ao autor em julho de 2011).

Antes de me dirigir ao local onde conversei com Julio como também logo após a conversa, tive o cuidado de passar por várias ruas do bairro até perto dos limites com a Granja Julieta e até mais próximo da divisa com o Brooklin Paulista para ver se observava movimentação de crianças ou outras pessoas nas ruas praticando formas de sociabilidade. Parece que só naquela parte do bairro onde se encontravam os três meninos é que eu pude constatar tais práticas na rua e numa região onde as casas são mais antigas e situadas na porção do bairro onde se intensifica mais a ressignificação dos espaços em função do novo protagonismo econômico existente na Chácara Santo Antonio.

Procurei neste capítulo levantar as formas de sociabilidade praticadas no bairro a partir do momento em que este começou a sofrer transformações em suas representações de espaço em função do processo de desindustrialização e a intensificação das atividades de serviços e comércio, muitas vezes ocupando antigas instalações industriais e mesmo residências. Além das formas de sociabilidade que são privilegiadas pelos moradores neste período, procurei pesquisar também as dinâmicas sociais que passam a existir na Chácara Santo Antonio e de como os seus moradores percebem o espaço público em função da chegada dos condomínios fechados, a intensificação da violência, o esvaziamento das ruas, a chegada de novos vizinhos com estilo de vida diferente daquele dos moradores antigos e como os mesmos se relacionavam nesta nova situação do bairro.

## **Conclusões finais.**

Gostaria de iniciar as considerações finais desta pesquisa que teve por objetivo, o de pesquisar as formas de sociabilidade que foram e estão sendo praticadas pelos moradores do bairro Chácara Santo Antonio, tendo-se como referência espaço-temporal, o ciclo industrial compreendido entre 1950 e meados da década de 1980, e na atualidade como bairro de serviços e comércio, fazendo um último relato de um encontro de amigos ocorrido no final de 2015.

Como está se tornando um hábito entre os meus amigos da Turma da Esquina, nos encontramos na residência de Fúlvio Varo às vésperas do natal para um brinde de final de ano. Estavam presentes nessa ocasião: Fúlvio, José Tadeu, João Leiva, José Luiz e Maria José, as respectivas esposas e eu. Entre conversas sobre a rotina de cada um, as preocupações com filhos, com os negócios, profissões, não demorou muito para que iniciássemos a falar dos “bons tempos” da juventude, as aventuras, o bairro, as andanças e tudo mais. Veio à tona a lembrança de um rapaz que na época era conhecido como “o sombra” do qual eu não me lembrava. Tinha este apelido pois, segundo Tadeu, ele chegava de mansinho quando estávamos conversando na esquina e todos concordavam que ele não pertencia efetivamente à Turma. Logo começamos a questionar como este rapaz foi parar na turma, mesmo que tenha sido por um breve tempo. Então foi lembrado por Tadeu que quem conhecia o rapaz e o trouxe até a Esquina foi o Nelson, “o Gordo”. José Luiz lembrou que, para ser aceito, “o sombra” concordava com tudo, ria de piadas que eram contadas sem mesmo ter entendido. Tadeu lembrou que ele era diferente, pois se vestia com roupas “granfinas”, coisa que naquela época não poderíamos ter. João Leiva lembrou que ele morava duas ou três ruas para baixo da esquina e o pai na época tinha uma pequena oficina que fazia móveis e bancadas de aço inoxidável. Tadeu ainda lembrou que, quando “o sombra” estava chegando, todo mundo fugia da esquina e alguém dizia: “Turma, lá vem o sombra...vamos fugir!”. E outras coisas mais foram lembradas, de como quando íamos jogar bola nos campinhos que havia no bairro, ele não ia e, se ia, era colocado no gol pois não sabia jogar nada! E assim durante a conversa, com as lembranças individuais sendo trazidas à tona através de narrativas sobre o rapaz, narrativas estas compartilhadas e sustentadas coletivamente, construímos a figura do “sombra”, que na verdade chamava-se Otho: uma pessoa que não pertencia efetivamente à Turma, um “bicão”, como se conhecia na época. Outras histórias de aventuras e de pessoas foram lembradas formando a convivência da Turma da Esquina na Chácara Santo Antonio.

Gostaria de chamar a atenção aqui para o fato de narrativas serem construídas por lembranças individuais e que, por vezes segundo Halbwachs (HALBWACHS *apud* BOSI, 2001) ,sofrem a influencia ou são aceitas coletivamente. Estas narrativas de lembranças têm como suporte de referência, lugares, vivências, a presença em territorialidades carregadas de significado e de sentimento de pertencimento, sentimento este construído pela presença e convivência de grupos de indivíduos ao longo do tempo. No caso da Turma da Esquina, por exemplo, estas territorialidades têm como exemplo mais destacado a própria esquina em que os amigos se reuniam diariamente, durante o dia, a noite e mesmo nos finais de semana. Outras territorialidades como campinhos de futebol instalados em terrenos baldios, a mercearia em frente à esquina onde se tomavam a Tubalina depois dos jogos também foram formas de ocupação de espaços por longos anos ainda no período industrial do bairro. E neste sentido de ocupação de espaços do bairro como ruas, calçadas, terrenos baldios acabaram por marcar a presença de grupos de pessoas, quer sejam crianças, jovens, adultos que mantinham identidade e sentido de pertencimento ao lugar naquela perspectiva de vizinhança e amizade em espacialidades bem conhecidas a que Magnani classifica como *pedaço*. Ou seja, o período industrial do bairro demandando a chegada de mais moradores na Chácara Santo Antonio, com ruas ainda calmas e em sua maioria de terra, casas possuindo muros ainda baixos e uma relativa despreocupação com os “perigos da rua” e a tradição de ocupação do espaço público trazida ainda antes do período de intensificação da industrialização foram condições fundamentais para a formação destas territorialidades conhecidas como *pedaço* onde foi possível o desenvolvimento de formas de sociabilidade abordadas no segundo capítulo desta dissertação.

Com o processo de desindustrialização do bairro a partir da década de 1980, inicia-se também uma reocupação dos espaços deixados por empresas transformando o bairro numa região ocupada prioritariamente por atividades de serviços e comércio. Junto a estas transformações, começa a ocorrer também o esvaziamento de ruas, resultado do aumento da violência e criminalidade ocorrida em toda a cidade de São Paulo. A ressignificação da espacialidade no bairro, com a chegada das Universidades, a ocupação de imóveis residenciais pelas novas atividades econômicas, foram acompanhadas também pela chegada dos condomínios fechados à Chácara Santo Antonio, trazendo novos estilos de vida típicos deste tipo de residências. A indiferença ao espaço público do bairro, a violência nas ruas e o aumento do transito local, resultaram na diminuição de práticas de sociabilidade características do período industrial do bairro, onde laços de vizinhança e de amizade e que se

reproduziam nas conversas de portões, calçadas e ruas deixa de existir de maneira significativa.

Outras formas de sociabilidade tomaram lugar no bairro que não aquelas que envolviam uma identidade formada pelos laços de vizinhança e de amizade locais. As conversas casuais entre moradores e proprietários e empregados do comércio e empresas de serviços instaladas no bairro, assim como as formas de sociabilidade entre os alunos da Unip têm uma característica comum: afinidades a determinados gostos e preocupações futuras como carreira e que fazem que pessoas estejam reunidas em determinados locais, compartilhem determinados gostos sem necessariamente viverem e residirem próximos e terem experiências compartilhadas no local em que residem. As pessoas que vão ao sebo Ao Pé da Letra conhecem-se, compartilham assuntos, estreitam relacionamentos sem necessariamente serem vizinhos ou colegas de infância; os alunos de “ADM” na Unip preferem o bar Batatinha e se relacionam em formas de sociabilidade características deste tipo de ambiente e também por que compartilham de um mesmo interesse profissional que os mantém unidos, mas não tiveram entre si, as experiências típicas da ocupação de ruas trazidas por uma convivência mais duradoura no tempo e no espaço. É a forma de se estar junto com pessoas que veem de diferentes lugares, mas que se aproximam por determinados interesses, por se identificarem por determinados gostos e preocupações. A categoria *pedaço* na Chácara Santo Antonio, deu lugar a uma outra de espacialidade maior, com equipamentos direcionados a uma determinada atividade, quer seja de trabalho, lazer ou estudos, onde as pessoas que para lá vão se deslocam em trajetos e com pessoas de interesses mútuos: uma *mancha*.

**Bibliografia utilizada**

LEFEBVRE, Henri. Industrialização e Urbanização. Noções preliminares. In O Direito a cidade. São Paulo. Editora Centauro, 2001.

FRUGOLI JUNIOR, Heitor. São Paulo: espaços públicos e interação social. São Paulo. Marco Zero, 1995.

PARK, Robert E. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento Humano (pp. 26-67). In VELHO, Otavio (org). O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro. Zahar, 1967, pp. 26-67. (1916).

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. ECKERT, Cornelia. Etnografia da Duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre. Marca Visual, 2013.

BARBOSA, Andrea. Fotografia, narrativa e experiência. Artigo publicado em BARBOSA, Andrea; CAIUBY NOVAES, Silvia; CUNHA, Edgar Teodoro & HIKIJI, Rose S. G. A experiência da imagem na etnografia. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2016.

BURGUESS, Ernest W. O crescimento da cidade: introdução a um projeto de pesquisa. In PIERSON, Donald (org). Estudos de ecologia humana. São Paulo. Martins Fontes, 1948 pp. 353-368.

LOPES, Juarez Rubens Brandão. Sociedade Industrial no Brasil. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo. 1964.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes do fazer. Petrópolis. Vozes, 2007.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo. Editora 34-EDUSP, 2000.

SCHNEIDER, Eugene V. Sociologia Industrial. Relações Sociais entre a Indústria e a Comunidade. Rio de Janeiro. Zahar. 1976.

SIMMEL, Georg. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. Revista Mana 11(2): 577-591.2005.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da Sociologia. Rio de Janeiro. Zahar. 2006.

HARVEY, David. A Produção Capitalista do Espaço. São Paulo. Annalube Editora. 2005

HARVEY, David. A Condição Pós Moderna. São Paulo. Edições Loyola. 1994.

IANNI, Octavio. O Colapso do Populismo no Brasil. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1975.

IANNI, Octavio. Cidade e Modernidade. IN SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; LINS, Sonia Correia; SANTOS, Maria do Pilar Costa & SANTOS, Murilo da Costa. Metrópole e Globalização. Conhecendo a Cidade de São Paulo. São Paulo. Editora CEDESP. 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais – Vol. 17 No. 49. Junho/2002.

MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2009.

LEITE, Miriam Moreira. Retratos de família: leitura da fotografia histórica. São Paulo. Editora Universidade de São Paulo. 2001.

VELHO, Otávio. Um Antropólogo na Cidade. Rio de Janeiro. Zahar. 2013.

ROLNIK, Raquel. Para Além da Lei: Legislação Urbanística e Cidadania em São Paulo. IN: Metrópole e Globalização: Conhecendo a Cidade de São Paulo. São Paulo. CEDESP. 1999.

LINGUANNOTO, Daniel. In O Balé do IV Centenário. SESC. 2004.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. Nas Tramas da Segregação: O Real Panorama da Pólis. São Paulo. Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. 2008.

PÁDUA, Rafael Faleiros de. Implicações socioespaciais da desindustrialização e da reestruturação do espaço em um fragmento da metrópole de São Paulo. FFLCH, 2008.

Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp> acessado em 07/09/2011

PETRONI, Pasquale. A Cidade de São Paulo no Século XX. IN Revista de História da Universidade de São Paulo, Volume 10. São Paulo. 1955.

Disponível em [www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/36445/39168](http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/36445/39168)

Acessado em 02/03/2016.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro. Dumará Distribuidora de Publicações Ltda. 1995.

Disponível em [www.marizapeirano.com.br/livros/a\\_favor\\_da\\_etnografia.pdf](http://www.marizapeirano.com.br/livros/a_favor_da_etnografia.pdf)

Acessado em 08/11/2015.

PONCIANO, Levino. São Paulo 450 bairros, 450 anos. São Paulo. Editora Senac. 2004.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

ANDRADE, Juliana de & COELHO JR., Marcio Novaes. A Importância dos Bairros-Jardins na Conformação da Cidade de São Paulo. IN Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística Vol. 3 No. 1. Centro Universitário Senac. São Paulo. 2013. Disponível em:

[www.revistas.sp.senac.br/index.php/ic/article/viewFile/503/443](http://www.revistas.sp.senac.br/index.php/ic/article/viewFile/503/443) acessado em 02/03/2016.

ARRUTI, Jose Maurício. Povos Indígenas no Brasil. Instituto Socio Ambiental, 2005.

Disponível em:

[pib.socioambiental.org/pt/povo/pankararu/883](http://pib.socioambiental.org/pt/povo/pankararu/883)

acessado em 20/01/2016.

BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. Revista Estudos avançados. Instituto de Estudos Avançados-USP, vol. 17, no. 47. 2003. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000100012&script=sci_arttext)

acessado em 23/01/2015.

————— Folha de S. Paulo/Imóveis de 03/02/2013. Disponível em:

<http://classificados.folha.uol.com.br/imoveis/1224732-chacara-santo-antonio-deve-manter->

Acessado em 03/06/2013.

—————Folha de S. Paulo/C4 cotidiano de 04/05/2010.

————— Revista Miscellaneus Ed. 16. Biblioteca Municipal Kennedy. Santo Amaro. 2004.